

FERNANDA SILVEIRA CORRÊA

**AS TEORIAS DA VIVÊNCIA DE DOR E DA VIVÊNCIA DE
SATISFAÇÃO, NO “PROJETO DE UMA PSICOLOGIA”, DE FREUD**

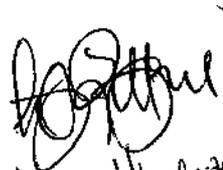
**Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Filosofia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual
de Campinas sob a orientação do
Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani**

**Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em**

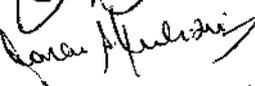
 / /

BANCA

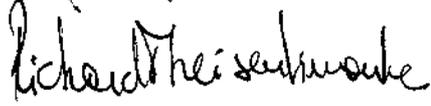
Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani (Orientador)



Profa. Dra. Carmem Beatriz Milidoni (membro)

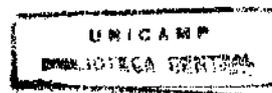


Prof. Dr. Richard Theisen Simanke (membro)



Prof. Dr. Luiz Benedicto de Lacerda Orlandi (suplente)

DEZEMBRO/ 1999



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	11/2000/1
	C.817 t
V.	EX
TOMOS BL.	40246
PROC.	278/00
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO R\$	11,00
DATA	01/02/00
N.º CPD	

CM-00134820-3

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Corrêa, Fernanda Silveira
C 817 t **As teorias da vivência de dor e da vivência de satisfação, no
"Projeto de uma Psicologia", de Freud / Fernanda Silveira Corrêa.**
-- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador: Luiz Roberto Monzani.
**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise.
**3. Metapsicologia. I. Monzani, Luiz Roberto. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**
III. Título.

Para minha filha Sofia

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Luiz Roberto Monzani, pelas leituras atentas e observações precisas que me possibilitaram romper com um pensamento circular e concluir este trabalho; ao Professor Osmyr Faria Gabbi Junior, por, entre outras razões, ter me apontado a importância do *Projeto de uma psicologia*; à Universidade de Santo Amaro (UNISA), pelo auxílio capacitação docente concedido por um ano e meio, e ao C.N.P.Q., pela bolsa concedida por dois anos e meio; à M. Celina Aquino Vasconcellos e à Dora Silveira Corrêa Monteiro, pelas leituras deste trabalho, que muito me incentivaram; e à Renata Silveira Corrêa, pelo constante auxílio em informática.

Índice:

Introdução.....	1
Capítulo 1: A teoria da vivência de dor.....	12
1.Tendência a afastar o estímulo externo.....	13
2.Tendência a eliminar os estímulos externos.....	17
3.Tendência a executar uma defesa eficiente - memória da vivência de dor.....	23
4.Tendência a repudiar as recordações que provocam desprazer - repressão.....	38
Capítulo 2: A teoria da vivência de satisfação.....	49
Capítulo 3: O desenvolvimento do eu.....	62
Capítulo 4: A repressão patológica.....	122
Capítulo 5: O destino teórico da vivência de dor e da vivência de satisfação.....	143
Bibliografia consultada.....	147

Introdução

Durante uma noite em que estive muito ocupado ... de repente as barreiras caíram por terra, os véus se desfizeram e me foi possível enxergar desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. Parecia que tudo se encaixava, as engrenagens se ajustavam, dando a impressão de que o conjunto era realmente uma máquina que de um momento para outro começaria a andar sozinha¹.

Assim Freud descreveu a Fliess sua impressão sobre a primeira apresentação metapsicológica que acabava de formular e que encontramos no texto *Projeto de uma psicologia*: uma máquina em que todas as engrenagens se ajustam e, na qual, é possível enxergar todos os detalhes do funcionamento psíquico. Neste trabalho analisaremos o *Projeto de uma psicologia*, seguindo essa inspiração freudiana. Tentaremos, dentro do possível, encaixar e ajustar todos os elementos do texto, articulando-os num conjunto coerente.

Sabemos que o entusiasmo de Freud com essa máquina capaz de explicar todo o funcionamento psíquico foi temporário. O *Projeto* não foi publicado por Freud e nem mesmo ultrapassou sua condição de rascunho². Além disso, menos de três meses depois de enviá-lo a Fliess, Freud já corrigia o modelo nele apresentado, sem, com isso, chegar a uma solução que lhe parecesse satisfatória³.

O modelo do aparelho psíquico apresentado no *Projeto* fracassou, aos olhos de Freud, por não oferecer uma explicação satisfatória para a repressão patológica. A recusa

¹ Freud, Sigmund, Carta a Wilhem Fliess, 20 de outubro de 1895 – em: A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess / Masson, Jeffrey Moussaieff – Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 147.

² O *Projeto* só foi conhecido pelo público quando encontrado na correspondência de Freud enviada a Fliess.

³ Em 1 de janeiro de 1896, Freud envia uma carta a Fliess na qual reformula o modelo psíquico do *Projeto* para explicar a dor endógena provinda da enxaqueca: “Suas observações sobre a enxaqueca levaram-me a uma idéia em consequência da qual todas as minhas teorias $\varphi\psi\omega$ precisariam ser completamente revistas ... Agora em meu novo esquema, insiro esses neurônios ω entre os neurônios φ e os neurônios ψ ” (Id., p.160). Esse modelo será mais útil que o do *Projeto* não só para explicar a dor endógena como também para explicar a origem do eu, quando Q endógena (e não Q exógena) provoca um processo de defesa. Freud, na carta, é explícito quanto a isso: “É muito mais fácil hoje entender a regra da defesa, que não se aplica às percepções, mas apenas aos processos ψ .” (Id., p. 161). No entanto, se esse novo modelo é mais útil para explicar a origem do eu, ainda não será satisfatório para explicar a repressão patológica. Ele também será provisório. Somente quando forem supostos distintos sistemas ψ , nos quais as mesmas representações se associam com sensações ω distintas (uma mesma representação associa-se ao prazer em um sistema e ao desprazer em outro), Freud estará satisfeito com seu modelo a ponto de publicá-lo.

de Freud do modelo do *Projeto*, a nosso ver, não se deve à associação dos processos psíquicos aos processos neurológicos. Da neurologia Freud só utiliza a noção de neurônios: partículas materiais nas quais circulam quantidades e, assim, associam-se entre si. A recusa deve-se sim ao modelo da repressão – fuga das quantidades externas (da dor) – utilizado para explicar a repressão patológica⁴. O modelo do *Projeto* é o fundamento da teoria traumática e ambos serão recusados por Freud como explicação da patologia. No entanto, é relevante o fato de esse modelo, assim como a teoria traumática, ter orientado a prática e as primeiras formulações teóricas psicanalíticas. Nesse sentido, seu valor histórico é incontestável.

O entusiasmo de Freud com o aparelho psíquico proposto no *Projeto*, no entanto, justifica-se não só pelo fato de ele explicar, através de um modelo, quase que concreto, suas suposições da teoria traumática (motivo de sua recusa), mas também pelo fato de ele conseguir dar conta, em um conjunto coerente, da totalidade das funções psíquicas. Êxito que não é alcançado em nenhum texto publicado de Freud e que, de certa forma, justifica a presença das concepções elaboradas no *Projeto*, por toda obra freudiana⁵. No *Projeto* são explicados: a percepção, a ação reflexa, a representação do mundo externo no psiquismo, a memória, a consciência, o afastamento das recordações dolorosas, o desejo, a alucinação, o julgamento, a atenção, o pensamento, a ação voluntária, o papel dos signos lingüísticos, a imitação e a repressão patológica. Todos esses processos psíquicos são fundamentados em duas teorias: a teoria da vivência da dor e a teoria da vivência da satisfação. A teoria da vivência da dor determina a estrutura do aparelho psíquico e parte de seu funcionamento: a percepção, a ação reflexa, a representação, a memória, a consciência e a repressão

⁴ Como Freud afirma, em carta enviada no dia 8 de outubro de 1895, a elucidação da repressão patológica não estava satisfatória: “Estou guardando um terceiro caderno, que trata da psicopatologia da repressão, pois ele só investiga seu tópico até certo ponto. ... depois de um excesso de tortura mental, digo a mim mesmo com apatia: ainda não está e talvez nunca fique coerente. O que ainda não está coerente não é o mecanismo – posso ser paciente quanto a isso –, e sim a elucidação da repressão – cujo conhecimento clínico fez grandes progressos em outros aspectos” (Id., p. 142).

⁵ Assim Strachey relaciona as concepções do *Projeto* com o resto da obra de Freud: “o *Projeto*, apesar de ser manifestamente um documento neurológico, contém em si o núcleo de grande parte das teorias psicológicas que Freud desenvolveria mais tarde. Nesse sentido, sua descoberta não tem apenas interesse histórico; na verdade esclarece, pela primeira vez, algumas das hipóteses fundamentais mais obscuras de Freud. ... Mas na realidade o *Projeto*, ou melhor, seu espírito invisível, paira sobre toda a série de obras teóricas de Freud até o fim”. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Rio de Janeiro – Editora Imago – 1977. Volume 1, p. 390.

(afastamento das recordações dolorosas), ela explicita os pressupostos da teoria traumática que orientou a prática clínica de Freud até então. A teoria da vivência de satisfação, por sua vez, fundamenta o conceito de desejo e de eu, dando conta dos processos psíquicos em gerais. O conceito de desejo desenvolvido no *Projeto* é, por sua vez, o embrião dos conceitos, posteriormente desenvolvidos na teoria freudiana, de inconsciente e sexualidade.

No *Projeto*, o conceito de repressão (baseado na teoria da vivência da dor) é independente do conceito de desejo (baseado na teoria da vivência de satisfação). Repressão e desejo só são soldados, um ao outro, em textos posteriores ao *Projeto*, quando o reprimido se identifica com o desejado. No *Projeto*, ambos os conceitos são desenvolvidos, porém, sem qualquer vinculação essencial entre eles. Compreender a independência original dos conceitos de repressão e de desejo nos possibilita um melhor entendimento da difícil empreitada posterior de Freud de uni-los, empreitada que foi executada quando do abandono do modelo do *Projeto*. Por exemplo, nos auxilia a compreender porque a suposição de uma identidade entre objetos de desejo e objetos reprimidos exigiu a suposição de distintos sistemas psíquicos (prazer para um sistema é desprazer para outro) e a suposição do desenvolvimento sexual (que justifica a repressão, i.e., as barreiras que impedem as manifestações sexuais infantis). Nosso trabalho, no entanto, restringe-se a indicar a independência de ambos os conceitos no *Projeto*, e não sua vinculação posterior.

Nesse sentido, a leitura do *Projeto* justifica-se não só por seu valor histórico, mas por nos auxiliar a compreender a própria rearticulação conceitual que teve de ser feita quando o modelo do psiquismo proposto no *Projeto* foi abandonado.

Além disso, o *Projeto* ainda apresenta um fato bastante instigante: ambas as teorias – da vivência de dor e da vivência de satisfação – não são conflitantes. Instigante já que aprendemos, inclusive com o próprio Freud, que a teoria da sexualidade (destino que tem a teoria do desejo) é fruto do abandono da teoria traumática (a teoria da vivência de dor). É evidente que no *Projeto* não encontramos a teoria da sexualidade, mas sim o embrião do que será considerado o desejo sexual. Mesmo que a noção de desejo, no *Projeto*, seja apenas embrionária, lá já estão as idéias fundamentais que determinaram o

desejo sexual: repetição da vivência de satisfação, incapacidade para a ação específica e satisfação ilusória. O que nos intriga é a convivência pacífica, nesse texto, da noção de desejo, que posteriormente será causa da repressão, e da noção de trauma, que no *Projeto* justifica a repressão. Em outras palavras, a independência dos conceitos de repressão e desejo, no *Projeto*, não repousa na existência de teorias contraditórias que coabitam o mesmo texto. Só quando Freud vincular a repressão ao desejo (o que será feito depois do *Projeto*), as teorias traumática e sexual (ou do desejo) serão inconciliáveis. No *Projeto*, as teorias da dor (trauma) e da satisfação (desejo) são apresentadas de forma bastante harmônica. A teoria da vivência de satisfação, apesar de inaugurar um novo campo e um novo funcionamento no aparelho psíquico, campo do desejo e do eu, é pensada sobre um aparelho psíquico cujos princípios e fundamentos coincidem com aqueles da teoria da vivência de dor.

Assim, uma leitura que, sem confundir as teorias, enfatize a relação entre elas e não se paute por contradições que o desenvolvimento posterior da obra de Freud poderia ter encontrado nesse texto – mas que acompanhe a argumentação do mesmo – nos possibilita compreender de forma mais direta o momento de constituição desses conceitos embrionários fundamentais à teoria psicanalítica.

A recusa do *Projeto*, por parte de Freud, pode ser compreendida como fruto de uma nova interpretação da repressão que exigiu uma rearticulação dos conceitos desenvolvidos no *Projeto*. Assim, parece-nos mais prudente, como leitores da obra freudiana, não acompanhar a recusa de Freud. Mesmo porque, como em outros momentos da obra freudiana, o que foi recusado foi, de alguma forma, retomado pelo próprio Freud posteriormente. Ao recusar a teoria traumática como explicação da repressão, Freud deixou de lado também os princípios do aparelho psíquico que constituíam o núcleo dessa teoria. Seu interesse voltou-se somente à teoria da vivência de satisfação. Esse abandono, entretanto, foi temporário. Reflexões sobre a dor e sobre a fuga foram retomadas com a introdução do conceito de narcisismo e, nesse momento, não mais utilizadas para a compreensão de repressão, mas para a compreensão do próprio conceito de sexualidade. Os conceitos de castração e de objeto castrador parecem inserir no âmago da teoria da sexualidade elementos da teoria da vivência de dor.

Aqui, mais uma vez, encontramos aquele movimento do pensamento freudiano metaforizado por Monzani como um pêndulo e uma espiral:

De um lado, o discurso freudiano aparece claramente como pendular, isto é, ora enfatiza um pólo da questão, ora o seu oposto. ... Seguindo, porém, este movimento pendular, percebemos que ele acaba formando, quando penetramos nesta complicada rede teórica que é o freudismo, um movimento espiralado, com a condição de se pensar esta imagem no espaço e cilíndricamente, onde as mesmas questões são abordadas, esquecidas, retomadas, mas não no mesmo nível em que estavam sendo tratadas anteriormente ... Trata-se de vários procedimentos e operações ... E cada uma destas operações leva, por sua vez, freqüentemente, a que se obrigue a repensar o conjunto dos conceitos que lhe são vizinhos e assim por diante⁶.

Encaramos o *Projeto* como a base dessa espiral, sobre a qual se desenvolverá, num movimento pendular (ora enfatizando um aspecto, ora enfatizando seu oposto) que exige constante rearticulação do todo, o edifício psicanalítico.

Assim tentamos evitar duas opções problemáticas da leitura do *Projeto*, apontadas por Monzani:

... que atitude devemos adotar em relação ao texto do Projeto de uma psicologia para neurólogos, de 1895? Duas grandes correntes, em franca oposição, se instalaram. A primeira não vê nesse texto nenhum outro interesse senão o de mera erudição histórica. Texto inacabado, não publicado e não reconhecido pelo autor, ele deve, portanto, ser encarado como uma peça de museu. Já a segunda corrente, representada por autores com preocupações mais filosóficas, vê no Projeto... o embrião do conjunto de teses e teorias psicanalíticas que Freud desenvolverá e explicitará no decorrer de sua obra posterior. Nessa última hipótese, no entanto, não se detecta nenhum corte, nenhuma censura radical em sua obra e uma certa identidade permanece nos seus diferentes textos, não só no nível dos temas como também no nível dos princípios e fundamentos da teoria⁷.

⁶ Monzani, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento* – Campinas – Editora da UNICAMP, 1989. p. 303.

⁷ Id. p. 12/13.

Não apontamos no texto apenas seu valor histórico; ao contrário, o consideramos uma explicação metapsicológica capaz de dar conta da estrutura do aparelho psíquico, de seu funcionamento normal e da primeira concepção de Freud da repressão patológica. Porém, ao tomarmos a teoria da vivência de satisfação como o embrião da teoria psicanalítica desenvolvida posteriormente, não a tomamos como um bloco monolítico, que purificado de seus preconceitos biológicos, presentes na teoria da vivência de dor, explicitar-se-á em outras obras. O *Projeto* não pode ser dividido em duas partes, em duas teorias, as quais devemos abandonar uma (a teoria da vivência de dor) e ficar com a outra (com a teoria da vivência de satisfação). A articulação entre ambas as teorias, esquecida nas formulações posteriores de Freud (mas retomada, de alguma forma, com o conceito de narcisismo), parece-nos revelar parte da riqueza do *Projeto*.

O principal problema que a leitura do *Projeto* suscita é a interpretação dos processos primários, que é bastante discrepante. Tomemos, por exemplo, duas interpretações valiosas e bem fundamentadas que chegam a conclusões absolutamente diversas: a de Lacan e a de Pribram e Gill.

Referindo-se ao *Projeto* Lacan afirma:

Trata-se, diz ele [Freud], de explicar um funcionamento normal do espírito. Para fazê-lo, ele parte de um aparelho que, por sua própria tendência, se dirige ao engodo e ao erro. Esse organismo por inteiro parece feito não para satisfazer a necessidade, mas para aluciná-la. Convém, portanto que, um outro aparelho, que se oponha a ele, entre em jogo para exercer uma instância de realidade e se apresente, essencialmente, como um princípio de correção, de chamada à ordem. Não estou forçando as coisas – o próprio Freud bem percebe que deve haver uma distinção entre os aparelhos, sobre o qual ele confessa não ver nenhum vestígio nos suportes anatômicos⁸.

A concepção de uma máquina originalmente dirigida ao erro, ao engodo, que só posteriormente tem seu funcionamento corrigido, difere bastante da concepção de Pribram e Gill. Para estes, o funcionamento original da máquina é determinado por um controle biológico, i.e., pelo mecanismo de *feedback*:

⁸ Lacan, Jacques. Seminário. Livro 7: A ética da psicanálise – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 40

As concepções apresentadas no Projeto são surpreendentemente fáceis de organizar segundo se trate primordialmente de mecanismos de feedback ou de feedforward ... Assim encontramos no Projeto que as regulações que envolvem o meio ambiente interno podem ser estudadas como processos de feedback sensíveis ao erro, mas que os controles reguladores envolvendo mecanismos de memória são mais facilmente estudados em termos de processos de informação programada, feedforward, os quais passam a ser regulados por um executivo. ... Por conseguinte, propomo-nos estabelecer uma das mais importantes e básicas distinções da metapsicologia psicanalítica - a separação entre processos primários e secundários - em parte em termos da distinção entre ajustamento de carga ou processamento de erro versus programação ou processamento de informação. ... Usualmente, como nos sistemas físicos, os controles biológicos são exercidos por uma combinação de feedforward e feedback. Entretanto, a distinção reflete, em grau extraordinário, as conceituações que serão encontradas no Projeto⁹.

Em ambas as interpretações, de Lacan e de Pribram e Gill, os processos secundários coincidem com uma ordenação, *um princípio de correção, uma chamada ordem*, nas palavras de Lacan, e *uma espécie de programa de computador*, nas palavras de Pribram e Gill.

No entanto, a análise do processo primário é bastante divergente nas duas interpretações. Enquanto Lacan compreende o processo primário como um processo que não foi feito para satisfazer as necessidades, mas para aluciná-las, Pribram e Gill o compreendem como o mecanismo biológico de *feedback*, i.e., *organizações de processamento de erro forçadas ao equilíbrio*¹⁰ (*Um desequilíbrio produz um sinal de erro que controla a operação do sistema até que o equilíbrio seja restabelecido*¹¹).

Como compreender, então, os processos primários que são, inclusive, o fundamento dos próprios processos secundários? Devemos considerar esse fundamento do aparelho psíquico um funcionamento biológico, como o consideram Pribram e Gill, e como é introdutoriamente apresentado o aparelho psíquico do *Projeto* por Freud? Mas, se for assim, como compreender a alucinação e o desejo que são, inegavelmente, determinantes do próprio processo secundário e do eu? Pribram e Gill solucionam a questão considerando

⁹ Pribram, Karl H. / Gill, Merton M. O Projeto de Freud, uma reavaliação – São Paulo: Editora Cultrix. p. 21.

¹⁰ Id., p. 20.

¹¹ Id., p. 19.

o processo de alucinação um processo ocasional e não estruturante do aparelho psíquico. Assim descrevem a ativação do desejo:

Essa busca da reprodução do estado em ψ foi designada por Freud como ativação do desejo e ocorre de um modo relativamente gradual através de um processo de somação. Ocasionalmente, a ativação pode-se tornar tão poderosa que distorce ou até suprime as percepções iniciadas por excitações diretamente derivadas do mundo externo¹².

Acreditamos que esses autores minimizam demais o valor da alucinação, ao considerá-la ocasional. A teoria da vivência de satisfação (que provoca a alucinação e não a satisfação da necessidade) é fundamental na concepção do aparelho psíquico exposta no *Projeto* e também o será nas exposições metapsicológicas posteriores de Freud.

Por sua vez, a valorização excessiva da teoria da alucinação, a ponto de excluir os pressupostos biológicos originais do aparelho psíquico, pressupostos explicitamente presentes na fundamentação do mesmo, parece-nos retirar as bases da construção e da lógica freudianas.

Nossa interpretação distinguirá os processos primários fundamentados pela teoria da vivência de dor dos processos primários fundamentados pela teoria da vivência de satisfação. Os primeiros baseiam-se em pressupostos biológicos e coincidem com a função secundária. Os segundos fundamentam-se numa falha do funcionamento biológico, assim caracterizada, em um aparelho estruturado para executar funções biológicas. Diferenciamos, dessa forma, dois campos de funcionamento primário do aparelho psíquico – um determinado por pressupostos biológicos, outro determinado por processos mecânicos –, sem, no entanto, considerá-los contraditórios. Os processos mecânicos são consequência de uma falha em um aparelho estruturado por princípios biológicos. Sem esses princípios, determinantes da estrutura do aparelho, ficamos sem referências para compreender a própria falha.

Os processos primários, sejam eles determinados por princípios biológicos ou mecânicos (referentes à teoria da vivência de dor ou de satisfação), caracterizam-se pela ausência do trabalho do eu, o que os contrapõem ao processo secundário. O eu constitui-se

¹² Id., p. 50/1. Grifo nosso.

a partir do desejo e tem sua razão de ser justamente no fato de o desejo falhar como função biológica. Constituído, o eu inibe e atenua os processos primários determinados pela vivência de dor.

Este texto está organizado da seguinte forma. No primeiro capítulo, analisamos os pressupostos biológicos que fundamentam a construção arquitetônica do aparelho psíquico do *Projeto* e o funcionamento desse aparelho quando estimulado pelo mundo externo, funcionamento apresentado na teoria da vivência de dor. No entanto, ao nos referirmos a pressupostos biológicos, não estamos nos referindo ao funcionamento neurológico, como o fazem Pribram e Gill, mas sim a pressupostos biológicos evolucionistas, i.e., pressupostos de que o aparelho psíquico, assim como outros órgãos e funcionamentos do organismo, tem importante papel na adaptação do organismo ao meio. Essa idéia, a nosso ver, inspira-se na teoria de Darwin (no texto *Expressão das emoções*) que busca encontrar uma utilidade adaptativa nas diversas manifestações psíquicas. Assim como Freud reporta-se a Darwin para explicar as sensações e inervações dos sintomas histéricos, acreditamos que ele também o faz na explicação das outras manifestações psíquicas:

*... todas estas sensações e inervações pertencem à Expressão das emoções que, como Darwin nos ensinou, consiste em ações originalmente cheias de sentido e com finalidade*¹³.

A estrutura e o funcionamento primário do aparelho psíquico, apresentados no *Projeto*, capacitam o organismo a executar de forma eficiente ações com finalidades adaptativas. O aparelho psíquico tem uma estrutura capaz de tornar o mecanismo de defesa do organismo mais eficiente. Ao ser capaz de registrar uma memória das vivências de dor (memória da própria dor e da defesa reflexa), ele consegue antecipar-se a essas vivências e, com isso, defender-se de forma mais eficiente do mundo externo. A memória, originalmente, tem valor porque provoca ações eficientes de fuga. Supomos, portanto, como Pribram e Gill, pressupostos biológicos originais que servem para explicar a estrutura

¹³ Breuer, Josef / Freud, Sigmund. Studien über Hysterie – in: Fischer Taschenbuch Verlag – Frankfurt, 1996. p. 201.

All diese Sensationen und Innervationen gehören dem Ausdruck der Gemütsbewegungen an, der, wie uns Darwin gelehrt hat, aus ursprünglich sinnvollen und zweckmäßigen Leistungen besteht.

do aparelho, e parte de seu funcionamento (quando submetido à dor). Outra parte de seu funcionamento, no entanto, será determinada pela vivência de satisfação.

No segundo capítulo, acompanharemos a construção de Freud da teoria da vivência de satisfação, quando se constitui um funcionamento, já não determinado pelos pressupostos biológicos, que provoca alucinação em vez de satisfazer as necessidades. O fato de o organismo humano recém-nascido não ser capaz de executar a ação específica que satisfaz suas necessidades internas (a fome) faz com que o aparelho psíquico, que tem sua estrutura montada para guardar a memória de ações eficientes, alucine. Sobre a ausência da representação da ação coloca-se a representação do objeto que auxilia a satisfação. Quando a representação do objeto se coloca no lugar da representação da ação, o aparelho psíquico é conduzido ao engodo e ao erro.

Para reconstruirmos a argumentação de Freud, no que diz respeito à incapacidade do organismo de executar a ação específica, é necessário supor um aparelho psíquico que provoca ações com finalidades adaptativas. É sobre esse pano de fundo que a incapacidade do organismo de executar uma ação ganha seus contornos. O mesmo mecanismo de memória que provoca a defesa eficiente, provoca a alucinação no estado de fome. Recordar em vez de agir, no estado de fome, é originalmente um engodo ao qual o aparelho está destinado. Não porque o aparelho seja construído para não satisfazer a necessidade, para se auto-enganar, mas sim porque ele é construído para provocar ações eficientes (de defesa) e a representação de algumas destas lhe falta.

Também esse erro originário produzirá ganhos biológicos posteriores, pois dele se desenvolverá o eu, uma organização que tem um valor adaptativo maior que a própria memória original da ação (defensiva). No terceiro capítulo acompanharemos a formação e o desenvolvimento do eu. Constituído o eu, o organismo está apto a executar ações que cumprem as funções biológicas e cujas representações originalmente faltam ao ser humano. Apesar de cumprir uma função biológica (executar uma ação eficiente capaz de satisfazer a fome), a constituição do eu é determinada pelo desejo, pela representação anteriormente alucinada (do objeto que auxilia a satisfação). O eu alcança a satisfação biológica (satisfaz a fome) porque transforma a realidade percebida na realidade desejada, isto é, transforma a

realidade destituída do objeto auxiliar de satisfação numa realidade que contém esse objeto. Seu objetivo é encontrar o objeto auxiliar de satisfação e não propriamente alcançar a satisfação. Para compreendermos o eu não basta considerá-lo uma organização com valor adaptativo, mas é necessário compreender sua origem destituída de valor adaptativo. Uma vez constituído o eu, ele pode atuar sobre a memória da vivência de dor (função biológica ante a dor) atenuando-a, tornando-a menos afetiva e mais eficiente. Nesse caso, vale lembrar, o papel do eu não é cumprir uma função biológica, pois ela é desde o início cumprida, mas atenuar o mecanismo de defesa. No final do terceiro capítulo apresentamos um quadro com dezoito etapas de desenvolvimento do eu que, a nosso ver, dão conta de todas as suas faculdades expostas por Freud.

No quarto capítulo, analisamos a repressão patológica, que se caracteriza como um mecanismo de defesa não atenuado pelos processos do eu. Mostramos como essa idéia esteve presente nas teorias do conflito anteriores às formulações do *Projeto* e como nesse texto Freud a justifica de forma mais satisfatória. No *Projeto*, diferentemente das outras interpretações, o eu não é capaz de desgastar a recordação afetiva que provoca a repressão patológica, porque essa repressão é um mecanismo de defesa póstumo (um processo primário póstumo). Não é porque o eu está ausente que o desgaste não ocorre, ao contrário, o processo patológico ocorre no eu. O que está ausente originalmente no processo patológico é o mecanismo de defesa, que só surge tardiamente e, com isso, impossibilita uma ação adequada do eu. As vivências acompanhadas de sensações sexuais precoces, por sua vez, são aquelas que provocam o mecanismo de defesa póstumo.

No quinto capítulo apontamos, de forma resumida, o destino que tiveram as teorias das vivências de dor e de satisfação, nos escritos posteriores de Freud, bem como a direção que pretendemos seguir nos nossos próximos trabalhos de interpretação da obra freudiana.

Capítulo 1: A teoria da vivência de dor

A motivação original do aparelho psíquico construído no *Projeto* determina sua estrutura e seu funcionamento. Trata-se do repúdio ao estímulo. Podemos diferenciar quatro níveis de manifestação dessa mesma motivação: 1) a tendência do aparelho psíquico a afastar os estímulos externos; 2) a tendência a eliminar os estímulos externos; 3) a tendência a executar uma defesa eficiente (fuga); e 4) a tendência a repudiar recordações que liberam afeto de desprazer. A distinção desses níveis de manifestação, do mais estrutural ao mais funcional, apesar de sugerida em algumas passagens do texto, não é mantida rigorosamente por Freud. Constantemente a tendência a afastar o estímulo (1) é identificada à tendência a eliminá-lo (2); a tendência a eliminar (2), identificada à tendência à fuga (3); a tendência à fuga (3), identificada à tendência a repudiar recordações que liberam afeto de desprazer (4). A nosso ver, essas identificações apenas revelam que se tratam de distintas manifestações de uma mesma motivação original, isto é, do repúdio ao estímulo. Analisaremos distintamente cada uma dessas manifestações, seguindo a ordem exposta acima, apesar de não ser essa a ordem de exposição de Freud. No entanto, a preferimos à ordem do texto por nos proporcionar melhor visualização do aparelho como um todo¹⁴.

¹⁴ Freud, em primeiro lugar, apresenta a tendência à eliminação, a função primária (2), e nos dá indícios da tendência de executar uma defesa eficiente, a função secundária (3); em segundo lugar, apresenta as características dos sistemas que compõem o aparelho nervoso, ϕ e ψ , remetendo o primeiro à tendência à eliminação (2) e o segundo à tendência à execução da defesa eficiente (3); em terceiro lugar, apresenta, de forma dispersa, a arquitetura do sistema nervoso, fazendo algumas distinções entre a tendência de afastar o estímulo (1) e a de eliminá-lo (2); em quarto lugar, apresenta a teoria da vivência da dor, que supõe a tendência a executar a defesa eficiente (3) e tem como consequência a tendência ao repúdio das recordações que liberam afeto de desprazer (4). Essa última tendência, identificada com a repressão, tem observações esparsas na análise da repressão patológica, já que as formulações sobre a última a supõem. A apresentação da teoria da vivência de dor também se intercala com a apresentação da vivência de satisfação. O próprio objetivo do nosso trabalho – diferenciar as teorias da vivência de dor da vivência de satisfação – justifica também o fato de não acompanharmos a exposição de Freud.

1 – Tendência a afastar os estímulos externos.

A arquitetura do sistema nervoso é governada pela tendência de afastar dele os estímulos, i.e., as quantidades (abreviadas por Q ou Q η):

Aqui se pressente uma tendência que talvez governe a arquitetura do sistema nervoso, (como formado) a partir de vários sistemas, o sempre progressivo afastamento de Q η dos neurônios¹⁵.

Primeiramente, servem a esse propósito os aparelhos de terminações nervosas que protegem o sistema nervoso dos estímulos externos:

De fora penetram as grandezas de excitação nas terminações do sistema ϕ : em primeiro lugar, chocam-se com os aparelhos de terminações nerv[osas] e são quebradas por eles em frações¹⁶.

O objetivo dos aparelhos de terminações nervosas é amortecer as Qs externas que incidem no primeiro sistema de neurônios (em ϕ). Assim, esses aparelhos mantêm os estímulos afastados de ϕ :

Estes aparelhos de terminações nervosas, no sentido mais geral, poderiam muito bem ter o objetivo não de permitir que as Qs exógenas ajam em ϕ sem redução, mas amortecê-las. Logo eles teriam o significado de proteções-Q, através delas passariam apenas frações das Qs exógenas¹⁷.

Descobrimos que o sistema nervoso é disposto de modo que as grandes Qs externas estão afastadas de ϕ ...: {servem a este objetivo} as proteções das terminações nervosas¹⁸.

Os neurônios ϕ , protegidos pelo aparelho de terminações nervosas, terminam nos neurônios ψ . Estes mantêm-se afastados dos estímulos externos porque têm ligação somente indireta com o mundo externo. Além dessa posição que protege os neurônios ψ dos estímulos externos, a própria arquitetura da ligação entre os neurônios ϕ e os neurônios ψ serve ao objetivo de deixar os neurônios ψ afastados dos estímulos:

¹⁵ Freud, Sigmund – Projeto de uma psicologia – trad. Osmyr Faria Gabbi Junior – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995. p. 20.

¹⁶ Id., p. 27.

¹⁷ Id., p. 20.

¹⁸ Id., p. 21.

Aqui parece existir uma organização peculiar para novamente afastar Q de ψ . Isto é, a condução sensória ϕ está arquitetada de forma singular, ela se ramifica progressivamente e mostra trilhas mais grossas e mais delgadas que desembocam em numerosos pontos terminais que provavelmente têm o seguinte significado: um estímulo mais forte percorre mais caminhos do que um mais fraco. ... Assim, cada trilha ϕ é aliviada: a maior quantidade em ϕ expressa-se através da ocupação em ψ de mais neurônios em lugar de um único. ... Portanto quantidade em ϕ expressa-se em ψ por complicação. Através disso, a Q é afastada de ψ , pelo menos dentro de certos limites¹⁹.

O estímulo mantém-se afastado de ψ porque, ao dispersar-se por inúmeras ramificações, torna-se tão pequeno que não consegue ultrapassar barreiras ~~que~~ existentes entre os neurônios. No sistema ψ existem barreiras de contato entre os neurônios que dificultam a passagem de pequenas Qs:

... os {neurônios} cujas barreiras de contato fazem valer-se, de modo, que só deixam passar Q₁ com dificuldade ou só parcialmente²⁰.

A resistência das barreiras de contato põe fim à ínfima Q que incide em ψ . As barreiras de contato do sistema ψ funcionam como uma resistência a Q, semelhante ao aparelho de terminações nervosas:

... a arquitetura do neurônio sugere que se desloque as resistências em seu conjunto para os contatos que, desta maneira, obtêm o valor de barreiras²¹.

A arquitetura do aparelho psíquico – i.e., a ramificação dos neurônios ϕ em diversos neurônios ψ e as barreiras de contato entre os neurônios ψ – faz com que a Q seja progressivamente atenuada até desaparecer, tornando assim ψ livre de Q. Mais de uma vez, no *Projeto*, Freud descreve o processo de desaparecimento de uma impressão externa (uma Q provinda de ϕ) em ψ :

... a corrente Q₁ distribuir-se-á pelas diversas barreiras de contato em relação inversa à resistência e, então, onde uma barreira de contato encontrar uma fração que esteja abaixo de sua resistência, praticamente nada passará por ali²².

¹⁹ Id., p. 28/9.

²⁰ Id., p. 13

²¹ Id., p. 12

²² Id., p. 37.

O estímulo (Q) não é eliminado, mas torna-se tão pequeno que não consegue alcançar outros neurônios ψ :

*... a Q que chegasse ali seguiria de acordo com as melhores facilitações (de forma puramente associativa) até onde permitissem as proporções entre resistências e quantidade de ocupação perceptiva. Provavelmente esse curso logo alcance seu final, pois Q divide-se e imediatamente se torna em um próximo neurônio demasiadamente pequena para que a corrente prossiga*²³.

A facilitação de forma puramente associativa corresponde à ramificação dos neurônios que segue trilhas ora mais grossas, ora mais finas, i.é, à ramificação com diferentes calibres:

*... existe ... uma numerosa ramificação com diferença de calibre*²⁴.

Cada calibre diferente deve corresponder a uma resistência de barreira de contato também diferente.

Podemos considerar que a representação dos objetos externos no aparelho psíquico é fruto dessa ramificação, dessa complicação, dos neurônios ϕ nos neurônios ψ . As impressões externas formam complexos em ψ :

*... a Q externa expressa-se em ψ através ... da complexidade das ocupações*²⁵.

Acreditamos que se trata do mesmo processo descrito por Freud em *Interpretação das afasias*, texto publicado em 1891:

*... a própria representação de objeto é, por sua vez, um complexo associativo das mais diversas representações visuais, acústicas, táteis, cinestésicas, e outras*²⁶.

²³ Id., p. 77/8.

²⁴ Id., p. 12.

²⁵ Id., p. 77.

²⁶ *Psychologie des Unbewußten*, Studienausgabe. Das Unbewußte, Anhang C, p. 172. *Die Objektvorstellung selbst ist wiederum ein Assoziationskomplex aus den verschiedenartigsten visuellen, akustischen, taktilen, kinästhetischen und anderen Vorstellungen.*

Se nossa interpretação é correta, as facilitações preexistentes, puramente associativas, determinadas pela ramificação dos neurônios ϕ nos neurônios ψ , correspondem a uma diferenciação de uma mesma Q externa em impressões visual, acústica, tátil, cinestésica e outras. Assim, a representação de um objeto consiste numa discriminação da quantidade, através da ramificação por distintas trilhas: a quantidade que ocupa determinada trilha provoca uma imagem visual; outra, que ocupa outra trilha, provoca a imagem acústica, e assim por diante. Nesse caso, a representação do objeto não se caracteriza pela soma das impressões visual, acústica ..., vindas dos órgãos dos sentidos, mas pela discriminação, possibilitada pela arquitetura do sistema, de uma mesma Q externa. Trata-se de um processo de divisão de uma unidade e não de uma unidade formada pela soma das partes²⁷. As distintas imagens formadas pelo processo de divisão em ψ , no entanto, representam também uma unidade, pois estão associadas pelas facilitações. Estas, por um lado, já estão de alguma forma predeterminadas através dos diversos calibres e resistências. Podemos então supor que está predeterminado que o estímulo visual seja conduzido por uma trilha de determinado calibre, o estímulo acústico por outra e assim por diante. Por outro lado, é a Q externa que determina os neurônios a serem alcançados (qual imagem será alcançada). Nesse sentido o que está predeterminado é a forma de discriminar as imagens (visual de acústica de tátil...), enquanto as imagens alcançadas (os neurônios alcançados) são determinadas pela própria passagem da Q²⁸.

A representação do objeto por si só, no entanto, não tem qualquer importância, i.e., não tem conseqüências, para o aparelho psíquico. É um efeito marginal de uma arquitetura que tem sua razão de ser na eficiência em diluir a Q até que sua migração seja detida pelas

²⁷ Podemos também supor que há casos nos quais a Q externa não se divide pelas ramificações dos neurônios, mas se conduz por uma única trilha. Seria o caso, por exemplo, de um estímulo odorífico desacompanhado de estímulo visual (recebido, por exemplo, com os olhos fechados), desacompanhado de estímulo tátil ou cinestésico. Neste caso a totalidade da Q externa se conduz por um mesmo caminho, em direção ao neurônio que corresponde à imagem odorífica, e não se fragmenta. Isso significaria que esse estímulo não está associado à nenhum outro e, portanto, não se soma a outros constituindo uma representação mais completa do objeto.

²⁸ Devemos observar que as representações das imagens sensoriais não implicam a consciência das qualidades das mesmas. Para a consciência da qualidade, como veremos em seguida, é necessário a presença dos neurônios ω . Podemos, no entanto, supor que há uma correspondência entre a qualidade produzida por ω e o complexo de ocupações de ψ (imagens visuais, acústicas...), mesmo sendo distintas as Qs (ou melhor, as características das Qs) que ocupam ambos os neurônios (ω é ocupado pelo caráter temporal, pelo período, das Qs). Nesse sentido, podemos afirmar que aquilo que é qualidade em ω é tópica em ψ .

barreiras de contato. Trata-se de uma estrutura que visa a afastar os estímulos do sistema nervoso. A Q que incide em ψ e é logo detida se perde no interior do aparelho devido a sua pequenez e não determina seu funcionamento.

A arquitetura do sistema, no entanto, não é determinada apenas pela tendência a resistir ao estímulo. Ao supor que as barreiras de contato são resistências deslocadas das proteções de terminações nervosas para o interior do aparelho psíquico, já se supõe também um espaço sem resistência. É o espaço dos próprios neurônios, que não se caracterizam como mera resistência ao estímulo, mas que servem ao funcionamento do aparelho psíquico. É o que veremos em seguida.

2 – Tendência a eliminar os estímulos externos.

Quando Q externa ultrapassa as proteções de terminações nervosas e ocupa ϕ , determina uma certa atividade no organismo e no aparelho psíquico. Essa atividade também se caracteriza como um repúdio ao estímulo, porém em vez de resistir ao mesmo, expulsá-lo, elimina-o. O princípio da inércia determina a atividade do aparelho psíquico:

... pôde-se estabelecer um princípio fundamental da atividade n[ervosa], referente a Q, que prometia ser muito esclarecedor, na medida em que parecia abranger a função em sua totalidade. É o princípio da inércia n[ervosa]: [dita] que [o] n[eurônio] aspira a libertar-se de Q²⁹.

Freud diferencia a arquitetura do aparelho psíquico – o escudo protetor, a ramificação dos neurônios ϕ nos neurônios ψ e as barreiras de contato –, que serve para afastar os estímulos, do funcionamento do aparelho psíquico, que serve à eliminação dos estímulos.

Assim, a arquitetura do sistema nervoso serviria ao afastamento: a função, à eliminação de Q dos neurônios³⁰.

Apesar dessa diferenciação, devemos observar que, para o aparelho funcionar de acordo com o princípio da inércia, é necessário supor uma arquitetura que não aquela que

²⁹ Id., p.10.

³⁰ Id., p. 20.

visa apenas a afastar o estímulo. Nesse sentido, melhor que diferenciar arquitetura e funcionamento seria diferenciar uma arquitetura que tem sua razão de ser em si mesma (servir de resistência) de uma arquitetura determinada pelo função a que serve. Feita essa observação, vejamos qual a arquitetura suposta no funcionamento regido pelo princípio da inércia. No que diz respeito ao organismo, deve existir uma distinção entre nervos sensoriais e motores³¹:

O princípio da inércia explica, em primeiro lugar, a arquitetura bipartida [dos nervos] em motores e sensoriais como organização para cancelar a recepção de $\Omega\eta$ através da emissão de $\Omega\eta$ ³².

Sobre essa arquitetura bipartida, o princípio da inércia faz com que um estímulo provoque um movimento reflexo:

O movimento reflexo é agora compreendido como forma consolidada desta emissão. O princípio [da inércia] dá o motivo para o movimento reflexo ³³.

Podemos então afirmar que a arquitetura bipartida dos nervos em sensórios e motores corresponde a uma arquitetura que liga os neurônios que recebem o estímulo externo – os neurônios ϕ – ao aparelho motor. Nesse caso, os neurônios ϕ correspondem aos nervos sensitivos e o aparelho motor aos nervos motores:

A quantidade do estímulo ϕ excita a tendência de eliminação do sistema nervoso, na medida em que ela se transforma em excitação motora proporcional. O aparelho motor está ligado diretamente a ϕ ³⁴.

A eliminação através do aparelho muscular será chamada, por Freud, de função primária:

Um sistema nervoso primário emprega esta $\Omega\eta$, assim adquirida, para emití-la através da ligação com os mecanismos musculares e conservar-se, desse modo, sem estímulo. Esta eliminação apresenta a função primária do sistema nervos ³⁵.

Podemos pensar que o valor da função primária, da tendência a eliminar os estímulos, está em provocar movimentos reflexos. O movimento, mesmo o reflexo, é mais

³¹ Aqui, seria mais esclarecedor se falássemos em aparelho sensitivo e motor, e não em nervos sensitivo e motor, já que nervos podem ser confundidos com neurônios.

³² Id., p. 10.

³³ Id., p. 10.

³⁴ Id., p. 28.

³⁵ Id., p. 10.

eficaz no repúdio ao estímulo que a mera resistência ao estímulo. Dessa forma está dado o valor biológico dos neurônios ϕ : eles recebem parcelas de estímulos que provocam movimentos³⁶.

Para que a ocupação ϕ provoque o movimento reflexo, é ainda necessário supor uma determinada arquitetura do próprio neurônio, que prefigura certas direções de condução:

... o sistema nervoso consiste em neurônios ... onde estão prefiguradas certas direções de condução, na medida em que recebem através de prolongamentos celulares e emitem por meio de cilindros do eixo O princípio da inércia encontra sua expressão na suposição de uma corrente dirigida do corpo celular ou de seus prolongamentos para o cilindro do eixo; o neurônio singular é, assim, uma afiguração da totalidade do sistema nervoso com sua arquitetura bipartida: o cilindro eixo é o órgão de eliminação.³⁷

Assim, podemos justificar a inexistência de resistência nos neurônios ϕ . Estes são partículas condutoras do estímulo externo ao aparelho motor, partículas sem resistência que apenas recebem e emitem. Como condutores são mais eficazes no repúdio ao estímulo que os escudos e as barreiras que simplesmente resistem ao mesmo.

Além da ligação com o aparelho motor e da arquitetura do próprio neurônio, ainda existe uma outra forma de eliminação, determinada pela estrutura de alguns neurônios, que não é a transferência do estímulo através do lado motor (do cilindro eixo). Trata-se de uma característica dos neurônios ω : eles eliminam as quantidades transformando-as em qualidades. Nesse caso, apesar de a quantidade eliminada ser bem pequena, não deixa de ser uma forma de eliminação:

³⁶ Devemos observar que não consideramos o princípio da inércia, da forma como é formulado no *Projeto*, contrário a princípios biológicos (contraposição que será evidenciada quando da formulação do conceito de pulsão de morte). O movimento reflexo, fruto do princípio da inércia, não nos parece desprovido de função biológica. O movimento reflexo, apesar de mecânico, cumpre uma função biológica de defesa. É verdade que, como veremos no próximo capítulo (teoria da vivência de satisfação), a tendência a eliminar o estímulo, em determinados casos, conduz à alucinação e aí sim o princípio da inércia contrapõe-se ao princípio biológico. No entanto, cremos que esse segundo momento (quando o princípio da inércia conduz à alucinação) tem outra determinação: a incapacidade de executar a ação que elimina a fome. Essa determinação faz com que o princípio da inércia, que tem como objetivo conduzir o organismo a executar movimentos e cumprir uma função biológica, torne-se um princípio mecânico, destituído de valor biológico.

³⁷ Id., p. 11/2.

... cabe esperar da arquitetura do sistema nervoso que ele consista em dispositivos para transformar as quant[idades] externas em qualidades, com o que parece triunfar de novo a tendência originária para afastar³⁸ a quantidade.

A transformação da quantidade em qualidade ocorre nos neurônios ω que são ocupados por mínimas quantidades. O processo completo, então, seria o seguinte: 1) os estímulos incidem nos aparelhos de terminação nervosa que impedem a inserção, no interior do sistema nervoso, de grande parte deles (grande parte dos estímulos é afastada do sistema); 2) o sistema ϕ transfere o grosso da excitação para o aparelho motor, eliminando-o; 3) pequena parte dos estímulos é conduzida ao sistema ψ , se dispersa pelas inúmeras ramificações e se choca com a resistência das barreiras de contato, interrompendo, assim, seu prosseguimento; 4) existem ainda outros estímulos que não são eliminados pelo aparelho motor nem têm seu prosseguimento interrompido pelas barreiras de contato; eles seguem até os neurônios ω e são transformados em qualidade, sendo dessa forma eliminados. Assim, Freud descreve todo o processo:

Os aparelhos de terminações nervosas eram uma proteção para que se efetivassem apenas frações de quant[idade] externa em ϕ , enquanto que ϕ ao mesmo tempo cuidaria de eliminar o grosso da quant[idade]. O sistema ψ que já estava protegido contra ordens maiores de quant[idade] teve de lidar apenas com grandezas intercelulares. Cabe conjecturar em continuação que o sistema ω seja movido por quant[idades] ainda menores. Suspeita-se que o carácter qualitativo (portanto a sensação consciente) realizar-se-ia apenas aí onde a quant[idade] está no máximo de interrupção. Ela não está completamente eliminada, pois também, para os neurônios ω , temos de pensar que são ocupados com Q_1 e aspiram à eliminação³⁹.

Mas, que estímulos são esses que atravessam as barreiras de ψ , ocupam ω e são transformados em qualidades? São, segundo Freud, períodos das excitações:

³⁸ Estamos considerando aqui uma tendência à eliminação e não ao afastamento de Q (como são o aparelho protetor e as barreiras de contato). Afastamento e eliminação são aqui indiscriminados (na próxima citação Freud afirmará que ω aspira a eliminação) No entanto, parece-nos evidente que a transformação da quantidade em qualidade só pode ser uma forma de eliminação e não de afastamento, pois o estímulo (em quantidades mínimas) ocupa ω .

Id., p. 23.

³⁹ Id., p. 23

... os neurônios ω são incapazes de receber $Q\eta$, e, em compensação, apropriam-se do período de excitação, e este seu estado de afeição pelo período, a partir de um mínimo de preenchimento de $Q\eta$, é o fundamento da consciência⁴⁰.

O que são esses períodos? São características do movimento neuronal diferentes da transferência do estímulo, são características temporais que se propagam em todas as direções sem inibição:

Mas tem de existir ainda um caracter de natureza temporal ... Eu a chamo resumidamente o período. Assim, suporei que toda resistência das barreiras de contato só valeria para transferência de Q , embora o período do movimento neuronal propague-se sem inibição em todas as direções, semelhante a um processo de indução⁴¹.

O aparelho de terminações nervosas, que afastam a excitação de ϕ , agem também como crivo de certos períodos, isto é, só deixam passar estímulos com determinadas características temporais:

... a natureza das cápsulas das terminações nerv[osas] age como crivo, de modo que, nos pontos terminais particulares, não podem agir estímulos de todo tipo⁴².

O crivo dos períodos, por parte das terminações nervosas, produz uma descontinuidade nos próprios períodos:

Enquanto no mundo externo os processos apresentam um contínuo em duas direções – segundo a quantidade como o período (qualidade) –, os estímulos correspondentes a eles ..., de acordo com a qualidade, são descontínuos⁴³.

O que são estímulos descontínuos? Parecem-nos algo como amostras de estímulos, que possibilitam uma comparação entre diferentes períodos (i.e., entre diferentes características temporais). Sem essa comparação, não há qualidade. Dito de outra forma, uma única característica temporal não produz qualidade (seria algo como um único som, uma única cor), é o contraste entre distintas características temporais que produz a qualidade:

As divergências a partir deste período psíquico próprio chegam à consciência como qualidade⁴⁴.

⁴⁰ Id., p. 24.

⁴¹ Id., p. 24.

⁴² Id., p. 27.

⁴³ Id., p. 27.

⁴⁴ Id., p. 24.

Como as diferenças decorrem do crivo dos órgãos dos sentidos (das terminações nervosas), supomos que elas decorrem do processo de torná-los descontínuos:

De onde decorrem as diferenças de período? Tudo aponta para os órgãos dos sentidos ... Os órgãos do sentido agem não apenas como proteções- ϱ , como todos os aparelhos de terminações nervosas, mas também como crivos, na medida em que só permitem passar estímulo de certos processos com determinado período. Provavelmente transferem, então, essa diferença para ϕ , na medida em que comunicam ao movimento neuronal períodos diferentes e de algum modo análogos (energia especificada), e essas modificações são tais que prosseguem através de ϕ por ψ até ω e ali, onde estão quase livres de quantidade, produzem sensações conscientes de qualidades⁴⁵.

Apesar de as diferenças de períodos do movimento neuronal prosseguirem por ψ (e também por ϕ), estes neurônios não são sensíveis a elas. Os períodos para ψ são monótonos, i.e., todos iguais:

Naturalmente, também os neurônios ψ têm seu período, embora seja sem qualidade, melhor dizendo, monótono⁴⁶.

Podemos supor então o seguinte: os órgãos dos sentidos selecionam quantidade com determinadas características temporais. Tornam essas características descontínuas, o que possibilita diferenciar uma característica temporal de outra. Essas diferentes características temporais propagam-se pelo aparelho psíquico e estimulam os neurônios ω como se fossem quantidades. Os neurônios ω as eliminam, transformando-as em qualidade.

Também a consciência das qualidades, assim como a representação dos objetos em ψ , é um efeito marginal do funcionamento do aparelho psíquico que sozinho não tem qualquer consequência.

Retomemos os dois níveis de manifestação da tendência original do aparelho psíquico de repúdio aos estímulos externos. Primeiramente, vimos a tendência do aparelho psíquico de afastar de si o estímulo. Para esse fim servem os aparelhos de terminações nervosas, como também as inúmeras ramificações do sistema ψ , a partir de ϕ , e as barreiras de contato do sistema ψ que impedem o prosseguimento do estímulo para o interior do

⁴⁵ Id., p. 24/5.

⁴⁶ Id., p. 24.

sistema. Vimos depois a tendência do aparelho psíquico a eliminar o estímulo. Trata-se do funcionamento primário do aparelho psíquico, quando o estímulo se inseriu no interior do aparelho. Para esse fim servem as ligações do sistema perceptivo (ϕ) com o aparelho motor e a arquitetura do neurônio que faz com que ele elimine tudo que recebe. Por fim, serve também a esse propósito o sistema π que elimina mínimas quantidades, que se propagam, apesar das barreiras de contato, transformando-as em qualidades.

3 – Tendência a executar uma defesa eficiente – Memória da vivência de dor

O sistema nervoso cumpre ainda outra função: a função secundária. Ela é determinada pela função primária, mas distinta da mesma:

Aqui há lugar para o desenvolvimento de uma função secundária, na medida em que os caminhos de eliminação [que se tornam] privilegiados e [são] conservados [são] aqueles ligados a cessação do estímulo - fuga do estímulo. Nisto existe, em geral, uma proporção entre a q[uantidade] de excitação e [o] desempenho necessário para a fuga de estímulo, de modo que o princípio da inércia não é perturbado por isso”.

Na fuga do estímulo, o princípio da inércia não é perturbado como o é pela função secundária que satisfaz as necessidades internas (quando mediante estímulos endógenos) e exigem um acúmulo de Q⁴⁸. Entretanto, mesmo que a função secundária (preferência pela

⁴⁷ Id., p. 10.

⁴⁸ Devemos já esclarecer ao leitor familiarizado com o *Projeto* e com suas interpretações que tentaremos sustentar a hipótese de que a função secundária (a conservação de caminhos preferidos de eliminação que fazem cessar o estímulo) ocorre de forma distinta quando se refere aos estímulos internos ou quando se refere aos estímulos externos. Em relação aos estímulos internos, o caminho de eliminação conservado pela função secundária é o da ação específica capaz de alcançar um objeto de satisfação (o alimento), ela (a ação) exige acúmulo de estímulo e coincide com processo secundário, pois o ser humano é originalmente incapaz de executá-la. Já no que diz respeito ao estímulo externo, o caminho mais eficiente conservado é a fuga da fonte do estímulo (ação que faz com que o estímulo cesse de incidir no interior do aparelho psíquico). Para a conservação desse caminho (fuga) não é necessário acúmulo de estímulo (portanto não é necessário nem o eu, nem processos secundários). Nesse sentido, supomos que a função secundária, no que diz respeito aos estímulos externos, é anterior e independente do eu (do acúmulo de Q). Apesar de inusual, nossa suposição baseia-se nos seguintes pontos: 1º) na citação acima, que afirma que o caminho de eliminação conservado está ligado à cessação do estímulo e à fuga do estímulo e que não perturba o princípio da inércia, 2º) se supusermos que a função secundária exige sempre a acumulação de estímulo, além de nos opormos à citação acima, não temos como diferenciar função secundária de processo secundário, o que nos parece diferenciado por Freud, 3º) supor um mecanismo de fuga (caminho eficiente conservado pela função secundária) independente do eu (independente do acúmulo de Q), parece-nos importante para que compreendamos o conceito de repressão (defesa) que é independente do eu.

fuga do estímulo), nesse caso, não abale a função primária (eliminação do estímulo, regida pelo princípio da inércia), ambas não devem ser confundidas. A função secundária é a preferência por um determinado caminho de eliminação e, portanto, a fuga do estímulo não deve ser compreendida como eliminação do estímulo (o estímulo fugindo pelo aparelho). A fuga do estímulo é um caminho pelo qual o *aparelho* foge do estímulo e não um caminho pelo qual o *estímulo* foge (i.e., é eliminado). Fugir é a eliminação motora (uma ação) preferida pelo aparelho psíquico. Mas fugir propriamente de quê? Foge-se daquilo que provoca o estímulo, daquilo ante o qual o estímulo não cessa de incidir no interior do sistema. O estímulo, mediante a função secundária, não é somente eliminado, mas cessa de incidir no interior do aparelho e isto ocorre quando se foge de sua fonte. Compreendida assim, a função secundária coincide com a tendência do sistema de defender-se de forma eficiente dos objetos perigosos. Enquanto a função primária provoca uma reação mecânica, movimentos reflexos que eliminam estímulos e apenas casualmente coincidem com ações eficientes, a função secundária escolhe reações eficientes do ponto de vista biológico, nela há preferência por movimentos que fazem cessar o estímulo, há a preferência pela fuga da fonte de estímulo. Vejamos como se constitui essa preferência.

Como já vimos, submetido à função primária, o estímulo é eliminado devido às ligações de ϕ com o aparelho motor. Nesse caso, a Q que ocupa ψ é um efeito marginal e não determina os movimentos executados pelo aparelho motor; é uma Q que se perde em ψ . Essa Q externa, portanto, não determina um caminho de eliminação e nem mesmo é eliminada. Para que exista uma preferência por um caminho de eliminação é necessário que o sistema ψ determine o movimento executado pelo aparelho motor; em outras palavras, é necessário que o estímulo externo passe por ψ antes de ser eliminado, que ψ se insira no caminho de eliminação que vai de ϕ até o aparelho motor. Isso ocorre quando a magnitude de Q externa é maior que aquelas que normalmente se perdem no interior de ψ ⁴⁹. É o caso da dor:

⁴⁹ Estamos nos referindo à inserção da memória (de ψ) no caminho de eliminação da Q externa e não da inserção da memória no caminho de eliminação da Q endógena. Neste segundo caso, a pergunta seria: quando ψ do manto se insere entre ψ do núcleo (neurônios que recebem Q endógena, assim como ϕ recebe Q exógena) e o aparelho motor? Voltaremos a essa questão no próximo capítulo, na nota 104. Apenas assinalamos que se, nesse segundo caso, a Q externa (que ocupa ϕ) também não se perde em ψ , isso ocorre

*... a dor consiste na irrupção de grandes Qs na direção de ψ
a dor é ... caracterizada como a irrupção de Qs enormes em ϕ e ψ ,
ou seja, de Qs de uma grandeza ainda maior de que os estímulos ϕ ⁵⁰.*

A dor é caracterizada como uma falha dos aparelhos de terminação nervosa:

*... o sistema nervoso é disposto de modo que as grandes Qs externas
estão afastadas de ϕ e mais ainda de ψ : (servem a este objetivo) as
proteções das terminações nervosas e a ligação somente indireta de
 ψ com o mundo externo. Há algum fenômeno que se possa relacionar
com a falha dessas organizações? Creio que seja a dor ⁵¹.*

A dor é uma falha do aparelho protetor que põe em funcionamento o aparelho psíquico. Ela provoca novas facilitações que não aquelas predeterminadas pelas diferenças de calibre das ramificações:

*... a dor deixa atrás de si facilitações permanentes em ψ , como se
[os neurônios ψ] tivessem sido atingidos pelo raio, facilitações
que provavelmente cancelam totalmente a resistência das barreiras
de contato e fundam aí um caminho de condução como existe em ϕ ⁵².*

Provoca, ~~ainda~~, um caminho de condução em ψ semelhante aos caminhos de condução existentes em ϕ , por dois motivos. Primeiro, porque entre os neurônios ϕ não existem barreiras de contato. Assim Freud os caracteriza:

*... os que deixam passar Q η como se não tivessem barreiras de
contato e que, portanto, após cada curso excitativo, estão no mesmo
estado que antes ⁵³.*

Então, quando alguns neurônios ψ têm suas barreiras canceladas, constituindo uma nova facilitação, assemelham-se aos neurônios ϕ . Aliás, a maior parte das vezes que Freud se refere ao estado de facilitação, está considerando esse estado em que foram canceladas as barreiras de contato, e não o estado de facilitação predeterminado pelos diferentes calibres das ramificações. Assim, Freud, por exemplo, introduz o conceito de facilitação:

porque o aparelho psíquico aprende a utilizá-la, e não devido à tendência de eliminação da Q externa que estamos analisando. Nesse caso ψ não determina um caminho eficiente de eliminação da Q externa, mas é um receptor da mesma, pois isso o auxilia na determinação de um caminho eficiente da Q endógena.

⁵⁰ Id., p. 21.

⁵¹ Id., p. 20/1.

⁵² Id., p. 21.

⁵³ Id., p. 13.

*... a alteração tem de consistir em que as barreiras de contato tornem-se mais capazes de condução, menos impermeáveis, ou seja, mais semelhantes à do sistema ϕ . Descrevemos este estado das barreiras como grau de facilitação*⁵⁴.

O segundo motivo da semelhança entre o caminho facilitado pela dor em ψ e os caminhos de condução ϕ é que ambos provocam uma eliminação motora. Por esse motivo as facilitaões, assim como o caminho de eliminação ϕ , servem à função primária:

*... as facilitaões servem à função primária*⁵⁵.

Se a facilitação provoca uma eliminação motora, através dela ψ se insere no caminho de eliminação que vai de ϕ ao aparelho motor⁵⁶. A dor, portanto, provoca, em ψ , facilitaões que acabam por eliminar o estímulo através de uma ação motora.

As facilitaões provocadas pela dor, no entanto, além de despertarem a eliminação motora e, com isso, servirem à função primária, devem também servir à função secundária. Isso quer dizer que deve existir a escolha de uma determinada eliminação motora:

*... a possibilidade de escolha determinada pela facilitaão*⁵⁷.

O estímulo que incide em ϕ , quando vai diretamente para o aparelho motor, provoca diversos movimentos reflexos; quando passa por ψ , provoca um determinado movimento: aquele que faz cessar a dor. Esse mecanismo é explicitado de forma menos técnica na *Interpretação dos sonhos* (texto de 1900):

⁵⁴ Id., p. 14.

⁵⁵ Id., p. 15.

⁵⁶ Pode-se argumentar que nossa leitura parte de um viés errado ao identificar caminho de eliminação com caminho de eliminação motora. Consideramos, no entanto, que esse é um pressuposto de Freud que, se abandonado, torna ininteligível sua máquina. É um pressuposto que apesar de não estar explicitado com todas as palavras aparece, constantemente, nas entrelinhas. Por exemplo, caracterizando a eliminação dos neurônios ω (que aparentemente nada tem a ver com o aparelho motor), Freud afirma: *A eliminação vai, como toda outra, para o lado da motilidade* (p. 25).

⁵⁷ Id., p. 15.

*Consultemos a contrapartida da vivência de satisfação primária, a vivência exterior de susto. Atua no aparelho primitivo um estímulo de percepção que é a fonte de uma excitação de dor. Seguir-se-ão então por um longo tempo manifestações motoras desordenadas, até que uma delas retire o aparelho da percepção e simultaneamente da dor e esta [manifestação que retira o aparelho da dor e da percepção] é imediatamente repetida no reaparecimento da percepção (aproximadamente, como um movimento de fuga), até a percepção novamente ter desaparecido*⁵⁸.

O papel da facilitação, portanto, é reter na memória o movimento de fuga, para escolhê-lo (repeti-lo) no reaparecimento da percepção correspondente à fonte de dor⁵⁹. Esse, portanto, é o papel biológico do sistema ψ : ele deve fornecer as condições para que seja reproduzido o movimento que fez cessar a dor:

*... as vivências primárias de dor foram conduzidas a um fim através de defesa reflexa ... o sistema ψ procura, instruído biologicamente, reproduzir em ψ o estado que assinalou a cessação a dor*⁶⁰.

Mas se o estado facilitado caracteriza-se justamente por sua semelhança com os neurônios ϕ , o que determina a escolha de uma eliminação a outra? As diferenças de facilitações. Enquanto no sistema ϕ não há qualquer direção da condução da excitação – um neurônio emite igualmente para todos neurônios com os quais tem contato toda Q que recebe, i.e., todos os caminhos estão igualmente facilitados – no sistema ψ há diferenças de facilitação entre os neurônios, determinadas pelas barreiras de contato. As mesmas barreiras de contato que, como vimos anteriormente, afastam os estímulos dos neurônios ψ ,

⁵⁸Die Traumdeutung, Fischer Taschenbuch Verlag, p. 488. *Suchen wir uns das Gegenstück zum primären Befriedigungserlebnis auf, das äußere Schreckerlebnis. Es wirke ein Wahrnehmungsreiz auf den primitiven Apparat ein, der die Quelle einer Schmerzregung ist. Es werden dann so lange ungeordnete motorische Äußerungen erfolgen, bis eine derselben den Apparat der Wahrnehmung und gleichzeitig dem Schmerz entzieht, und diese wird bei Wiederauftreten der Wahrnehmung sofort wiederholt werden (etwa als Fluchtbewegung), bis die Wahrnehmung wieder verschwunden ist.* A tradução é nossa.

⁵⁹Suponhamos ainda um outro estímulo externo, por exemplo, baixas temperaturas que provocam a dor do frio. Podemos pensar que, até determinado nível, uma baixa temperatura é recebida por ϕ e enviada ao aparelho motor sem passar por ψ , isto é, são feitos movimentos (são representados em ψ , porém não determinados por suas representações) que fazem o frio se dissipar. A partir de determinado nível da temperatura, há a dor e sua facilitação com um movimento que faça o frio desaparecer do campo perceptivo. Por exemplo, o movimento de uma criança de se cobrir, que corresponde à fuga do frio. Na próxima vez que a criança sentir frio, ela executará novamente o movimento.

⁶⁰Na verdade, essa citação remete à defesa primária (repressão) que será analisada no próximo tópico. Como supomos uma complementaridade da função secundária (que retém o caminho de eliminação da defesa

pois põem um fim ao seu prosseguimento, servem também para a função secundária, i.e., servem para determinar caminhos eficientes de eliminação. Se no caminho facilitado as barreiras de contato perderam sua resistência e os neurônios tornaram-se capazes de condução, os caminhos que não foram facilitados guardaram as resistências das barreiras. A diferença entre as barreiras que perdem sua resistência e as que a mantêm representa a memória da preferência de um caminho de eliminação (o caminho facilitado) a outro qualquer.

Supondo que todas as barreiras de contato de ψ estivessem identicamente bem facilitadas ou oferecessem, o que é o mesmo, resistência idêntica, então evidentemente não obteríamos os caracteres da memória. Pois a memória é, evidentemente, em relação ao curso excitativo, um dos poderes determinantes que indicam o caminho, e, no caso de uma facilitação igual por toda parte, não se compreenderia uma predileção por um caminho. Daí se poder dizer ainda mais corretamente: A memória apresenta-se através das diferenças nas facilitações entre os neurônios ψ ⁶¹.

reflexa) e da defesa primária, não consideramos inapropriado colocar essa citação aqui, pois ela ressalta que o caminho escolhido, reproduzido em ψ , baseia-se em um movimento reflexo (defesa reflexa). Id., p. 36

⁶¹ Id., p. 14. É importante enfatizarmos que a teoria das barreiras de contato apenas justifica a memória porque possibilita a representação de caminhos preferenciais (condutores das excitações posteriores) através da suposição de diferentes resistências à condução da excitação. O texto de Freud, em alguns momentos, induz erroneamente o leitor à suposição de que as barreiras de contato justificam a memória, não porque elas possibilitam a representação de caminhos preferenciais (i.e., a escolha de um caminho a outro), mas porque elas são modificadas permanentemente pela passagem de Q. Por exemplo, Freud descreve o sistema ψ da seguinte forma: *{neurônios} cujas barreiras de contato fazem valer-se (...). Os que podem, após cada excitação, estar em um outro estado do que o anterior dão, portanto, uma possibilidade de apresentar a memória. p. 13*. E mais adiante: *são permanentemente modificados pelo curso excitativo. (p. 14)*. Não é porque as barreiras são permanentemente modificadas pela passagem de excitação que elas produzem a memória, pois uma vez modificadas e constituído um caminho facilitado elas não se modificam mais, o caminho facilitado ganha as características do sistema ϕ . Aliás, podemos até supor que também o sistema ϕ perde a resistência de suas barreiras de contato com a passagem de Q. Suposição de alguma forma contida nesta afirmação de Freud: *Dado que ϕ também tem barreiras de contato, e se elas não desempenham nenhum papel, por que as barreiras de contato de ψ fazem-no? (...) situamos a diferença não nos neurônios, mas nas quantidades com que eles têm de lidar. Cabe, então, conjecturar que as quantidades que fluem sobre os neurônios ϕ sejam tais que as resistências das barreiras de contato contra eles não seja levada em consideração, mas que as quantidades que chegam até os neurônios ψ sejam da ordem da magnitude dessa resistência. (...) não há dúvida de que o mundo externo é a origem de todas as grandes quantidades de energia, pois ele, segundo nosso conhecimento de física, consiste em massas poderosas em movimento violento, que propagam seu movimento. O sistema ϕ , que está voltado para esse mundo externo, terá a tarefa de eliminar com a maior rapidez possível as Q's que penetram nos neurônios, porém, em todo caso, estará exposto à influência de grandes Qs. (p. 17/18)*.

Ora, se também as barreiras de contato de ϕ foram modificadas pela influência de Q, não é esta modificação que faz das barreiras de contato representantes da memória. Só num sistema onde apenas algumas barreiras se modificam, e não todas como ocorre em ϕ , é que a memória pode ser representada. (É importante ressaltar

O caminho de memória facilitado (devido a sua eficiência em fazer cessar o estímulo) determinará as próximas conduções do estímulo. Memória e motivo, como afirmam Pribram e Gill, são, na metapsicologia freudiana, idênticos:

que estamos nos referindo à memória primária e não à memória possibilitada pelo eu e pelo processo secundário que também determina uma preferência de caminhos de condução e eliminação sem adquirir, para isso, características dos neurônios ϕ , sem a perda da resistência das barreiras de contato, ou melhor, utilizando-se de uma resistência constante das barreiras que resta depois da passagem de Q. Na memória do eu, é verdade, as barreiras de contato também exercem papel importante, não mais porque perdem sua resistência, mas, ao contrário, porque são capazes de restaurar um mínimo de resistência depois da passagem de Q. Mas deixemos para analisar essa outra característica da barreira de contato quando analisarmos o funcionamento do aparelho tomado por estímulos endógenos. Para a teoria da memória até aqui exposta, é exigido das barreiras de contato apenas que percam sua resistência).

Por outro lado, também nos parece importante abandonar a idéia errônea de que as barreiras de contato justificam a memória porque acumulam $Q\eta$. Essa idéia é sugerida por Freud, por exemplo, nestas duas afirmações: *a função secundária, que exige a acumulação de $Q\eta$, é possibilitada pela suposição de resistências que se opõem à eliminação* (p. 12) e *Essa organização chama-se o eu (...) que corresponde, portanto, ao portador de armazenamento exigido pela função secundária.* (p. 36). Devemos lembrar que nem sempre a função secundária coincide com a acumulação de Q. Aliás, no caso em que estamos analisando, em relação à Q exógena, a função secundária, i.e. a fuga do estímulo, não perturba o princípio da inércia, portanto, não exige acumulação de Q. Só em relação aos estímulos endógenos, que exigem uma ação específica (e é a estes que Freud se refere nas duas citações acima), é que a função secundária coincide com a acumulação de Q, com o eu e, portanto, com os processos secundários: *o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para a inércia, isso é, para nível = 0. Tem de permitir a ocorrência de armazenamento de $Q\eta$ para satisfazer a exigência da ação específica.* (p. 11). A idéia de que ψ sempre acumula Q, ou, em outras palavras, que a função secundária sempre exige a acumulação de Q, sugere que a memória representada nesse sistema coincide com a retenção de Q. Como se a retenção de impressões na memória fosse a mesma coisa que a retenção de Q. Idéia, a nosso ver, bastante equivocada, pois a memória a qual Freud se refere é de um caminho de eliminação e não da possibilidade de representar impressões através da retenção das mesmas. A representação das impressões já está pressuposta neste caminho de eliminação preferido, o qual passa pelas mesmas representações presentes na vivência em que o circuito foi facilitado. Para que existam as representações (por exemplo representação do objeto de satisfação ou hostil, da fome, da eliminação da excitação, dos movimentos ...), não é necessária a retenção de Q. Aliás, como vimos anteriormente, quanto menos Q ficar retida, mais se ramificar e se complicar, mais rica será a representação. A memória, por sua vez, já implica que as representações se insiram em um caminho de eliminação motora. As diferenças na retenção da Q, por parte das barreiras de contato, serão importantes não para explicar a capacidade de representar mas para explicar porque ante as mesmas representações (por exemplo, da fome ou do objeto hostil) repete-se o mesmo caminho de eliminação (por exemplo, com fome ocupa-se a representação do objeto de satisfação ou ante o objeto hostil se foge). Aliás, devemos lembrar que o caminho de eliminação coincide com aquele caminho no qual a Q não ficou retida, então melhor seria dizer que a memória, ao invés de ser a acumulação de Q, é a não-acumulação de Q, num sistema capaz de acumular Q. Não devemos também esquecer que, mais uma vez, estamos referindo-nos à memória primária e não à memória possibilitada pelo eu, uma memória disponível, que serve ao pensamento e à ação específica e que, de fato, coincide com a retenção de Q.

*Este trecho faz-nos compreender a identidade que a metapsicologia primitiva estabelece entre o traço de memória e a estrutura do processo motivacional. Note-se que a facilitação, em virtude de sua seletividade, também dirige o comportamento do organismo e, portanto, é o motivo para esse comportamento, sendo um plano ou programa preferido a um outro. ... Memória e motivo são processos ψ baseados na facilitação seletiva. Parafraseando sucintamente esse argumento, as lembranças são os aspectos retrospectivos das facilitações; os motivos, os aspectos prospectivos*⁶².

Portanto, se ψ facilitar um caminho de eliminação eficiente, na próxima vez que ocorrer a dor ψ motivará o organismo a novamente agir de forma eficiente.

Vejamos, então, mais atentamente, o conteúdo da memória da vivência de dor:

*A dor produz em ψ : 1. um grande aumento de nível, sentido como desprazer por ϖ ; 2. uma inclinação para eliminação, que pode ser modificada segundo certas direções; 3. uma facilitação entre esta e uma imagem recordativa do objeto que excitou a dor*⁶³.

Analisemos cada um desses itens. Item 1: a dor produz um grande aumento de nível sentido como desprazer por ϖ . Já havíamos visto que a facilitação é provocada pelo aumento do nível de Q que irrompe no interior do aparelho psíquico. Esse aumento de nível, por sua vez, é sentido como desprazer por ϖ . O sistema ϖ , além de transformar as quantidades dos períodos dos objetos externos em qualidades sensórias, transforma o aumento de nível de Q em qualidade de desprazer e a diminuição de nível, i.e. a sensação de eliminação, em prazer:

⁶² Pribram e Gill. Ob. cit., p. 65/6.

⁶³ Id., p. 34.

Mas até agora descrevemos incompletamente o conteúdo da consciência; ele mostra, fora da série das qualidades sensórias, uma outra série muito diferente daquela, a das sensações de prazer e desprazer Então, desprazer corresponderia ao aumento de nível de Q_n ou ao crescimento quantitativo de pressão: seria a sensação π no caso de um crescimento de Q_n em ψ . Prazer seria a sensação de eliminação. Visto que o sistema π deve ser preenchido a partir de ψ , teríamos, como resultado, a suposição de que, através do aumento do nível ψ , aumentaria a ocupação em π , e que, ao contrário, o nível caindo, ela diminuiria. ... Prazer e desprazer seriam as sensações da própria ocupação, do próprio nível em π , em que π e ψ apresentam-se de certo modo como vasos comunicantes. Dessa forma, os processos quantit[ativos] em ψ também viriam à consciência, de novo, enquanto qualidades⁶⁴.

Assim, quando aumenta o nível de Q em ψ , a ponto de um novo caminho ser facilitado, π é ocupado, transformando a quantidade na qualidade de desprazer. Além disso, quando ocorre uma eliminação motora eficiente que faz cessar o estímulo em ψ , a ocupação π também é eliminada e essa eliminação caracteriza-se pela sensação de prazer (prazer, nesse sentido, não seria a transformação de uma quantidade em qualidade, mas a qualidade correspondente a uma ausência de quantidade). Então, π produz sensação de desprazer quando há dor, e sensação de prazer quando é encontrada a ação motora que provoca a eliminação eficiente (a fuga reflexa). Assim, podemos supor que a sensação de prazer de π instrui biologicamente o aparelho a facilitar o caminho que a acompanha. Em outras palavras, o prazer indica o caminho que deve ser escolhido. Assim, a facilitação resultante da dor entre o item 2, a inclinação para eliminação, e o item 3, a imagem recordativa do objeto que excitou a dor, não é fruto direto da própria dor (ou do desprazer a ela relacionado), mas do prazer associado a uma determinada eliminação da mesma.

Analisemos o item 2, a inclinação à eliminação. Que inclinação é essa? A nosso ver só pode ser a inclinação à defesa reflexa, à fuga reflexa. Trata-se da ocupação da imagem motora da defesa reflexa. Como essa imagem se constitui? Todo movimento produz excitações que resultam em uma imagem de movimento em ψ :

⁶⁴ Id., p. 26.

*As notícias da eliminação reflexa realizam-se porque todo movimento, através de suas conseqüências colaterais, dá lugar a novas excitações sensoriais (da pele e dos músculos) que em ψ resultam em uma imagem de movimento*⁶⁵.

Devemos então supor que em ψ são representados não só os objetos externos mas também os próprios movimentos que também provocam excitações sensoriais. Assim, o fugir, o chorar, o esprepear são representados, i.e., formam imagens em ψ . A formação da imagem deve ser similar à formação da imagem do objeto, uma complicação da Q externa que toma inúmeras ramificações até que seu prosseguimento seja interrompido pelas barreiras de contato.

Essas imagens, no entanto, quando ocupadas de forma mais intensa provocam os movimentos correspondentes. Se a vivência de dor provoca em ψ um nível elevado de Q e essa Q ocupa uma dessas imagens, o movimento correspondente é executado. Suponhamos então que a vivência da dor provoca vários movimentos reflexos e cada um deles é representado em ψ . A Q da dor escoará pelo caminho mais eficiente de eliminação, facilitando-o. Assim, ψ passa a influenciar as eliminações motoras, inserindo-se entre ϕ e o aparelho motor. Mas notemos que o caminho de eliminação facilitado não passa por qualquer imagem de movimento, mas por aquela mais eficiente, aquela que faz cessar a inserção do estímulo no interior do aparelho, aquela que provoca alguma sensação de prazer (de diminuição do nível de Q em ψ e π). A facilitação não é determinada mecanicamente pelo excesso de Q, mas determinada biologicamente. No entanto, o excesso de Q é a condição material para que o caminho seja facilitado. Qual caminho será escolhido, será resultado da eficiência do mesmo. A capacidade de facilitar caminhos eficientes é o valor biológico de ψ .

Qual é a imagem de movimento eficiente? Qualquer tipo de fuga? Não, trata-se da fuga do objeto fonte de dor, e aqui entra o item 3: uma facilitação entre esta [a inclinação para eliminação] e a imagem recordativa do objeto que excitou a dor. A fuga, como vimos na citação da *Interpretação dos sonhos*, é de uma percepção, da percepção do objeto que excita a fonte da dor. A imagem de movimento eficiente, quando ocupada, deve produzir a

⁶⁵ Id., p. 32.

desocupação da imagem do objeto fonte de dor, i.e., o objeto deve desaparecer do campo perceptivo. Se supusermos que as altas Qs que incidem no aparelho psíquico inserem-se através da imagem do objeto fonte de dor (ramificações de ϕ em ψ), devemos também supor que o caminho de eliminação escolhido será aquele que, além de eliminar a Q, coincida com o cessar da ocupação da imagem do objeto. Foge-se assim da dor e da percepção do objeto hostil. Então, a representação do objeto hostil (imagem do objeto que excita a dor), quando ocupada com um alto nível de Q, toma o caminho de eliminação através da imagem de movimento de fuga. Essa imagem, por sua vez, está associada à desocupação dessa mesma representação. Teríamos então dois complexos associativos relacionados com a imagem de defesa reflexa: primeiro, desprazer (dor) + representação do objeto hostil + defesa reflexa. Segundo, defesa reflexa + desocupação da representação do objeto hostil + prazer. O primeiro caminho é facilitado porque ele produz o segundo complexo associativo. Tudo isso, então, constitui a função secundária, quando são privilegiados e conservados caminhos ligados à cessação do estímulo, à fuga do estímulo. Constituída a memória, ela torna-se motivação para futura fuga da dor e da percepção do objeto hostil quando os mesmos estiverem novamente presentes. O sistema ψ , sistema capaz de guardar a memória de ações eficientes, representa um ganho do ponto de vista biológico.

Mas a memória da vivência de dor ainda proporcionará um ganho maior do ponto de vista adaptativo. Isso ocorre porque a vivência de dor produz ainda mais uma facilitação, com os neurônios-chave que liberam afeto:

*Devido à vivência de dor, a [imagem] re[cordativa] do objeto hostil conservou uma facilitação excelente com esses neurônios-chave, de modo que o desprazer é liberado agora no afeto*⁶⁶.

Os neurônios-chave são neurônios que secretam Q, neurônios que simulam a dor, produzindo um aumento de Q no interior do aparelho. Nesta simulação, a Q que incide no aparelho é interna e não externa:

⁶⁶ Id., p. 34/5.

Se a imagem recordativa (hostil) for de alguma forma ocupada de novo, por exemplo através de nova p[ercepção], produz-se um estado que não é de dor, mas que, todavia, tem semelhança com ele. Contém desprazer e a inclinação para eliminação que corresponde à vivência de dor Portanto resta apenas supor que, pela ocupação de recordações, é liberado desprazer a partir do interior do corpo, e de novo transposto para cima. (...) têm de existir neurônios secretores que, quando excitados, originam no interior do corpo algo que age nas trilhas de condução endógenas para ψ como estímulo; que, por conseguinte, influenciam a produção de Qs endógenas; com isso, não eliminam Qs, mas as fornecem indiretamente⁶⁷.

Trata-se de um mecanismo que torna a motivação à defesa independente da Q externa, independente da dor. A esse mecanismo Freud dá a denominação de afeto, uma Q endógena liberada subitamente, geradora de desprazer e que motiva a defesa (fuga do objeto hostil), independentemente da dor infringida pelo objeto hostil.

O afeto corresponde a uma antecipação da dor. Perante a percepção do objeto hostil, o aparelho psíquico desenvolve um mecanismo que gera por si só quantidade e conduz à defesa, à fuga da percepção do objeto hostil. O objeto hostil já não precisa gerar dor, Qs intensas no interior do aparelho, para que o organismo fuja; sua presença é suficiente para ativar no aparelho psíquico a fuga de sua percepção. O afeto representa este mecanismo tão útil à espécie, que consiste na antecipação da dor, portanto, na percepção do perigo. Estamos aqui inegavelmente no campo das idéias darwinianas, da expressão das emoções que compreende os afetos como sensações que conduzem a ações úteis e com finalidade⁶⁸.

⁶⁷ Id., p. 34.

⁶⁸ É verdade que Freud, no *Projeto*, pressupõe como condição do afeto, no indivíduo, uma vivência de dor que o anteceda, idéia que invalida qualquer concepção universal dos afetos que está inegavelmente presente na teoria de Darwin. No *Projeto*, é a vivência de dor que produz a facilitação entre representação do objeto hostil e neurônio secretor. Porém, essa particularização do afeto às vivências do próprio indivíduo não nos parece ser fundamental à concepção de afeto de Freud. Essa idéia não é contraditória ou incompatível com a idéia de que o afeto é uma herança filogenética. Basta remeter a vivência de dor para os antepassados. Por exemplo, para sentir medo de cobra não é necessário que o indivíduo tenha tido uma vivência de dor com a cobra, mas que tenha herdado esta facilitação entre cobra e medo (entre representação do objeto hostil e neurônios secretores) dos antepassados, nos quais, neles sim, a facilitação foi consequência de vivências de dor (ou para sermos ainda mais darwinianos, podemos pensar que indivíduos predispostos a essa facilitação foram selecionados na luta pela sobrevivência, i.e., tiveram menos vivências de dor, transmitindo suas características para seus descendentes). O que é fundamental para Freud é relacionar afeto de desprazer com perigo, com uma antecipação a uma vivência de dor. Se a dor foi efetivamente vivenciada pelo indivíduo ou pelos

A hipótese dos neurônios secretores representa de forma quantitativa o afeto cuja utilidade é ativar a defesa do organismo para fugir do objeto hostil, ou melhor, para fugir da percepção do objeto que anteriormente gerara dor. O afeto entendido como antecipação do perigo, elemento que posteriormente (em 1917) será nomeado por Freud como prontidão para o perigo⁶⁹, é útil na medida em que aciona a evitação do perigo.

Devemos aqui, no entanto, ressaltar que, no *Projeto*, o afeto primeiramente é identificado com o desprazer porque Freud o utiliza para explicar os mecanismos de fuga e de defesa. Como observou Strachey, a identificação do afeto com vivências desprazerosas é uma falsa dedução, pois na análise dos sonhos, no próprio *Projeto*, Freud refere-se a afetos participantes de realizações de desejo e, portanto, identificados com vivências de prazer:

*Poder-se-ia deduzir de certos trechos aqui que Freud estivesse usando o termo 'afeto' apenas em relação à reprodução de vivências desagradáveis. Isso fica completamente refutado por uma afirmação a respeito dos sonhos*⁷⁰.

A afirmação de Freud, na qual ele relaciona o afeto e a realização de desejo, é a seguinte:

*Eles [os sonhos] são realizações de desejo, portanto, processos primários segundo as vivências de satisfação e só não são reconhecidos como tais porque neles a liberação de prazer (reprodução de traços de eliminação de prazer [Lustabfuhrspuren]) é pequena, porque decorrem em geral quase sem afeto (sem liberação motora)*⁷¹.

Segundo Pribram e Gill, essa explicitação *incidental* do afeto na hipótese dos sonhos refere-se à consideração de Freud de que no âmago da repressão estava a mudança do prazer em desprazer. O mesmo afeto sexual que, na patologia, conduzia à repressão, em condições normais conduzia ao prazer. Assim escrevem os autores:

antepassados, ou ainda se foi a diminuição dessa vivência que fez de sua antecipação (o afeto) uma herança filogenética, é menos importante, contanto que a dor sirva de referência ao afeto.

⁶⁹ Freud, S. - *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, Fischer Taschenbuch Verlag - (Die Angst). *Bereitschaft auf die Gefahr*, p. 377.

⁷⁰ E.S.B., vol. I, p. 426.

⁷¹ Ob. cit. p. 52/3.

Como a teoria original se ocupava substancialmente de estados patológicos e, por conseguinte, de defesas contra o desprazer, parece ter realçado aquelas condições que levam ao desprazer. ... Mas devemos lembrar também que a teoria ocupa-se predominantemente do afeto sexual, e que tal afeto conduz presumivelmente ao prazer em condições não patológicas. De fato, Freud considerou que o problema da mudança de prazer para desprazer estava no âmago do problema da repressão. Foi a esse respeito que ele - embora de forma incidental e numa hipótese sobre sonhos - definiu os resultados agradáveis do afeto no Projeto⁷².

Não concordamos com os autores quanto ao fato de, já no *Projeto*, Freud conceber a repressão como mudança do prazer em desprazer. Concordamos com Gabbi que a idéia da repressão do prazer não se enquadra no *Projeto*:

... a grande descoberta relativa à neurose obsessiva, a repressão de prazer, era impossível de ser explicada através das noções propostas ali [no Projeto].⁷³

Segundo Gabbi, a impossibilidade de explicar a repressão do prazer, de articular repressão e desejo, é uma das limitações do *Projeto*, que explica seu abandono, por parte de Freud, e determina o desenvolvimento posterior da teoria:

Uma outra maneira de descrever as limitações de Entwurf é recordar que, apesar do empenho de Freud, foi impossível estabelecer entre sonho e sintoma uma relação de identidade. A crença na existência de uma mera analogia entre os dois é insatisfatória porque é equivalente a separar desejo e defesa. No sonho realizar-se-ia desejo, mas não repressão. ... O sintoma, por sua vez, resultaria da repressão. ... Nos 14 meses seguintes, Freud esforçou-se para encontrar uma articulação entre desejo e repressão⁷⁴.

Acreditamos que no *Projeto* a repressão, mesmo a patológica, é fruto de um desprazer. Se as representações sexuais, na patologia, sofrem repressões, isso se deve ao desprazer que provocam. A representação sexual sofre repressão porque, ao entrar em conflito com outras representações (ou melhor motivações), provoca afetos desprazerosos e estes provocam a repressão⁷⁵. O próprio termo afeto sexual, um afeto efetivamente

⁷² Pribram e Gill, Ob. cit., p. 47.

⁷³ Gabbi Jr., Osmyr Faria - Freud: racionalidade, sentido e referência - Campinas: UNICAMP, Centro de lógica, epistemologia e história da ciência (coleção CLE; v.13), 1994. p. 107.

⁷⁴ Id., p. 107.

⁷⁵ Devemos assinalar que existiram outras tentativas de Freud para vincular sexualidade e desprazer. Por exemplo, no Rascunho G, Freud explica a melancolia através de um empobrecimento da pulsão sexual que geraria dor: *De que modo, portanto, é possível explicar os efeitos da melancolia? Eis a melhor descrição:*

prazeroso, curiosamente está ausente no *Projeto*. Como Pribram e Gill também escrevem, a definição do afeto no *Projeto* considera-o reprodução da vivência de dor :

*... a teoria ... parece ter realçado aquelas condições que levam ao desprazer. A própria definição de afeto que transcrevemos do Projeto trata da reprodução da experiência de dor*⁷⁶.

Apesar de não concordarmos com Pribram e Gill quanto à interpretação ~~interpretação~~ da presença do afeto no sonho, consideramos que eles nos esclarecem o que é fundamental na concepção de afeto, tanto no *Projeto* como na teoria freudiana posterior:

*... sempre que um conjunto de traços de memória é ativado e inicia uma facilitação que liberta excitações previamente contidas, resulta o afeto*⁷⁷.

*... afeto não é estimulação exógena per se e sim uma reação baseada na memória à excitação derivada de fontes exógenas; assim afeto ... tem início numa lembrança*⁷⁸.

O fundamental, portanto, na concepção do afeto é que ele é uma Q endógena liberada por uma lembrança, por uma representação. Neste sentido, podemos supor que, se se trata da representação de um objeto hostil, o afeto é desprazeroso, se se trata de uma representação de um objeto de satisfação, o afeto é prazeroso. Essa concepção do afeto também nos auxilia a compreender porque Freud o utilizou, preferencialmente, na memória da vivência de dor. Nessa memória, o afeto é o fator quantitativo (a Q endógena) desencadeante de sua reprodução (ele motiva a ocupação do caminho facilitado pela vivência de dor), mas ele (o afeto) é desencadeado pela ocupação de uma representação. Na memória da vivência de satisfação, a Q endógena, desencadeante da reprodução da vivência, tem de ser independente da recordação do objeto de satisfação. Ela provoca a ocupação da representação (e sua alucinação) e, nesse sentido, dificilmente poderíamos pensar que seu aparecimento fosse fruto da ocupação da recordação (e portanto seria difícil concebê-la como afeto). Isso, no entanto, não invalida a idéia de que também a

inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor a respeito dele (p. 102). Outro exemplo é a teoria da neurose de angústia que supõe que essa neurose é produto da consideração de que se é incapaz para lidar com a excitação sexual: *A psique é ... acometida por uma neurose de angústia se se considerar incapaz de manipular a excitação (sexual) originária de dentro* (p. 131). Em ambos os casos, no entanto, trata-se de encontrar uma relação entre sexualidade e afeto de desprazer, dor psíquica ou angústia.

⁷⁶ Ob. cit., p. 47.

⁷⁷ Id., p. 47

⁷⁸ Id., p. 49.

representação do objeto de satisfação possa provocar afeto, mas este não é essencial à reprodução da vivência de satisfação, como o é à reprodução da vivência de dor.

Utilizaremos, nesta dissertação, o conceito de afeto apenas para a Q endógena herdeira da vivência de dor, para a Q liberada pelos neurônios-chave e motivadora da fuga, mas tomaremos o cuidado de, sempre que possível, apontar o caráter de desprazer do afeto.

O afeto de desprazer, portanto, apresenta-se como um ganho biológico considerável. Corresponde à lembrança, através da liberação de Q endógena e do desprazer, de que um objeto pode provocar dor, e motiva o organismo à defesa, à desocupação da imagem perceptiva do objeto. Dessa forma, o organismo evita a própria dor.

4 – Tendência a repudiar as recordações que provocam desprazer – repressão.

A vivência de dor provoca ainda mais uma tendência:

... da vivência de dor resulta uma repulsa, uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa hostil⁷⁹.

Trata-se da defesa primária, da repressão. Ela baseia-se no caminho facilitado de eliminação reflexa (defesa reflexa):

Mais difícil de explicar é a defesa primária ou repressão, o fato de que uma imagem recordativa hostil, tão logo quanto for possível seja sempre abandonada pela ocupação. Contudo sua explicação poderia estar em que as vivências primárias de dor foram conduzidas a um fim através da defesa reflexa⁸⁰.

A diferença entre a defesa primária ou repressão e o caminho escolhido para eliminação da dor ou do afeto é que enquanto este enfatiza a imagem de movimento capaz de produzir a fuga do objeto hostil, a defesa primária (ou melhor, a repressão) enfatiza a desocupação da imagem do objeto hostil. A defesa primária é um fruto do caminho facilitado pela vivência de dor. Inicialmente, ela é parte desse caminho, já que um dos objetivos da facilitação que provoca o movimento é a desocupação da representação do objeto hostil. Quando a representação do objeto hostil é ocupada a partir da percepção, de

⁷⁹ Id., p. 35.

⁸⁰ Id., p. 36.

ϕ , a defesa primária é uma conseqüência da ocupação da imagem de movimento: a fuga proporciona a desocupação da imagem perceptiva do objeto. Se, em um segundo momento, a defesa primária esboçar-se como uma motivação autônoma, ela auxilia a própria fuga, auxilia o sucesso do movimento:

*O surgimento de um outro objeto no lugar do hostil foi um sinal de que a vivência de dor terminara, e o sistema ψ procura, instruído biologicamente, reproduzir em ψ o estado que assinalou a cessação de dor*⁸¹.

A defesa primária pode ser caracterizada, nesse sentido, como uma espécie de atração por uma imagem de objeto que coincide com a ausência do objeto hostil. Ela proporciona algumas imagens que orientam o movimento de fuga. É como se a fuga ganhasse um conteúdo, como, por exemplo, fugir para um lugar seguro. A defesa primária é uma motivação psíquica que antecipa o movimento: desocupa a imagem do objeto, antes mesmo que essa imagem tenha sido retirada do campo perceptivo, que ela tenha sido desocupada, pelo movimento de fuga. Evidentemente antecipar-se ao movimento é uma forma de obter mais sucesso com o próprio movimento. Assim, quando ocorrer a ocupação da imagem de movimento, ela é orientada pelas representações que fugiram (psiquicamente) da ocupação da imagem do objeto hostil.

A repressão (a defesa primária) é, portanto, uma fuga psíquica da imagem do objeto hostil que, ao antecipar-se ao movimento de fuga, o auxilia (auxilia a fuga real). Essa motivação para desocupar a imagem do objeto hostil está presente não só quando o objeto é ocupado a partir da percepção, mas quando é ocupado de qualquer outra forma (por exemplo, quando associado a outra percepção). Sempre que a imagem do objeto hostil for ocupada, seja pela percepção ou pela recordação, o aparelho psíquico a repudia, desocupando-a. Devemos notar, no entanto, que também o movimento de fuga é executado tanto perante a percepção do objeto hostil, como perante sua recordação, quando se está diante de outra percepção que esteja associada ao objeto hostil. Assim, se houve uma

⁸¹ Id., p. 36. Já transcrevemos e analisamos parte dessa citação. Justificamos essa repetição porque o caminho facilitado pela vivência de ~~satisfação~~ ^{satisfação} e a defesa primária originalmente são a mesma coisa. A instrução biológica, na verdade, diz respeito mais ao primeiro, o caminho que produz o movimento correspondente à imagem de movimento, do que propriamente ao segundo, à defesa primária, à repressão. Devemos notar, no entanto, que está explícito, no Projeto, o fundamento biológico da repressão.

vivência de dor com um determinado objeto, como por exemplo com um cavalo, serão temidos e evitados todos os cavalos, todos animais semelhantes ao cavalo, enfim tudo que se assemelha, se associa às impressões presentes na vivência da dor. O mesmo ocorre com a repressão: sempre que a imagem do objeto hostil for ocupada – seja a partir da percepção, ou seja pela associação com outras percepções – e for liberado afeto de desprazer, a imagem será desocupada. A repressão corresponde também a um desinteresse em ocupar a imagem do objeto hostil, desinteresse determinado pelo afeto de desprazer, pelo começo do mesmo ou pelo conhecimento da liberação afetiva da imagem do objeto hostil. Atentemos mais uma vez ao texto *Interpretação dos sonhos*:

Mas aqui não restará nenhuma inclinação para ocupar novamente a percepção da fonte de dor alucinatoriamente ou de qualquer outro modo. Ao contrário, existirá no aparelho primário a inclinação a abandonar de novo, imediatamente, a imagem de recordação penosa, se ela for de qualquer modo despertada, pois o transbordamento de sua excitação para a percepção provocaria desprazer (mais precisamente: começa a provocar). ... Esse afastamento do processo psíquico da recordação de algo outrora penoso, realizado sem esforço e regularmente, oferece-nos o protótipo e o primeiro exemplo da repressão psíquica⁸².

A repressão é, portanto, um mecanismo que se afasta do afeto doloroso⁸³. Empurrar, afastar, esquecer uma representação que provoca um afeto doloroso é uma ação que se baseia na tendência do organismo de fugir da dor e que tem uma finalidade adaptativa. Assim, a repressão apresenta a mesma determinação que: 1) as resistências (escudo protetor e barreiras de contato) que afastam o estímulo; 2) o princípio da inércia; e 3) a função secundária de fuga. Todos são manifestações da motivação de repúdio ao estímulo.

⁸² . Die Traumdeutung, Fischer Taschenbuch Verlag, p. 488. *Es wird aber hier keine Neigung übrig bleiben, die Wahrnehmung der Schmerzquelle halluzinatorisch oder anderswie wieder zu besetzen. Vielmehr wird im primären Apparat die Neigung bestehen, dies peinliche Erinnerungsbild sofort, wenn es irgendwie geweckt wird, wieder zu verlassen, weil ja das Überfließen seiner Erregung auf die Wahrnehmung Unlust hervorrufen würde (genauer: hervorzurufen beginnt). ... Diese mühelos und regelmäßig erfolgende Abwendung des psychischen Vorgangs von der Erinnerung des einst Peinlichen gibt uns das Vorbild und das erste Beispiel der psychischen Verdrängung.* A tradução é nossa.

⁸³ No Dicionário comentado do alemão de Freud (Ed. Imago - 1996), Luiz Hanns dá os seguintes significados para *verdrängen*: empurrar para o lado, desalojar, deslocar, afastar. Os usos do verbo em alemão são: desalojar alguém do seu cargo, afastar certos pensamentos da mente, a ação do navio de deslocar uma quantidade de água. Portanto, reprimir é o processo de afastar e empurrar o pensamento doloroso da consciência.

Podemos, ainda, distinguir alguns níveis de fuga, enquadrando a repressão como uma fuga psíquica: 1) a fuga reflexa, determinada pela Q externa que incide em ϕ e que é eliminada pelo aparelho motor; 2) a fuga escolhida como caminho de eliminação, determinada pela Q externa intensa que incide em ψ (dor) e que ocupa a imagem de movimento; 3) a fuga determinada pelo afeto que ocupa a imagem de movimento (afeto liberado pela ocupação da imagem do objeto hostil perceptiva ou recordativa); 4) a fuga psíquica determinada pela dor ou pelo afeto (este ligado a percepção ou recordação do objeto hostil) que desocupa a imagem do objeto hostil. (percebida ou recordada).

A fuga psíquica é, nesse sentido, algo que fica entre um repúdio físico, executado por meio do movimento de fuga, e um repúdio meramente psíquico, como o é a condenação. Assim Freud localiza a repressão, no texto metapsicológico de 1915:

*Um primeiro grau da condenação [rejeição do julgamento], uma coisa intermediária entre fuga e condenação, é a repressão*⁸⁴.

A repressão coincide com a fuga, com um repúdio físico, porque é uma desocupação como a que ocorre quando o objeto desaparece do campo perceptivo e a Q externa deixa de incidir no aparelho; coincide com a condenação, com um repúdio psíquico porque repudia uma representação. A repressão é intermediária entre fuga e condenação porque é fruto do repúdio físico e causa do futuro repúdio psíquico. Ela, no entanto, está presente em ambas as formas de repúdio.

Em um texto contemporâneo ao *Projeto*, encontramos outra esclarecedora comparação entre repressão e fuga. Só que não se trata da fuga propriamente dita, mas da fuga para a psicose, outro tipo de fuga psíquica. Em *As psiconeuroses de defesa* (1894), Freud diferencia a repressão – mecanismo utilizado na histeria, nas fobias e nas obsessões – do mecanismo da psicose alucinatória:

⁸⁴ Die Verdrängung, Studienausgabe, Bd. III, p. 107. *Eine Vorstufe der Verurteilung [Urteilsverwerfung], ein Mittelding zwischen Flucht und Verurteilung ist die Verdrängung.*

*O conteúdo de uma tal psicose alucinatória consiste precisamente na acentuação daquela representação que foi ameaçada por ocasião da doença. Portanto, é justificável dizer que o eu se defendeu da representação intolerável pela fuga na psicose O eu separa-se da representação intolerável, mas esta está ligada inseparavelmente a um pedaço da realidade, e à medida que o eu realiza este trabalho desprende-se também da realidade, de modo inteiro ou parcial*⁸⁵.

Tomemos a representação intolerável ao eu como uma representação de uma vivência de dor. A diferença entre a repressão e a fuga para a psicose é que enquanto a primeira se caracteriza como fuga de uma imagem recordativa, a segunda se caracteriza como fuga das imagens recordativa e perceptiva. Na psicose, além da negação da imagem intolerável no processo de pensamento, como no mecanismo da repressão no qual se evita ocupar a imagem do objeto causador de dor, também ocorre a negação da percepção (partes da realidade) do mesmo objeto; há uma alucinação negativa. No mecanismo da repressão, o aparelho psíquico não perde a capacidade de perceber o objeto causador de dor, como acontece na psicose. Entretanto, apesar das diferenças, o processo é o mesmo: fuga de uma imagem, no primeiro caso referente a ψ , no segundo expandindo-se até ϕ .

Esse processo de fuga psíquica não é um processo destituído de finalidade. Originalmente, auxilia a fuga física; posteriormente, identifica-se com os processos de repúdio do eu, com o processo que condena uma representação ao esquecimento. No próprio texto *As psiconeuroses de defesa*, Freud vincula a intenção de esquecer a representação que causa dor (a repressão) à uma ação da vontade:

*... a divisão do conteúdo da consciência é consequência de um ato de vontade do paciente; a saber, é introduzida por um esforço de vontade cujo motivo pode ser indicado*⁸⁶.

⁸⁵ Die Abwehr-Neuropsychosen, Gesammelte Werke, Bd. I, p. 73. *daß der Inhalt einer solchen halluzinatorischen Psychose gerade in der Hervorhebung jener Vorstellung besteht, die durch der Anlaß der Erkrankung bedroht war. Man ist also berechtigt zu sagen, daß das Ich durch die Flucht in die Psychose der unerträglich Vorstellung abgewehrt hat; der Vorgang, durch den dies erreicht worden ist, entzieht sich wiederum der Selbstwahrnehmung wie der psychologisch-klinischen Analyse. (...) Das Ich reißt sich von der unerträglichen Vorstellung los, diese hängt aber untrennbar mit einem Stück der Realität zusammen, und indem das Ich diese Leistung vollbringt, hat es sich auch von der Realität ganz oder teilweise losgelöst.*

⁸⁶ Freud, S. Gesammelte Werke, Band 1, S. Fischer Verlag, Fünfte Auflage, 1977. p. 61. *daß die Spaltung des Bewußtseinsinhaltes die Folge eines Willensaktes des Kranken ist, d. h. durch eine Willensanstrengung eingeleitet wird, deren Motiv man angeben kann.*

O motivo da repressão, que provoca a divisão da consciência, é um afeto penoso (nos termos do *Projeto*, uma liberação afetiva produzida pelos neurônios-chave):

*Nos pacientes por mim analisados, existira, a saber, uma saúde psíquica até o momento no qual ocorreu um acontecimento de intolerabilidade na sua vida representacional, isto é, até que uma vivência, uma representação, um sentimento, dirigiu-se ao seu eu, e despertou um afeto tão penoso que a pessoa resolveu esquecer-se disso, pois ela própria não confiava na força para resolver através do trabalho do pensamento a contradição dessa representação intolerável com seu eu*⁸⁷.

Uma vivência intolerável ao eu devido a seu afeto penoso é a vivência de dor, ou traumática. Ela provoca a repressão, i.e., provoca a inclinação à desocupação de sua representação, que se expressa no esquecimento da mesma. Pode-se argumentar que nem sempre a representação intolerável é uma representação da vivência de dor. Ela muitas vezes remete a um conflito psíquico, a uma intenção (sexual, por exemplo) que é intolerável às intenções (morais, por exemplo) do eu. Parece-nos, no entanto, que o conflito psíquico, na primeira teoria de Freud, segue o modelo da vivência de dor. Ambos despertam um afeto desprazeroso que o paciente quer esquecer e o reprime. O conflito psíquico não parece ter um estatuto teórico na explicação da patologia mais relevante que a vivência de dor (traumática). Ao contrário, parece-nos, como tentaremos demonstrar no quarto capítulo, que o conflito psíquico, nessa primeira teoria, desperta desprazer porque remete a uma ameaça de dor e, portanto, em última instância, a uma vivência de dor. Nesse sentido, as representações reprimidas são sempre de dor e desprazer. Freud precisará articular repressão e desejo (o que só ocorrerá depois da apresentação metapsicológica do *Projeto*⁸⁸), para então poder abandonar a teoria do trauma, a teoria da vivência de dor. O

⁸⁷ Id., p. 61/2. *Bei den von mir analysierten Patienten hatte nämlich psychische Gesundheit bis zu dem Moment bestanden, in dem ein Fall von Unverträglichkeit in ihrem Vorstellungsleben vorfiel, d.h. bis ein Erlebnis, eine Vorstellung, Empfindung an ihr Ich heran trat, welches einen so peinlichen Affekt erweckte, daß die Person beschloß, daran zu vergessen, weil sie sich nicht die Kraft zutraute, den Widerspruch dieser unverträglichen Vorstellung mit ihrem Ich durch Denkarbeit zu lösen.*

⁸⁸ Como já comentamos, o modelo do aparelho psíquico do *Projeto* será logo abandonado por Freud que esforçar-se-á por articular desejo e repressão. O que nos parece importante ressaltar é que no *Projeto* existe uma distinção muito bem demarcada entre desejo e repressão. Enquanto o desejo remete à vivência de satisfação, a repressão remete à vivência de dor, portanto, na metapsicologia do *Projeto* é impossível pensar a repressão do desejo. Parece-nos, no entanto, que isso não ocorre por uma incompletude ou inconsistência da teoria do *Projeto*, mas pelo fato de que no *Projeto* o funcionamento do aparelho psíquico é pensado a partir de dois motivos fundamentais: evitação de dor (repúdio aos objetos hostis) e busca de prazer (atração pelos

conflito psíquico desperta um afeto desprazeroso (pois em última instância relaciona-se com uma vivência de dor) que o neurótico prefere esquecer em vez de enfrentar, assim como provavelmente preferiria fugir da fonte do afeto doloroso a, por exemplo, atacá-la (ataque que implica o enfrentamento do perigo e não só a fuga. Ataque e fuga corresponderiam respectivamente à resolução do conflito e à repressão).⁸⁹

Também no texto *Para a psicoterapia da histeria* (última parte dos *Estudos sobre histeria*), Freud vincula a repressão a um afeto penoso. A representação patológica é reprimida devido a sua natureza penosa:

*... elas eram todas de natureza penosa, apropriadas para provocar o afeto de vergonha, de censura, de dor psíquica, o sentimento de prejuízo, eram todas de modo que se preferiria não vivenciá-las, que o melhor seria esquecê-las. De tudo isso resulta, como por si mesmo, o pensamento de defesa*⁹⁰.

Todos esses afetos: vergonha, censura, sentimento de prejuízo e, inclusive, dor psíquica corresponderiam, no *Projeto*, à liberação de Q pelo neurônio-chave. O paciente não conhece as representações patológicas porque, na verdade, não as quer conhecer:

*O não-saber do histérico era portanto, na verdade, um não querer saber mais ou menos consciente*⁹¹.

Ele não as quer conhecer porque elas provocam desprazer, provocam afeto de desprazer porque estão associadas a vivências de dor.

Mas, afinal, se a repressão tem como finalidade proteger o aparelho psíquico da dor e do desprazer, porque ela se torna um processo patológico? Analisaremos a repressão patológica no quarto capítulo depois de analisados a constituição e o trabalho do eu. Agora, indicaremos, apenas, quando o processo se torna patológico.

objetos de satisfação). A articulação entre desejo e repressão supõe, no entanto, uma nova motivação: a evitação do prazer (o repúdio aos objetos de satisfação).

⁸⁹ Podemos pensar que o ataque à fonte perigosa é uma reação muito mais adequada e eficaz que a fuga, porém, mesmo assim, a fuga inegavelmente é uma reação adequada, já que retira o organismo da vivência perigosa.

⁹⁰ Ob. cit., p. 268/9. ... sie waren sämtlich peinlicher Natur, geeignet, die Affekte der Scham, des Vorwurfes, des psychischen Schmerzes, die Empfindung der Beeinträchtigung hervorzurufen, sämtlich von der Art, wie man sie gerne nicht erlebt haben möchte, wie man sie am liebsten vergißt. Aus alledem ergab sich wie von selbst der Gedanke der Abwehr.

⁹¹ Id., p. 269. Das Nichtwissen der Hysterischen war also eigentlich ein - mehr oder minder bewusstes - Nichtwissenwollen.

A repressão, o afastamento de recordações, apresenta-se como a grande responsável pela patologia. Ao desocupar representações, a repressão torna inconsciente, oculta, os verdadeiros motivos dos pensamentos e das ações, dando a falsa impressão de que são ilógicos, incompreensíveis:

*Deve-se colocar as mesmas exigências de ligação lógica e motivação suficiente, que se imporiam a um curso de pensamento num indivíduo normal, a o curso de pensamento num histérico, mesmo que ele se estenda no inconsciente. Um afrouxamento dessas relações não está ao alcance da neurose. Se as ligações de representação dos neuróticos e especialmente dos histéricos dão outra impressão, se aqui a relação das intensidades das diferentes representações parece inexplicável a partir apenas das condições psicológicas, então nós já conhecíamos exatamente a razão para essa aparência e sabemos indicá-la como a existência de motivos ocultos e inconscientes. Nós devemos portanto supor tais motivos secretos por toda parte, onde se comprova um salto nas conexões, um excesso de quantidade da motivação legitimada normal*⁹².

O trabalho terapêutico proposto por Freud visava a encontrar uma motivação suficiente capaz de esclarecer através de relações lógicas os fenômenos neuróticos. Essa motivação era encontrada em representações de vivências que, devido à repressão, ficavam excluídas da consciência do neurótico. Por meio da hipnose, da técnica da pressão (Freud pressionava a testa de seus pacientes e pedia que relatassem o que lhes surgisse na mente) ou da associação livre, a representação da vivência reprimida era recordada pelo paciente, tornando compreensível a motivação para o sintoma. Assim Freud descreve, no *Projeto*, o trabalho analítico:

⁹² Id., p. 298. *Man darf nämlich an einen Gedankengang bei einem Hysterischen, und reichte er auch ins Unbewusste, dieselben Anforderungen von logischer Verknüpfung und ausreichender Motivierung stellen, die man bei einem normalen Individuum erheben würde. Eine Lockerung dieser Beziehungen liegt nicht im Machtbereiche der Neurose. Wenn die Vorstellungsverknüpfungen der Neurotischen und speziell der Hysterischen einen anderen Eindruck machen, wenn hier die Relation der Intensitäten verschiedener Vorstellungen aus psychologischen Bedingungen allein unerklärbar scheint, so haben wir ja gerade für diesen Anschein den Grund kennen gelernt und wissen ihn als Existenz verborgener, unbewußter Motive zu nennen. Wir dürfen also solche geheime Motive überall dort vermuten, wo ein solcher Sprung im Zusammenhange, eine Überschreitung des Maßes normal berechtigter Motivierung nachzuweisen ist.* (p. 298).

*Antes da análise, A é uma representação superintensa que se impõe muitas vezes à consciência e que todas as vezes leva ao choro. O indivíduo não sabe porque A lhe leva a chorar, acha o fato absurdo, mas não pode impedi-lo. Após a análise, descobriu-se uma representação B que com direito leva ao choro O efeito de B não é absurdo, é compreensível para o indivíduo, e até pode ser combatido por ele. B tem uma relação determinada com A. Isto é, existiu uma vivência que consistiu de B + A*⁹³.

Assim, o complexo representativo da vivência, descoberto na análise, contém a representação que, quando recordada, inexplicavelmente provoca o sintoma (o choro) e a representação realmente motivadora do sintoma, aquela que quando recordada compreensivelmente provoca o choro. Conhecido o motivo do sintoma (do choro), o paciente pode combatê-lo (desgastá-lo, processo que veremos no quarto capítulo) e, portanto, livrar-se do mesmo. A repressão faz com que o sintoma não seja compreendido e não possa ser combatido. A lógica da repressão produz a falta de lógica dos sintomas. Em vez de apresentar-se como um mecanismo com finalidades adaptativas, a repressão mostra-se um mecanismo altamente inadequado.

Analisemos um exemplo que Freud nos fornece, no *Projeto*, que pode ser considerado intermediário entre a normalidade e a patologia:

*um homem é projetado de uma carruagem, colocando-se em perigo [dabei in Gefahr geraten]; a partir daí, não consegue mais viajar de carruagem. Essa compulsão é: 1. compreensível, pois conhecemos sua origem; 3. congruente, pois a associação com o perigo [Gefahr] justifica a ligação entre viajar de carruagem e temor [Furcht]. Mas também [2] não é solúvel por trabalho de pensar*⁹⁴.

Nesse exemplo, a vivência motivadora é uma vivência de perigo, associada a uma vivência de dor que, por isso, libera afeto de desprazer, o temor. A seqüência é: vivência que contém um perigo (trauma) – temor (afeto) – ação de repúdio à vivência perigosa (compulsão), em outras palavras, fuga. É de se notar que o esquema que explica a compulsão compreensível é o mesmo que explicou a memória da vivência de dor, o afeto de desprazer, a preferência pela fuga e, também, o mecanismo de repressão. Nesse sentido, podemos dizer que a compulsão é uma ação determinada pela ocupação da imagem de movimento mais eficiente para fazer cessar o estímulo. A Q que ocupa essa imagem de

⁹³ Freud, S., *Projeto de uma Psicologia*, tradução Osmyr Faria Gabbi Junior. R.J. - Ed Imago - 1995. p. 61.

⁹⁴ Ob. cit., p. 60.

movimento, por sua vez, é a Q liberada pelo neurônio-chave (afeto de desprazer) que sinaliza o perigo da dor (a proximidade do objeto fonte de dor, no caso, um verdadeiro acidente na carruagem). A compulsão é a eliminação motora de repúdio motivada por uma afeto de desprazer.

Podemos também afirmar que a vivência justifica o trabalho da repressão, i.e., o afastamento de sua recordação do processo de pensamento. Esse trabalho de afastamento da recordação liberadora de desprazer expressa-se na insolubilidade da compulsão pelo processo de pensar. Não ser solúvel pelo pensamento é uma característica normal, mas que toca o patológico:

Não cabe chamar o último caráter [não-solúvel pelo trabalho de pensar] de totalmente patológico, também nossas idéias superintensas normais são muitas vezes insolúveis⁹⁵.

Por que é normal? Porque é compreensível que não se queira pensar na hipótese de andar de carruagem depois de um acidente com a mesma. É congruente que esse pensamento provoque afeto de desprazer e que, portanto, ele seja evitado. A evitação desse pensamento não presta um auxílio à compulsão (a fuga), no entanto, é compreensível⁹⁶, pois corresponde a um movimento similar ao da compulsão. Neste caso, a repressão não auxilia a fuga, mas evita o afeto de desprazer.

Por que esse processo, no entanto, toca o patológico?

Ora, resulta de nossas análises que a compulsão histérica é imediatamente solucionada se ela for esclarecida (se ela se tornar compreensível). Os dois caracteres são, portanto, em essência um. Através da análise, também se constata o processo mediante o qual se produziu a aparência de absurdo e incongruência⁹⁷.

Solucionar-se e tornar-se compreensível é um único caráter. Portanto, na compulsão histérica, a mesma repressão, aparentemente normal, que torna a compulsão insolúvel pelo pensamento, coincide com a repressão que torna a compulsão incompreensível e o afeto incongruente. O resultado da repressão patológica, nesse sentido, não é uma fuga mais eficiente ou a evitação do afeto de desprazer, mas um

⁹⁵ Id., p. 60

⁹⁶ Talvez seja compreensível justamente porque percebemos a importância de tal mecanismo na evitação da percepção. Como fazemos um paralelo entre percepção e recordação, aceitamos com a mesma naturalidade a evitação da percepção e do pensamento.

⁹⁷ Id., p. 60/1

desconhecimento do que produz o afeto (incongruência do afeto) e do que se foge (incompreensão da compulsão). Para explicar a repressão patológica Freud terá, então, de supor algumas condições que transforme o mecanismo adequado e útil da defesa primária em um mecanismo inadequado e inútil que torna o afeto e a fuga incompreensíveis e, por isso, incombateis. Na verdade, Freud terá de supor uma repressão que falha no seu objetivo, pois, em vez de evitar o afeto de desprazer, apenas o torna incongruente.

Mas deixemos para analisar a repressão patológica depois de analisado todo o funcionamento psíquico. Acompanhemos agora a constituição da outra motivação do aparelho psíquico: a atração pelos objetos de satisfação.

Capítulo 2: A teoria da vivência de satisfação

A outra memória motivadora do aparelho psíquico é a memória da vivência de satisfação. Enquanto a memória da vivência de dor é facilitada pela Q exógena, pelos estímulos externos⁹⁸, a memória da vivência de satisfação é facilitada pela Q endógena, pelos estímulos internos. O que são os estímulos endógenos?

... o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento corporal, estímulos endógenos. Estes se originam em células corporais e dão como resultado os grandes carecimentos: fome, respiração, sexualidade⁹⁹.

Comparemos a descrição que Freud faz desses estímulos com a descrição feita por Breuer, para melhor compreendermos a teoria do primeiro. Breuer assim os descreve:

Tais [causas fisiológicas e endógenas do aumento de excitação] são primeiramente as grandes necessidades fisiológicas e pulsões do organismo, a fome de oxigênio, a fome de alimento e a sede. A excitação que as provocam relaciona-se com determinadas sensações e representações de meta ... O aumento da excitação, que flui dessas fontes, é condicionado pela alteração química dos próprios elementos cerebrais, que empobrecem em oxigênio, energia potencial ou água: ela [o aumento da excitação] escoá-se em facilitações motoras pré-formadas, que conduzem para a satisfação da necessidade que a provocou; a dispnéia no esforço da respiração, fome e sede na procura e obtenção do alimento e da água¹⁰⁰.

⁹⁸ É importante notar que a teoria da dor do *Projeto* baseia-se exclusivamente na ação da Q externa (quando se trata da Q endógena liberada pelos neurônios-chave não se trata de dor mas de afeto de desprazer). É, realmente, surpreendente que Freud não se refira à dor endógena. Isso parece dever-se mais a uma dificuldade em encaixá-la no seu modelo do que uma negação de sua importância. Como vimos, ao reformular o modelo do *Projeto* (na carta enviada a Fliess em 1º de Janeiro de 1896), Freud tenta encaixar no seu modelo a dor endógena provinda da alteração de um órgão (no caso, a enxaqueca, cf. nota de rodapé nº 3). No entanto, a reformulação do modelo do *Projeto* também não lhe pareceu satisfatória, e a dor endógena permanecerá excluída de seus escritos até a introdução do conceito de narcisismo em 1914. Nessa ocasião, a dor endógena não só será integrada à teoria como será o modelo sobre o qual será pensada a pulsão sexual. Pretendemos analisar essa questão em um trabalho posterior.

⁹⁹ *Id.*, p. 10/1.

¹⁰⁰ *Ob. cit.*, p. 217. *Solche [physiologische, endogene Ursachen der Erregungssteigerung] sind zunächst die großen physiologischen Bedürfnisse und Triebe des Organismus, der Sauerstoffhunger, der Nahrungshunger und der Durst. Da sich die Aufregung, welche sie setzen, mit bestimmten Empfindungen und Zielvorstellungen verknüpft, (...) Die Erregungssteigerung, welche diesen Quellen entfließt, ist bedingt durch die chemische Veränderung der Hirnelemente selbst, welche an Sauerstoff oder Spannkraften oder Wasser verarmen; sie fließt in präformierten motorischen Bahnen ab, welche zur Befriedigung des auslösenden Bedürfnisses führen: die Dyspnoe in den Anstrengungen der Atmung, Hunger und Durst im Aufsuchen und Erringen der Nahrung und des Wassers.*

De acordo com Breuer, as excitações endógenas provocam uma reação adequada do ponto de vista adaptativo: a dispnéia provoca a respiração, a fome a busca de alimento e a necessidade sexual a busca de um objeto sexual.

Temos, nesse caso, um funcionamento similar ao funcionamento do aparelho mediante o estímulo externo e o afeto de desprazer: o valor da memória é, em ambos os casos, provocar ações que viabilizem o cancelamento da inserção de estímulos, pelo menos temporariamente, no interior do aparelho psíquico. Se a representação do objeto cumpre um papel nesse funcionamento, é coadjuvante à ação. Por exemplo, a representação do objeto alimento deve estar presente na representação (imagem) da ação de procura e obtenção do mesmo. A relação entre a ação e a representação do objeto é também similar à relação entre a defesa reflexa e a representação do objeto hostil: a representação do objeto hostil está presente na imagem motora da defesa que propicia a desocupação do mesmo. A diferença é que no primeiro caso a ação visa à aproximação do objeto e no segundo caso o afastamento do objeto.

No entanto, apesar de próxima da teoria de Breuer, a teoria de Freud sobre os estímulos endógenos é um pouco diferente. Acompanhemos suas formulações. Segundo Freud, os estímulos endógenos ocupam os neurônios nucleares de ψ :

O núcleo de ψ está em ligação com toda trilha da qual se elevam quantidades de excitação endógena. (...) temos de sustentar a suposição inicial de um caminho direto que leva do interior do corpo aos neurônios ψ ¹⁰¹.

Quando os neurônios do núcleo são ocupados, surgem reações motoras desordenadas, assim como quando ocorre a dor¹⁰² ou quando são ocupados os neurônios secretores do afeto:

¹⁰¹ Id., p. 29/30.

¹⁰² Repetimos a citação de *Interpretação dos sonhos*: *Atua no aparelho primitivo um estímulo de percepção que é a fonte de uma excitação de dor. Seguir-se-ão então por um longo tempo manifestações motoras desordenadas até que uma delas retire o aparelho da percepção e simultaneamente da dor.*

O preenchimento dos neurônios nucleares em ψ terá como consequência um esforço de eliminação, uma incitação para obter alívio na direção do caminho motor. De acordo com a experiência, a via para a alteração interna (expressão de emoções, gritos, inervação vascular) é aquela que inicialmente se entra¹⁰³.

Devemos supor que ψ do núcleo tem, assim como ϕ , uma relação direta com o aparelho motor. Relação que faz com que a ação motora, provocada pela Q endógena, constitua imagens de movimento em ψ , como ocorre em relação a Q externa¹⁰⁴.

Na dor e no afeto, o estímulo só desaparece quando é alterado o mundo externo, quando o objeto fonte de dor desaparece da percepção. Também, os estímulos endógenos só desaparecem quando ocorrem alterações no mundo externo, quando aparecem os objetos de satisfação:

Aqui um cancelamento de estímulo só é possível através de uma intervenção que, por certo tempo, remova no interior do corpo a liberação de Q, e essa intervenção exige uma alteração no mundo externo (aprovisionamento de alimento, proximidade do objeto sexual) que, enquanto ação específica, só se pode efetuar a partir de determinados caminhos¹⁰⁵.

No entanto, enquanto ante a dor e o afeto, o organismo consegue encontrar uma ação capaz de repudiar o objeto e com isso eliminar a excitação (através da defesa reflexa), ante o estímulo interno, o organismo não consegue encontrar uma ação capaz de fazer aproximar o objeto de satisfação (o alimento) e, portanto, não é capaz de eliminar, sozinho, a excitação:

O organismo humano é no início incapaz de levar a cabo a ação específica¹⁰⁶.

Se para Breuer as excitações da fome escoam em facilitações motoras pré-formadas que conduzem à satisfação da necessidade, i.e., conduzem à procura e à obtenção de alimento, para Freud esse escoamento é originalmente ineficiente porque faltam ao

¹⁰³ Id., p. 31.

¹⁰⁴ Acreditamos que essa suposição não desqualifica nossas reflexões sobre a forma como ψ se insere entre ϕ e o aparelho motor, pois ali vimos como o sistema da memória se inseria entre a percepção e a motilidade. Só com a ocupação de ψ do núcleo não temos um caminho de memória, é uma ocupação similar à ocupação de ϕ . ψ do núcleo, assim como ϕ , é apenas um receptor de Q, que pode ser associado diretamente com o aparelho motor, assim como ϕ .

¹⁰⁵ Id., p. 32.

¹⁰⁶ Id., p. 32.

organismo humano as imagens motoras pré-formadas que deveriam levar a cabo a ação específica.

À primeira vista, parece que a ausência da imagem motora pré-formada só faz com que a comunicação, uma ação que chama a atenção do objeto auxiliar, ganhe importância:

*Ela [a ação específica] se efetua por ajuda alheia, na medida em que, através da eliminação pelo caminho de alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança. Esta via de eliminação passa a ter, assim, a função secundária, da mais alta importância, de comunicação*¹⁰⁷.

Nesse caso, formar-se-ia uma facilitação entre os neurônios do núcleo (preenchidos por excitações referentes a fome) e a imagem do choro e do grito que faria aproximar um objeto que auxilia na satisfação.

*Se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este foi capaz, através de organizações reflexas, de executar sem demora o desempenho necessário no interior de seu corpo para cancelar o estímulo endógeno*¹⁰⁸.

A facilitação completar-se-ia com a imagem do movimento reflexo que, no caso do recém-nascido, é o sugar. A facilitação completa, então, seria: 1) os neurônios do núcleo (fome); 2) os neurônios correspondentes à imagem motora capaz de alcançar o objeto auxiliar (choro ou grito); 3) os neurônios correspondentes à imagem do movimento reflexo capaz de alcançar o alimento (sucção); e 4) notícia de eliminação dos neurônios π (notícia do prazer).

Se assim fosse, ainda poderíamos dizer que a teoria de Freud, de modo geral, concorda com a teoria de Breuer, no que diz respeito aos estímulos endógenos. Mas não é bem assim que as coisas se passam. O caminho facilitado pela vivência de satisfação será o seguinte:

¹⁰⁷ Id., p. 32.

¹⁰⁸ Id., p. 32.

Então, a totalidade apresenta uma vivência de satisfação, que tem as conseqüências mais decisivas para o desenvolvimento das funções do indivíduo. Ou seja, ocorrem três coisas no sistema ψ : 1. realizou-se uma eliminação duradoura¹⁰⁹, e, dessa forma, dá-se fim à excitação que produzira em ω desprazer¹¹⁰; 2. origina-se no manto a ocupação de um neurônio (ou de vários) que corresponde(m) à percepção de um objeto¹¹¹; 3. chegam em outros lugares do manto as notícias de eliminação devida ao movimento reflexo desencadeado que se segue à ação específica. Entre essas ocupações e os neurônios nucleares forma-se então uma facilitação¹¹².

Os neurônios (ou grupo de neurônios) que se inserem no caminho facilitado entre neurônios nucleares, representantes da necessidade, e a eliminação duradoura (que coincide com o prazer sentido em ω) são: o correspondente à representação do objeto que auxiliou a satisfação (2) e o correspondente à representação motora reflexa do próprio corpo (3). A facilitação, nesse caso, não é justificada somente pela satisfação que a presença das representações – do objeto auxiliar e da imagem motora do próprio corpo – provocam. Freud as justifica pela lei da simultaneidade:

Ora, há uma lei fundamental de associação por simultaneidade, (...) que é o fundamento de todas as ligações entre os neurônios ψ . (...) Assim, através da ocupação simultânea α e β , uma barreira de contato foi facilitada. ... uma Q_1 passa mais facilmente de um neurônio para um {neurônio} ocupado do que para um desocupado. A ocupação de um segundo neurônio age, por conseguinte, como a ocupação mais forte do primeiro¹¹³.

A facilitação devido à simultaneidade, em vez da facilitação devido aos ganhos biológicos (caminho eficiente de eliminação), revela, de alguma forma, a passagem de um funcionamento regido por princípios biológicos para um funcionamento regido por princípios mecânicos. Essa passagem será, ainda, bem justificada por Freud.

¹⁰⁹ Portanto, constituiu-se, em ψ , através da facilitação de neurônios, um caminho preferido de eliminação, ou seja, uma memória que determinará as próximas passagens de Q .

¹¹⁰ A eliminação da excitação de ω (consciência) corresponde a uma sensação de prazer. O prazer, sentido em ω , assinala para ψ que se trata de um caminho de eliminação que deve ser preferido.

¹¹¹ Neurônios que correspondem à representação do objeto que auxilia a satisfação.

¹¹² Neurônios que correspondem à representação do próprio corpo (imagem de movimento). A imagem de movimento parece corresponder a um complexo de neurônios do núcleo e do manto, excitações provindas do próprio corpo associadas às sensações provindas dos órgãos dos sentidos e à sensação de prazer devido à eliminação que proporciona. Id., p. 32.

¹¹³ Id., p. 33.

Acompanhemo-la. A facilitação ocorre em ψ , sistema que prefere caminhos de eliminação eficientes do ponto de vista adaptativo. O caminho preferido é aquele que interrompe a produção, ao menos temporariamente, de Q endógena. É nesse caminho de eliminação, importante biologicamente, que se insere a representação do objeto auxiliar que, não fosse a simultaneidade com a Q endógena, passaria despercebida. O resultado dessa associação por simultaneidade é que em vez de a memória provocar uma ação ela provoca uma recordação:

Assim, origina-se, através da vivência de satisfação, uma facilitação entre duas imagens recordativas¹¹⁴ e os neurônios nucleares que, no estado de incitação, são ocupados. (...) Com o reaparecimento do estado de incitação ou de desejo, a ocupação prossegue agora também para as re[cordações] e anima-as. A imagem recordativa do objeto certamente é a primeira a ser afetada pela animação do desejo. Não tenho dúvidas de que essa animação de desejo resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, em alucinação¹¹⁵.

A memória da vivência de satisfação ocupa, primeiramente, uma imagem recordativa, e sua conseqüência é a alucinação. A incapacidade do bebê de executar a ação específica ganha, aqui, toda sua importância. Essa incapacidade não provoca novas ações distintas das instintivas e pré-formadas – por exemplo ações que atraíam o objeto auxiliar (como o choro) –, mas faz com que a recordação do objeto auxiliar tome o lugar da própria ação. A representação do objeto não participa da representação da ação (num papel coadjuvante), mas sim toma o lugar da ação.

Para compreendermos melhor essa passagem do funcionamento psíquico, suponhamos que o aparelho fosse originalmente capaz de executar a ação específica. Qual seria o caminho da memória, i.e., qual seria o caminho de eliminação facilitado devido à eficiência no cancelamento da inserção de Q endógena no interior do aparelho? Se o caminho fosse similar ao caminho do afeto seria o seguinte: 1) neurônios do núcleo; 2) neurônios correspondentes à representação da ação específica (ações motoras capazes de alterar o mundo externo para satisfazer a necessidade, i.e., o provisionamento de

¹¹⁴ Freud fala em duas imagens recordativas: uma do objeto auxiliar de satisfação e outra do movimento reflexo do sugar. Esta segunda é também uma recordação, mas, devemos diferenciar, uma recordação que provoca uma ação.

¹¹⁵ Id., p. 33.

alimentos, e, nesse caso, a representação do objeto participaria da representação da ação específica¹¹⁶); e 3) neurônios correspondentes à representação do movimento reflexo (no caso, o sugar, e aqui também a representação do objeto, do alimento, participaria da representação do movimento).

Quando uma representação de movimento do próprio corpo é ocupada, ela não é recordada, mas produz o movimento correspondente, i.e., transforma-se em ação. Assim ocorre com os movimentos reflexos (o bebê não recorda ou alucina que está sugando, mas ele suga) e ocorreria também, caso existisse, com a representação da ação específica capaz de alcançar os alimentos. Se a representação facilitada fosse a da ação específica (uma imagem de movimento do próprio corpo capaz de trazer para si o alimento), quando ocorresse o estado de desejo (fosse ocupado o neurônio nuclear) seriam imediatamente ocupadas as representações da ação específica e do movimento reflexo. Assim, a memória do caminho de eliminação mais eficiente possibilitaria ao organismo satisfazer-se de forma mais eficiente, quando estivesse novamente em estado de necessidade. A memória do desejo teria, então, sua justificativa nas vantagens adaptativas, como a memória da vivência de dor.

Ocorre que, em vez da representação da ação específica, encontramos a representação do objeto que auxilia a satisfação (e não a representação de outra ação, como por exemplo, o choro). O fato de o humano originalmente não ser capaz de exercer a ação específica e necessitar de outro para executá-la faz com que a representação do outro, do objeto que auxilia a satisfação, substitua a representação da ação específica. Ou melhor, a inexistência da representação da ação específica faz com que outra forma de associação, por simultaneidade (associação que normalmente deveria apenas auxiliar a ação de maior valor adaptativo), ganhe estatuto de principal determinadora do caminho de memória. A simultaneidade da eliminação eficiente e da representação do objeto que auxilia a satisfação determina a memória: a ocupação dos neurônios do núcleo conduzem à ocupação dos neurônios correspondentes à representação do objeto que auxilia a satisfação. A representação do objeto que auxilia a satisfação, porém, quando ocupada a partir de ψ do

¹¹⁶ Para sermos ainda mais fiéis ao paralelo feito com a memória da dor, deveríamos assim descrever a ação específica capaz de aprovisionar o organismo de alimento: 1) uma inclinação para a eliminação (uma

núcleo (no estado de necessidade, i.e., de desejo), diferentemente da imagem corporal que conduz à ação, produz a recordação e a alucinação.

Na verdade, a memória da vivência de satisfação, que inicialmente não tem qualquer valor adaptativo, pois provoca a alucinação e não uma ação, posteriormente, no desenvolvimento do ser humano, ganhará esse valor. A partir da recordação do objeto de satisfação será desenvolvido o eu que terá ainda mais valor adaptativo que, por exemplo, as reações afetivas. No entanto, mesmo que a recordação do objeto de satisfação venha a ter importante papel adaptativo, já que ela é fundamental à constituição do eu, parece-nos importante ressaltar sua origem: ela se apresenta no lugar de uma ação com valor adaptativo. Nesse sentido, a memória primária da vivência de satisfação corresponde a uma memória na qual o campo da representação se sobrepõe ao campo prático. Temos, assim, um aparelho psíquico não mais determinado pelos princípios biológicos, mas por uma representação. A representação passa a determinar o próprio funcionamento biológico. Nas palavras de Lacan:

*... o significante é, no homem, desde logo entronizado no nível inconsciente, misturando suas referências com as possibilidades de orientação que seu funcionamento de organismo natural de ser vivo lhe confere*¹¹⁷.

Constitui-se, portanto, um aparelho psíquico cujo funcionamento primário é determinado por representações de vivências (recordações) e não por um desempenho biológico. Como nos ensina Lacan, o que é universal nesse aparelho é justamente o fato de ser determinado por vivências particulares:

*O Wunch não tem o caracter de uma lei universal, mas pelo contrário, da lei mais particular – mesmo que seja universal que essa particularidade se encontre em cada um dos seres humanos*¹¹⁸.

inclinação à aproximação); 2) uma facilitação entre esta e a imagem do alimento.

¹¹⁷ Lacan, J – Ob. cit. p. 91. É verdade que a interpretação de Lacan para o significante, *das Ding*, nada tem a ver com a nossa interpretação. Mas achamos importante citar Lacan porque, a nosso ver, ele dá a devida importância ao mecanismo alucinatório primário do aparelho psíquico. Sem a compreensão desse mecanismo torna-se incompreensível todo o funcionamento psíquico posterior, o desenvolvimento do eu e o processo secundário. Citando-o novamente: *No final das contas, sem algo que o alucine enquanto sistema de referência, nenhum mundo da percepção chega a ordenar-se de maneira válida, a constituir-se de maneira humana. O mundo da percepção nos é dado por Freud como que dependendo dessa alucinação fundamental sem a qual não haveria nenhuma atenção disponível.* Id., p. 69.

¹¹⁸ Id., p. 35.

Para que o desempenho biológico seja alcançado, será necessária a constituição do eu, uma instância psíquica formada pela recordação alucinada, mas capaz de inibir os processos primários, a alucinação.

Antes, no entanto, de analisarmos a constituição do eu, quando a recordação do objeto auxiliar ganha uma utilidade, reinterpretemos, à luz da memória da vivência de satisfação, a apresentação de Freud dos estímulos endógenos:

*Eles [os estímulos endógenos] só cessam sob condições determinadas que têm de ser realizadas no mundo externo: por exemplo, o carecimento de alimento. Para executar esta ação, que merece ser chamada de específica, é preciso um desempenho independente de Q-η endógena: em geral (é) superior a ela, pois o indivíduo está colocado sob condições que podem ser designadas como necessidade da vida. Com isto, o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para a inércia, isto é, para nível = 0. Tem de permitir a ocorrência de armazenamento de Qη para satisfazer a exigência da ação específica*¹¹⁹.

Como se relacionam as necessidades da vida e a exigência de armazenamento de Q? À primeira vista parece que Freud supõe que o armazenamento de Q é necessário porque é grande o esforço que o organismo tem de fazer para alterar o mundo externo, i.é, para alcançar os alimentos. Poderíamos pensar que se trata de um esforço muscular que exige mais Q, mais energia, do que aquela produzida pela fome. Como vimos, o esforço exigido pela fuga, diferentemente do exigido pela fome, é um esforço proporcional à Q da dor ou do afeto¹²⁰. Mas será que a proporção, de fato, é entre a quantidade de estímulo e o esforço muscular? A citação seguinte parece desfazer esta falsa impressão, já que considera a excitação motora, mesmo quando proporcional, bastante superior à excitação existente no aparelho psíquico:

¹¹⁹ Id., p. 11.

¹²⁰ Repetimos a citação já analisada: *existe, em geral, uma proporção entre a q(uantidade) de excitação e (o) desempenho necessário para a fuga de estímulo, de modo que o principio da inércia não é perturbado por isso.* p. 10.

A quantidade do estímulo ϕ excita a tendência de eliminação do sistema nervoso, na medida em que ela se transforma em excitação motora proporcional. O aparelho motor está ligado diretamente a ϕ , de modo que as quantidades, assim traduzidas, criam um efeito quantitativo bastante superior a elas mesmas, visto que entram nos músculos, glândulas etc., portanto, agem aí através de liberação, enquanto que entre os neurônios há apenas transferência¹²¹.

Podemos então afirmar que o armazenamento de Q não é necessário para o esforço muscular exigido pela ação específica, pois esse esforço, assim como o esforço da fuga, é executado com uma quantidade independente da quantidade psíquica, quantidade liberada quando a quantidade psíquica é traduzida no aparelho motor.

Outra hipótese sobre a necessidade do armazenamento (do acúmulo) de Q é que, se ele não ocorresse, os estímulos da fome, que são mínimos, não provocariam a inclinação para sua eliminação. Assim Freud descreve os estímulos endógenos e seu caminho de condução para ψ :

O que sabemos dos estímulos endógenos pode expressar-se pela suposição de que sejam de natureza intercelular, gerados continuamente e só periodicamente se tornem estímulos psíquicos. A idéia de acumulação é irrecusável, e a intermitência do efeito psíquico só autoriza esta concepção: elas [as quantidades], no seu caminho de condução para ψ , chocam-se com resistências que só são superadas pelo aumento de quantid(ade). Assim, elas [as conduções] são conduções de múltipla articulação, intercaladas por muitas barreiras de contato até o núcleo ψ . (...) Chama-se um processo assim de somação. As conduções ψ são preenchidas por somação até se tornarem permeáveis. Certamente é a pequenez do estímulo singular que permite a somação¹²².

Encontramos aqui uma outra característica das barreiras de contato, presente na descrição, feita por Freud, das barreiras do caminho de condução. Apesar de permanentemente modificadas pela passagem de Q – característica das barreiras de contato que, como vimos, culminou na teoria da memória – as barreiras de condução depois da passagem de Q retomam determinada resistência:

¹²¹ Id., p. 28.

¹²² Id., p. 30.

*A experiência ainda ensina que, após a eliminação dos estímulos ψ , a condução retoma sua resistência*¹²³.

*... a facilitação que permanece restando, após o curso de Q , não consiste no cancelamento de toda resistência, mas na sua redução até um mínimo necessário de permanência. Durante o curso de Q , a resistência é cancelada e depois restaurada; contudo, conforme a Q que passou, em alturas diferentes, de modo que na próxima vez uma Q menor já poderá passar etc. Então permanece, no caso da mais completa facilitação, uma certa resistência idêntica para todas as barreiras de contato, que, portanto, também exige um aumento de Q s até um certo limiar para que elas possam passar. Esta resistência seria uma constante*¹²⁴.

Essa resistência mínima permanente, que talvez pudesse ser estendida para todas as barreiras de contato de ψ ¹²⁵, faria, então, com que as mínimas Q s endógenas se acumulassem, e com isso provocassem um estímulo psíquico, uma ocupação de um caminho de memória e uma ação para eliminá-los. Mas, será que é a pequenez do estímulo endógeno que coage o aparelho a abandonar a tendência à inércia, já que ele é coagido pelas necessidades da vida? Parece-nos que não, pois, quando as Q s endógenas são acumuladas, sua pequenez perde toda importância já que elas se comportam como as Q s externas, i.é, ocupam os caminhos permeáveis de eliminação (as facilitações):

¹²³ Id., p. 30.

¹²⁴ Id., p. 31.

¹²⁵ Freud supõe essa resistência constante mínima somente para as barreiras de condução. Também afirma algo semelhante em relação às barreiras dos neurônios nucleares: *as barreiras de contato ψ alcançam em geral uma altura maior do que as barreiras de condução de modo que nos neurônios nucleares pode efetivar-se um novo acúmulo de $Q\eta$* . Efetivamente Freud não fala de uma resistência constante da barreira de contato do núcleo (que no caso seria maior que a barreira de condução), mas podemos supor que é a ela (à resistência) que Freud se refere, já que no texto vinha assinalando seu papel na acumulação de Q . Acharmos importante pressupor essa resistência constante nas barreiras de ψ não para compreendermos a teoria da memória, que como tentamos demonstrar é suposta sem qualquer referência a uma resistência constante das barreiras de contato, mas para explicar o eu que, para constituir-se, parece fazer valer essa resistência constante das barreiras de contato. Na verdade, como veremos adiante, Freud também não vincula a constituição do eu com a utilização da resistência constante das barreiras de contato, mas nos parece bastante adequado utilizá-las para explicar a enigmática constituição do eu, isto é, explicar como um aparelho que só consegue alucinar consegue, a partir de um momento, inibir a alucinação. É importante mais uma vez ressaltar que a resistência das barreiras nada tem a ver com a teoria da memória. Mesmo porque é suposta *uma certa resistência idêntica para todas as barreiras de contato*, e a memória como vimos caracteriza-se pela diferença das resistências. Poderíamos dizer que a resistência constante das barreiras de contato não tem, originalmente, qualquer importância para o aparelho psíquico que funciona da mesma forma com ou sem elas (isto é, alucina), mas que elas fazem-se valer na constituição e no funcionamento do eu.

Mas a partir de uma certa Q, elas agem (isto é, as excitações endógenas) continuamente como estímulo, e todo incremento de Q é percebido como incremento do estímulo ψ . Portanto há, então, um estado no qual a condução tornou-se permeável ¹²⁶.

O mesmo ocorre quando a Q acumulada nos neurônios nucleares atinge um determinado nível:

Deste nivelamento de condução em diante não se põe nenhum limite para aquele [para o acúmulo de Q]. Aqui ψ está abandonado à Q e assim se origina, no interior do sistema, o impulso que sustenta toda atividade psíquica. Conhecemos esse poder como a vontade, o derivado das pulsões ¹²⁷.

Portanto, se a Q endógena é mínima e precisa somar-se para percorrer um caminho no aparelho psíquico, uma vez atingido o limiar da resistência constante das barreiras de contato, ela age igualmente à Q externa. Assim como a Q externa não pára de incidir no interior do aparelho até que se fuja da fonte que a provoca (do objeto hostil), a Q endógena persiste até que seja executada uma ação que a remova. A pequenez do estímulo endógeno e a existência da resistência constante das barreiras de contato, que possibilita sua somação, inicialmente não produzem nenhuma diferença entre a atuação de Q endógena e Q externa. Não devemos, portanto, atribuir a elas a necessidade de armazenamento de Q e abandono da tendência à inércia.

Resta-nos, como justificativa da necessidade do armazenamento de Q, o caminho facilitado pela vivência de satisfação. Quando ψ é abandonado às quantidades e torna-se permeável, o caminho tomado pelas quantidades é aquele que culmina na alucinação. Se o caminho primário de eliminação não provoca a ação específica porque provoca a alucinação, só pode ser esse o motivo do armazenamento da Q endógena. O armazenamento de Q ocorre para que possa ser executada a ação específica, ação impossível de ser provocada pelo caminho primário de memória. Trata-se exatamente da constituição do eu que, aproveitando-se da existência de uma resistência mínima constante das barreiras de contato, cria uma nova forma de facilitação e de memória, e com isso, por

¹²⁶ Id., p. 30.

¹²⁷ Id., p. 31.

outros caminhos, laterais ao desejo, consegue executar a ação específica alterando o mundo externo. Vejamos detalhadamente como isso ocorre.

Capítulo 3: O desenvolvimento do eu

Para melhor visualizar a constituição e o desenvolvimento do eu, distinguimos dezoito fases nas quais, progressivamente, distintos movimentos psíquicos (ocupações, não-ocupações, separações) vão o constituindo e desenvolvendo suas faculdades. As duas primeiras fases ainda não coincidem com o armazenamento de Q, no entanto, são logicamente necessárias para a suposição dos movimentos posteriores que possibilitarão o armazenamento. A primeira fase remonta a um tempo anterior ao estabelecimento do desejo (da facilitação da vivência de satisfação), anterior ao estabelecimento da função de ψ , i.e. ao estabelecimento da memória do caminho mais eficiente de eliminação. Sua postulação é necessária mais para a compreensão da segunda fase do que para a compreensão do armazenamento, propriamente dito. Acompanhemos a descrição de Freud, assinalando cada novo movimento suposto nessa organização.

1ª fase:

O eu consiste em um grupo de neurônios ocupados. Seu núcleo original são os neurônios do núcleo de ψ , não só aqueles que recebem Q endógena (aqueles correspondentes à fome), mas também aqueles correspondentes a uma imagem de movimento (por exemplo, a imagem motora do choro, do grito ou do espernear):

O eu consiste originalmente de neurônios do núcleo que, através de condução, recebem a Q endógena e a eliminam [abführen] pelo caminho da alteração interna¹²⁸.

Consideraremos essa ocupação a primeira fase do eu.

A alteração interna (choro, grito, espernear) não provoca uma eliminação eficiente da Q. Poder-se-ia pensar que, desde o início, no eu, ocorre um armazenamento de Q: a fome não cessa e a Q continua incidindo no interior do aparelho psíquico, pois não há uma eliminação eficiente. No entanto, como veremos em seguida, esse estado ainda não se caracteriza como armazenamento de Q. A Q que insere no interior do aparelho é eliminada,

¹²⁸ Id., p. 83/4.

mesmo que de forma não eficiente, e não é acumulada. O fato de a Q incidir continuamente não coincide com o armazenamento (se assim fosse, ficar perante o objeto hostil também geraria armazenamento de Q). Para Q ser armazenada é necessário que ela não seja eliminada¹²⁹, isto é, é necessário que ocorra uma não-ocupação da imagem de movimento.

2ª fase:

Antes, no entanto, da não-ocupação da imagem de movimento e o conseqüente armazenamento de Q, o eu ainda sofrerá uma modificação:

*A vivência de satisfação arranhou para este núcleo uma associação com uma percepção (a imagem de desejo) e uma notícia de movimento (da parte reflexa da ação específica)*¹³⁰.

Em sua segunda fase, quando ainda não é capaz de armazenar Q, o eu se caracteriza pela ocupação do caminho facilitado pela vivência de satisfação, pela ocupação do desejo, que vimos detalhadamente no capítulo anterior.

3ª fase:

O eu só coincide com o armazenamento de Q, quando aprende a não ocupar indiscriminadamente seus neurônios originais, quando aprende que, em determinadas condições, não deve ocupar a imagem de movimento:

*No estado de repetição do apetite, no estado de expectativa, realiza-se a educação e desenvolvimento deste eu inicial. Ele aprende inicialmente que não pode {darf} ocupar as imagens de movimento, de modo que se efetue a eliminação {Abfuhr} enquanto não forem realizadas certas condições do lado da percepção*¹³¹.

Consideraremos a terceira fase do eu a fase na qual, devido a um aprendizado, se constitui a barreira que impede a eliminação indiscriminada de Q; a barreira que, no caminho facilitado pela vivência de satisfação, produz a não-ocupação da imagem motora reflexa do sugar (e, portanto, a não-execução desse movimento)¹³².

¹²⁹ Será necessário inibir a eliminação ineficiente para que a Q seja armazenada e só então possa ser alcançada a eliminação eficiente.

¹³⁰ Id., p. 84.

¹³¹ Id., p. 84.

¹³² Podemos, aqui, supor que o aparelho psíquico se utiliza da resistência constante das barreiras de contato (resistência que existe até nas barreiras modificadas pela passagem de Q, i.e., facilitadas) para não ocupar a

A barreira contra a imagem de movimento é, segundo Freud, uma defesa contra o desprazer que a ocupação indiscriminada do caminho facilitado pela vivência de satisfação produz:

*Apenas se pode dizer que enquanto esta barreira ainda não existia, e com o desejo também ocorria a descarga motora, com regularidade se dava pela falta do prazer esperado, e a continuação da liberação de estímulos endógenos provocava finalmente desprazer. Só esta ameaça de desprazer que se ligou à eliminação prematura pode apresentar as barreiras em questão. ... fica assegurado que a Q₁ no eu não ocupa sem mais as imagens de movimento porque a consequência disto seria uma liberação de desprazer*¹³³.

O desprazer, portanto, ensina ao eu que ele não deve ocupar suas imagens de movimento, que ele deve constituir suas barreiras.

O desprazer provém da fome que perdura quando sua excitação é, parcialmente, eliminada sem a presença real do objeto de satisfação, quando, portanto, a fome não é efetivamente satisfeita (não é eliminada de forma eficiente). A manutenção desse estado pode ser biologicamente prejudicial:

*... quando no estado de desejo, ocupa de novo a recordação de objeto e então recorre a uma eliminação; neste caso tem de faltar a satisfação porque o objeto não tem existência real, mas só existe em representação de fantasia. ... a ocupação de desejo ... pode ser biologicamente prejudicial. ... toda vez que ela ultrapassar uma certa medida e, assim, atrair a eliminação*¹³⁴.

Evitar o desprazer, como no caso da dor, caracteriza-se como uma aquisição biológica do organismo:

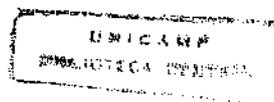
*Tudo o que chamo de uma aquisição biológica do sistema nervoso penso em apresentar através dessa ameaça de desprazer, cujo efeito consiste em que não serão ocupados todos os neurônios que conduzam à liberação de desprazer. É a defesa primária, uma consequência compreensível da tendência originária do sistema nervoso*¹³⁵.

imagem de movimento. Assim, devido ao desprazer produzido pela alucinação (a ineficiência em cancelar a inserção no interior do aparelho os estímulos), o aparelho psíquico faz valer a resistência constante das barreiras de contato, inibindo o caminho originalmente facilitado. Mas mesmo que exista uma explicação mecânica para a inibição, sua razão de ser é evitar o desprazer, é, como no caso da defesa reflexa perante a dor, uma reação biológica. Justifica-se porque sua ausência implica prejuízos biológicos.

¹³³ Id., p. 85.

¹³⁴ Id., p. 38/9.

¹³⁵ Id., p. 85.



Trata-se de uma defesa semelhante à defesa primária, à repressão, que evita a ocupação da imagem do objeto hostil e que estudamos no primeiro capítulo (item 4). Em ambos os casos, trata-se de um movimento de não-ocupação que evita o desprazer produzido pela ocupação. No entanto, devemos diferenciar esses dois tipos de defesa. Enquanto a defesa primária contra a imagem do objeto hostil (a não-ocupação dessa imagem) é uma tendência original do aparelho psíquico, determinada pelo funcionamento de ψ que guarda, através das facilitações, caminhos eficientes de eliminação; a defesa contra a ocupação da imagem motora reflexa do sugar é secundária à memória facilitada em ψ e, principalmente, age opondo-se a esta. A defesa do eu, em vez de ser um fruto do caminho de memória, o impede; ela não se defende do mundo externo (do objeto hostil) ou da representação do mesmo (representação que assinala a proximidade do perigo), mas se defende do mau funcionamento do aparelho psíquico, defende-se de si mesmo (do próprio psiquismo). Posteriormente na obra de Freud, quando formulado o sistema inconsciente e a sexualidade infantil, o conflito psíquico basear-se-á também no inadequado funcionamento original do aparelho e o reprimido coincidirá com representações que devem ser abandonadas em prol do desenvolvimento; posteriormente, a repressão será identificada com essa defesa que constitui o eu (não-ocupações do circuito do desejo) e não com a defesa contra representações de perigo, como é suposta no *Projeto*¹³⁶. A defesa do eu, no *Projeto*, não explica o conflito psíquico e a repressão. Serve apenas para justificar a barreira que possibilita o armazenamento de Q.

Constituída a barreira, o organismo ainda não é capaz de satisfazer a fome. A barreira por si só não satisfaz a fome (diferentemente da defesa reflexa ante a dor, da fuga, que é capaz por si só de impedir a inserção de Q no interior do aparelho psíquico), porém, é condição para que se forme uma organização que futuramente conseguirá satisfazer a fome.

¹³⁶ Por que achamos que no *Projeto* a defesa primária contra o desejo não coincide com a repressão? Porque as representações sexuais não são reprimidas devido à insatisfação que causam (como a insatisfação da fome quando há uma eliminação não eficiente), mas devido ao perigo que sua ocupação representa. Para supor algo que age de forma semelhante à insatisfação da fome em relação à sexualidade, Freud terá que supor um desenvolvimento da sexualidade que vai dos prazeres parciais ao prazer do coito (função biológica semelhante à satisfação da fome). Antes disso, as representações sexuais são reprimidas porque suas ocupações representam conflitos, perigos, e não eliminações ineficientes.

Apesar de a não-ocupação da imagem de movimento ser fundamental para o eu, ela não deve ocorrer sempre. Sua ocupação é necessária quando se está diante do objeto de satisfação real. Freud afirmou que ela não deve ser ocupada *enquanto não forem realizadas certas condições do lado da percepção*. Para isso será necessário saber quando ocupá-la e quando não ocupá-la. Além da não-ocupação, portanto, é necessário um sinal que indique quando se deve ocupá-la.

*A experiência biológica ensinará, então, a não iniciar a eliminação antes que o signo de realidade tenha chegado, e com esse objetivo a não estimular a ocupação da imagens recordativas desejadas acima de uma certa medida*¹³⁷.

O signo de realidade, a que Freud se refere, é do objeto auxiliar de satisfação, objeto que passaremos a chamar, assim como Freud, de objeto de desejo. As *condições que devem ser realizadas do lado da percepção* correspondem, portanto, à percepção real do objeto de desejo. Para que isso ocorra será necessária a inibição da ocupação da imagem recordativa desse objeto, o que corresponde à quarta etapa do desenvolvimento do eu.

4ª fase:

O que são os signos de realidade? São notícias de eliminação dos neurônios π que, como já vimos, ocorrem com a percepção:

*... um terceiro sistema de neurônios, poderíamos chamar de π , estimulado junto com a percepção e não com a reprodução, e cujos estados de excitação dariam como resultado as diferentes qualidades, ou seja, seriam as sensações conscientes*¹³⁸.

Os neurônios π são estimulados por qualquer Q externa (mesmo por aquelas mínimas Qs que se perdem em ψ) e sua eliminação é representada em ψ :

Em toda percepção externa origina-se uma excitação qualitativa em π ... Então a notícia de eliminação de π é o signo de qualidade ou de realidade para ψ ¹³⁹.

Freud nos esclarece porque, no caminho de eliminação primário, o aparelho psíquico não pode fazer uso dos sinais de qualidade: porque eles, além de aparecerem MEDIANTE UMA PERCEPÇÃO (QUE É EXTERNA), TAMBÉM APARECEM MEDIANTE UMA INTENSA OCUPAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO (Q INTERNA), NA RECORDAÇÃO.

¹³⁷ Id., p.40.

¹³⁸ Id., p. 23.

¹³⁹ Id., p. 39.

*Se o objeto de desejo for ocupado com abundância, de modo a ser animado alucinatoriamente, também se segue o mesmo signo de eliminação ou de realidade que na percepção externa. ... o signo de qualidade efetua-se a partir de fora para toda intensidade de ocupação, mas de ψ só para grandes intensidades*¹⁴⁰.

Essa característica dos neurônios ω , de serem estimulados também por intensas Qs internas, é responsável, no caminho primário de eliminação, pela alucinação e não mera recordação da representação do objeto auxiliar¹⁴¹. Quando o caminho facilitado pela vivência de satisfação é ocupado, ocorre o fenômeno da alucinação e o bebê não pode utilizar-se dos sinais de ω que posteriormente lhe serão valiosos. Só quando esta ocupação for inibida, ψ poderá aproveitar-se desses sinais.

¹⁴⁰ Id., p. 39/40.

¹⁴¹ Podemos supor que quando uma representação de ψ é ocupada intensamente, ela provoca diferentes períodos que se propagam até ω . Assim, mediante intensas ocupações ψ , aquilo que é expresso em complexidade tópica passa a ser também expresso em qualidade. Outra hipótese para explicar a alucinação é a da retrogradação da Q de ψ para ϕ . Ao explicar a alucinação onírica, Freud afirma que no processo primário há retrogradação da Q: *poder-se-ia recorrer à natureza do processo primário para alegar que a recordação primária de uma percepção é sempre alucinação, e que só a inibição do eu ensinou (que) a (imagem perceptual) nunca deve ser tão ocupada que ela possa transferir em retrogradação (Q η) para ϕ .* (p. 52). Mesmo tratando-se de uma retrogradação para ϕ , não é resolvida a questão do período, pois o crivo que seleciona e torna descontínuos os períodos não está em ϕ , mas nos órgãos de terminações nervosas. Seria necessário então atribuir à ocupação de ϕ a produção dos períodos que se propagam até ω (a retrogradação só será uma explicação efetivamente satisfatória em escritos posteriores ao *Projeto*, quando Freud abandona a noção de período e insere o sistema ω entre ϕ e ψ). Mas avancemos um pouco mais na explicação da alucinação onírica, comparando-a com a alucinação primária. *Há diversas explicações sobre a natureza alucinatória das ocupações oníricas. Primeiro, poder-se-ia supor que a corrente de ϕ para a motilidade impediria uma ocupação de retrogradação dos neurônios ϕ a partir de ψ ; com a cessação desta corrente, ϕ seria ocupado em retrogradação e, destarte, estaria dada a condição qualitativa. ... É típico do adormecer que ele inverta aqui a totalidade da relação, cancele a eliminação motora a partir de ψ , possibilite a retrogradação na direção de ϕ* (p. 52). Devemos considerar a condição da alucinação dos processos primários de desejo a mesma que a do sonho, isto é, o cancelamento da eliminação motora? Assim, seria a barreira contra a eliminação reflexa (do sugar) a responsável pela alucinação. Essa hipótese parece-nos equivocada pois inverte a seqüência que julgamos mais correta: a eliminação reflexa do sugar é consequência da alucinação do objeto de satisfação (e, portanto, a alucinação não pode ser consequência da inibição da eliminação motora). Acreditamos que a alucinação primária do objeto desiderativo é um fato independente da retrogradação e da barreira à eliminação motora. É um fato original, inclusive, necessário à suposição de todo o edifício teórico construído por Freud. Para sua suposição, acreditamos, não é necessária, nem lógica, a explicação da retrogradação. Outras alucinações, que não a original, necessitarão da explicação da retrogradação porque nelas a intensidade de ocupação ψ não ocorre: no sonho, porque a Q é mínima (é condição do sonho que não se esteja em estado de necessidade), e na alucinação do objeto hostil, caso no qual Freud também supõe a retrogradação de Q, porque a tendência original do aparelho é a desocupação, a fuga e repressão da imagem e não sua intensa ocupação.

Mas se a ocupação de desejo realizar-se sob inibição, como é possível no caso do eu ocupado, é concebível um caso quantitativo em que a ocupação de desejo, por não ser suficientemente intensa, não resulte em signo de qualidade, enquanto a percepção externa resultaria ¹⁴².

Inibindo a alucinação, ψ , sensível aos signos de realidade, saberá quando a eliminação deve ocorrer: somente quando os signos de realidade aparecerem.

... por inibição, através de um eu ocupado, os signos de eliminação ω tornam-se, de forma bastante geral, signos de realidade que ψ aprende a aproveitar biologicamente. Se quando do aparecimento de um desses signos de realidade o eu encontrar-se em estado de tensão de desejo, a eliminação seguirá na direção da ação específica ¹⁴³.

Podemos então supor que a quarta fase do eu corresponde a constituição da barreira que inibe a ocupação da representação do objeto de desejo e que impede, assim, a alucinação:

Depois ele aprende que não pode ocupar a representação de desejo acima de uma certa medida, porque, caso contrário, iludir-se-ia alucinatoriamente ¹⁴⁴.

A quarta fase do eu é, de alguma forma, necessária à terceira fase, pois inibir a representação do objeto de satisfação é condição para se saber quando se deve efetuar a eliminação através da imagem de movimento. A representação do objeto de satisfação, diferentemente da imagem de movimento que não deve ser ocupada, deve acontecer de forma inibida, pois sua ocupação é necessária ao reconhecimento de que o signo de realidade, provindo da percepção, corresponde ao objeto desejado:

A situação psíquica é ali a seguinte: no eu domina a tensão de apetite, em consequência a representação do objeto amado (a representação de desejo) é ocupada. A experiência biológica ensinou que a r [representação] não deve ser ocupada tão fortemente a ponto de ser confundida com uma p [percepção], e que se tem de adiar a descarga até que de R procedam signos de qualidade, como prova de que R é agora real, é uma ocupação de p [percepção]. Se chegar uma percepção que seja idêntica ou semelhante a R , ela encontra seus neurônios ocupados previamente pelo desejo ¹⁴⁵.

¹⁴² Id., p. 39/40.

¹⁴³ Parece-nos que, nesta citação, ação específica corresponde à ação motora reflexa, e não à ação que transforma um signo de realidade percebido no signo de realidade desejado e que caracterizará a ação específica posteriormente. Id., p. 40.

¹⁴⁴ Id., p. 84.

¹⁴⁵ Id., p. 76.

Chegando o signo de realidade correspondente à ocupação desiderativa, a eliminação é coroada de êxito.

Cabe observar que a inibição da alucinação (quarta fase) não ocorre posteriormente à percepção das condições externas favoráveis (terceira fase¹⁴⁶), mas é sua condição. A seqüência deveria ser esta: 1) ocorre a não-ocupação da imagem de movimento; 2) ocorre a inibição da ocupação da representação desiderativa; 3) dadas as condições 1 e 2, o eu está apto a só efetuar a eliminação quando forem realizadas certas condições do lado da percepção, isto é, quando surgirem signos de realidade do objeto de satisfação que não sejam alucinados. Consideraremos 1 a terceira fase (barreira que impede a ocupação da imagem de movimento) e 2 e 3 a quarta fase (barreira que inibe a ocupação da imagem desiderativa e possibilita saber quando a imagem de movimento deve ser ocupada, i.e. quando a primeira barreira deve ser suprimida).

No entanto, mesmo chegando os sinais de realidade da imagem desiderativa e ocorrendo uma eliminação coroada de êxito, ainda assim, não há nenhum ganho biológico:

... simultaneamente com a ocupação de desejo da imagem recordativa está presente a percepção da mesma: então ambas coincidem, o que não é biologicamente aproveitável, mas além disso, origina-se o signo de realidade a partir de w , após o que, de acordo com a experiência, a eliminação é coroada de êxito¹⁴⁷.

Por que essa situação não é biologicamente aproveitável? Porque o organismo nada ganha conseguindo apenas esperar o signo de realidade. Se o aparelho psíquico depende da presença real do objeto externo para satisfazer a fome, é indiferente se, na ausência do mesmo, o objeto é alucinado ou não; se, na ausência do mesmo, efetua-se a ação motora ou não (tanto faz, na ausência do seio, sugar ou deixar de executar este movimento, o importante é sugar na sua presença). Para a satisfação da fome, a terceira e quarta fases do eu não representam nenhum ganho biológico. No entanto, elas serão condições para, posteriormente, atingir tal ganho. A Q não eliminada, é acumulada e transferida para outros neurônios:

¹⁴⁶ Ele aprende que não pode ocupar as imagens de movimento ... enquanto não forem realizadas certas condições do lado da percepção.

¹⁴⁷ Id., p. 41.

Assim, é claro que as barreiras que impedem o eu de ocupar imagem desiderativa e imagem de movimento acima de uma certa medida são o fundamento de uma acumulação de Q₁ e talvez o obriguem a transferir sua Q₁, até certos limites, para os neurônios que lhe são acessíveis¹⁴⁸.

Esta Q não-eliminada e armazenada em neurônios adjacentes constitui uma organização que posteriormente possibilita a execução da função secundária:

Esta organização chama-se o eu, e pode facilmente ser apresentada pela consideração de que com regularidade se repete a recepção de Q₁s endógenas em determinados neurônios (do núcleo), e de que o efeito facilitador decorrente daí resulta em um grupo de neurônios cuja ocupação é constante; que corresponde portanto, ao portador de armazenamento exigido pela função secundária¹⁴⁹.

Como vimos no capítulo anterior, a função secundária exige o armazenamento de Q porque dele necessita para executar a ação específica, que provoca uma eliminação eficiente de Q endógena (elimina a fome). Mas como a Q armazenada pode provocar a satisfação? O primeiro passo para o ganho biológico, possibilitado pelo armazenamento de Q, é o mecanismo da atenção psíquica. Esse mecanismo exige uma migração, no interior do aparelho psíquico, de uma Q própria do eu. Antes, no entanto, de analisarmos a atenção, vejamos mais uma faculdade do eu, necessária a sua constituição: a decomposição da ocupação desiderativa em partes, que coincide com o julgamento do que é o eu e o que é o não eu e que, junto com a atenção, possibilita a faculdade de comparar o objeto percebido e o objeto desejado.

5ª fase:

Consideraremos a faculdade de decompor o complexo desiderativo (o primeiro julgamento entre eu e não eu, ou melhor, entre coisa e predicado do eu) a quinta fase do eu, pois ela, apesar de apresentada por Freud junto com o pensar, é condição do mesmo. Ela é ainda, como mostraremos, condição da atenção que possibilita o pensar.

Segundo Freud, existe uma situação psíquica em que chegam sinais de realidade da ocupação de desejo, porém, sinais parciais:

¹⁴⁸ Id., p. 84.

¹⁴⁹ Id., p. 36.

*... a ocupação de desejo está presente, e a seu lado uma percepção que não concorda com ela na totalidade, mas só parcialmente. ... A ocupação de desejo refere-se de forma bastante geral a neurônio a + neurônio b; a ocupação de percepção, a neurônio a + neurônio c. ... A experiência biológica também ensinará que é inseguro iniciar a eliminação enquanto os signos de realidade não concordarem com a totalidade do complexo, mas só com uma parte*¹⁵⁰.

O primeiro passo para comparar $a + b$ com $a + c$ é decompor o complexo $a + b$, em a e b . Ao descrever o processo de decomposição do complexo $a + b$, Freud nomeia-o de complexo perceptivo. Isso faz sentido porque o complexo desiderativo originalmente fora um complexo perceptivo, mas, além disso, essa nomeação de Freud nos faz supor que o fato de esse complexo surgir, mesmo que de forma inconstante, na percepção é que torna possível sua decomposição. Acompanhemos a descrição do processo de decomposição, observando, inicialmente, como Freud caracteriza o neurônio a :

*O complexo perceptivo decompor-se-á em um componente neurônio a, precisamente o que quase nunca muda ... A linguagem ... descobrirá a semelhança que, de fato, existe entre [o] núcleo do eu e a componente constante de percepção*¹⁵¹.

O neurônio a , a parte constante da percepção, corresponde aos neurônios do núcleo, aos neurônios ocupados pela Q endógena, àqueles cuja ocupação representam as necessidades, por exemplo, a fome¹⁵². A fome, além de estar presente no complexo desiderativo, está constantemente presente nos complexos perceptivos. Mas o que significa dizer que o neurônio a é uma parte constante da percepção? Subjetivamente significa que os processos psíquicos das crianças, originalmente, sempre são acompanhados pela fome. Mas, e mecanicamente? Poderíamos supor que a ocupação do neurônio a é constantemente acompanhada de seus sinais de realidade. Porém, recordemos que os neurônios do núcleo são ocupados a partir das vias de condução providas do interior do corpo e, portanto, não produzem sinais de realidade. Talvez a constância do neurônio a deva-se justamente ao fato de que não há distinção entre uma ocupação interna e outra externa (não existe uma fome

¹⁵⁰ Id., p. 41.

¹⁵¹ Id., p. 41/2.

¹⁵² Consideraremos a fome simplesmente a ocupação do neurônio do núcleo (no máximo acompanhada de uma sensação de desprazer provinda de ω). Nesse caso, a fome não se identifica com a necessidade de alimento, mas com uma pressão (um mal-estar) destituída (o) de conteúdo.

real e uma fome alucinada, a fome só é recordada pela fome real e isso corresponde à ocupação dos neurônios do núcleo)¹⁵³.

O neurônio *b*, por sua vez, é inconstante na percepção, i.e., sua ocupação é ocasionalmente acompanhada de sinais de realidade:

*O complexo perceptivo decompor-se-á ... em um segundo neurônio b, que quase sempre varia. A linguagem ... descobrirá a semelhança que, de fato, existe entre ... as ocupações alteráveis [wechselnden] do manto e o componente inconstante [da percepção]*¹⁵⁴.

O neurônio *b*, além de inconstante na percepção, faz parte do manto, da parte de ψ que se associa com ϕ . Lembremos que o eu originalmente coincide com a ocupação da vivência de satisfação constituída não só pela fome, mas também pela ocupação da representação do objeto que ajudou a satisfazê-la. Essa representação se caracteriza por um complexo de neurônios associados a ϕ e, portanto, a determinados órgãos dos sentidos (neurônio correspondente a uma determinada imagem visual + neurônio correspondente a uma imagem auditiva + a uma imagem tátil ...). A parte do eu que corresponde à representação do objeto que auxiliou a satisfação corresponde, assim, ao neurônio *b* (o neurônio *b*, nesse sentido, é um complexo de neurônios que, para simplificar, é tomado por um único). Freud exemplifica o neurônio *b*:

*Por exemplo, seja a imagem recordativa desejada a imagem do busto materno e seu mamilo em visão completa*¹⁵⁵.

¹⁵³ Pode-se pensar que este é um falso problema surgido da consideração de que o neurônio *a* corresponde à fome. Nós mesmos seguimos primeiramente outra interpretação que considerava o neurônio *a* parte do objeto desiderativo (e não do complexo desiderativo). Considerávamos que o neurônio *a* era o seio e o neurônio *b* sua visão lateral. Tal interpretação era baseada na afirmação de que o neurônio *a* é a coisa (portanto, o seio que suporta as imagens do mesmo) e o neurônio *b*, o predicado (sua visão frontal). Essa interpretação, além de estranha por supor uma representação daquilo que é irrepresentável (a coisa em si), não leva em conta dois fatos: primeiro, que o neurônio *a* corresponde ao núcleo (para defendê-la supúnhamos uma diferença entre núcleo do eu e de ψ , diferença que, convenhamos, não tem muita sustentação); segundo, que o julgar, que diz respeito ao eu, obtém resultados exatamente inversos ao julgar que diz respeito aos objetos externos. Enquanto o predicado do eu são as imagens dos objetos (visuais, por exemplo) e a coisa é o que não coincide com estas imagens e, portanto, vem do interior do corpo, o predicado do objeto é aquilo que provoca sensações corporais de movimento no eu e a coisa do objeto são as imagens que não provocam sensações de movimento no eu. Distinguir a coisa do predicado é distinguir o eu do não-eu (do objeto). Tudo que é coisa do eu – nos exemplos, a fome e as imagens de movimento – é predicado do objeto. Tudo que é coisa do objeto, suas imagens (visuais, auditivas, táteis...) é predicado do eu. Julgar é, portanto, distinguir eu de não-eu, idéia que desenvolveremos no decorrer deste capítulo.

¹⁵⁴ Id., p. 41/2.

¹⁵⁵ Id., p. 42.

O fato de a ocupação do manto correspondente ao neurônio *b* ser alterável (*wechselnden*) não significa, parece-nos, que ela não seja constantemente ocupada pelo eu. Ela o é em um determinado nível, que impede a alucinação, mas que serve para reconhecer a presença do objeto de satisfação no mundo externo (seus signos de realidade) e que servirá, posteriormente, de meta para as migrações da *Q* externa. As ocupações do manto alteram-se porque, como foi dito na *Interpretação da afasia*, o complexo objeto é uma representação aberta. Somam-se às imagens do complexo, em cada nova percepção, novas imagens. Essa variação parece não ocorrer no neurônio *a*, com a fome, e isso possibilita uma diferenciação entre eles, um sendo considerado núcleo e outro manto.

Mas a diferenciação na localização em ψ , no núcleo ou no manto, já é fruto de uma diferenciação anterior, entre a constância e a inconstância de ambos na percepção, ou melhor, é fruto da inconstância do neurônio *b*, na percepção. Contrastando a inconstância do objeto de satisfação (neurônio *b*) com a constância da fome (do neurônio *a*), o eu consegue fazer uma primeira diferenciação, um primeiro julgamento, entre o que é eu e o que é não eu. O que é constante, na percepção, será considerado a coisa, o verdadeiro eu, e o que é inconstante, na percepção, será considerado o predicado, aquilo que faz parte do eu, mas não é essencial, é inconstante e pode ser substituído.

*A linguagem dará mais tarde para esta decomposição o termo juízo ... chamará o neurônio a de a coisa e o neurônio b de sua atividade ou atributo; em suma, de seu predicado*¹⁵⁶.

Julgar o que é essencialmente o eu e o que é acidentalmente o eu é possível porque o que é essencialmente o eu é constante e o que é acidentalmente eu é inconstante, na percepção. Portanto, o julgar baseia-se em uma semelhança – daquilo que é constante no eu e na percepção – e uma dessemelhança – daquilo do eu que não é constante na percepção:

*O julgar é, portanto, um processo ψ que só é possível pela inibição do eu e provocado pela dessemelhança entre a ocupação de desejo de uma [imagem] re[cordativa] e a ocupação perceptiva que lhe é semelhante*¹⁵⁷.

¹⁵⁶ Id., p. 41/2.

¹⁵⁷ Id., p. 42.

Decomposto o complexo desiderativo (aquilo que melhor faríamos se chamássemos de eu, isto é a coisa + o predicado¹⁵⁸ do eu), ele poderá ser comparado com o complexo perceptivo, e a parte discordante desse último será objeto do interesse do eu.

... se o neurônio a coincidir, mas for percebido neurônio c no lugar de b, o trabalho do eu segue as ligações desse neurônio c¹⁵⁹.

6ª fase:

Antes que o eu possa seguir as ligações do neurônio c, no entanto, terá ainda de desenvolver o mecanismo da atenção psíquica. Consideraremos o mecanismo da atenção a sexta fase de desenvolvimento do eu.

A Q externa, como já vimos no primeiro capítulo, expressa-se em ψ através da complexidade das ocupações, e seu curso logo alcança seu final devido a sua pequenez, que a impede de ultrapassar as resistências das barreiras de contato. Se o eu conseguir seguir essa Q externa (seguir a percepção), não deixando-a se perder em ψ , poderá, posteriormente, influir sobre a mesma (para alcançar a satisfação):

Se eu tiver de um lado o eu e do outro P (percepções), ou seja, ocupações em ψ a partir de ϕ (do mundo externo), preciso de um mecanismo que leve o eu a seguir as percepções e influir sobre elas. Eu o encontro nisto: uma percepção, segundo meus pressupostos, sempre excita ω , portanto dá signos de qualidade. Dito de forma mais precisa, ela excita em ω consciência (consciência de uma qualidade), e a eliminação da excitação ω , como toda eliminação, fornecerá uma notícia para ψ que é justamente o signo de qualidade. Portanto conjeturo que sejam estes signos de qualidade que interessam a ψ para a percepção. Este seria o mecanismo da atenção psíquica¹⁶⁰.

¹⁵⁸ Podemos nos perguntar: o predicado do eu faz parte do eu ou do não-eu? Originalmente faz parte do eu. Depois terá de ser inibido, mas continuará fazendo parte do eu, pois consistirá na meta das ocupações do eu. No entanto, o eu terá de diferenciá-lo de seu núcleo, terá de considerá-lo uma representação de objeto, uma imagem do objeto desiderativo e não si mesmo. Aqui se encontra toda a dificuldade e perigo de falsificação do julgamento, pois a única diferença entre aquilo que será considerado eu daquilo que será considerado não-eu é a permanência das ocupações a partir da percepção; note-se que apenas a partir da percepção, porque as ocupações recordativas, sejam elas do núcleo ou do predicado do eu, são permanentemente ocupadas (mesmo que a representação do objeto o seja de forma inibida).

¹⁵⁹ Id., p. 42.

¹⁶⁰ Id., p. 75.

A atenção, que é segundo Freud a segunda regra biológica (a primeira é a defesa que constitui as duas barreiras que possibilitam o armazenamento da Q), faz com que uma percepção simultânea a um signo de realidade seja superocupada.

*... a regra biológica reza para o eu: se um signo de realidade aparecer, a ocupação perceptiva, simultaneamente presente, deverá ser superocupada*¹⁶¹.

A atenção consiste em refazer o caminho migratório da Q, no sentido inverso ao caminho anteriormente facilitado. Se a ocupação ϕ provoca um sinal de eliminação ϖ , na atenção o sinal de eliminação ϖ deve provocar uma nova ocupação ϕ . Como o caminho já fora facilitado, o eu consegue percorrê-lo em sentido contrário:

*Em primeiro lugar, o eu não estaria preparado. Origina-se uma ocupação perceptiva e a seguir seu signo de qualidade. A facilitação íntima entre ambas as notícias reforçará mais a ocupação perceptiva, e agora a ocupação de atenção dos neurônios perceptivos. A próxima percepção do mesmo objeto (...) terá como consequência uma ocupação mais abundante da mesma percepção, e só esta será a percepção psiquicamente utilizável*¹⁶².

Para inverter a migração, da ocupação ϕ para a notícia de eliminação ϖ , o eu terá de pré-ocupar as notícias de eliminação ϖ , i.e., os signos de realidade (obviamente sem aluciná-los). Trata-se aqui de um movimento oposto à segunda barreira do eu. Lá, os signos de realidade não podiam ser ocupados, para que fosse diferenciada a percepção da recordação. Aqui, os signos de realidade devem ser pré-ocupados, reforçados, para que possam reforçar a percepção:

¹⁶¹ Id., p. 86.

¹⁶² Id., p. 76/7.

... é um resultado da experiência biológica que a atenção está voltada continuamente para os signos de qualidade. Portanto estes se efetuam sobre neurônios ocupados previamente e com quantidade suficientemente grande. As notícias de qualidade, assim reforçadas, reforçam através de sua facilitação as ocupações perceptivas, e o eu aprendeu a fazer com que suas ocupações sigam o curso deste movimento de associação desde o signo de qualidade até P. Dessa forma, é dirigido para ocupar justamente as percepções corretas ou sua vizinhança. Na verdade, se supuser que seja a mesma ζ a partir do eu que, por facilitação, desloca-se do signo de qualidade para P, ter-se-á até explicado mecanicamente (automaticamente) a ocupação de atenção. Portanto a atenção abandona os signos de qualidade para dirigir-se para os neurônios perceptivos, agora superocupados¹⁶³.

Com mais esse papel, os neurônios ω ganham toda sua importância. Os signos de realidade não servem só para diferenciar recordação de percepção, mas também provocam a atenção à realidade, pois intensificam a ocupação ϕ , seja ela qual for. Assim compreendemos as duas características dos neurônios ω , são sensíveis aos períodos e portanto a Q externa (ligam-se diretamente aos órgãos do sentido) e dirigem sua eliminação para os mesmos órgãos do sentido:

Tem de se supor para esse objetivo que os neurônios ω estejam originalmente em ligação anatômica com a condução dos diversos órgãos dos sentidos, e que dirijam de novo sua eliminação para aparelhos motores que pertencem aos mesmos órgãos dos sentidos. Então, a notícia da última eliminação (aquela da atenção reflexa) tornar-se-á biologicamente, para ψ , um sinal para enviar quantidade de ocupação nessas mesmas direções¹⁶⁴.

Devemos observar que a anatomia que liga ω e os órgãos dos sentidos, ou melhor, a anatomia que liga ω e ϕ seria mais bem descrita como facilitação; é uma anatomia constituída pela simultaneidade da ocupação ϕ e dos signos de qualidade de ω , e não uma anatomia presente na estrutura do aparelho psíquico, uma vez que entre o sistema ϕ e o sistema ω encontra-se o sistema ψ . Mas o que nos interessa é a segunda característica da eliminação de ω : ela é dirigida novamente para ϕ , constituindo a atenção.

¹⁶³ Id., p. 77.

¹⁶⁴ Id., p. 40.

Originalmente, no entanto, nem todos os signos de realidade interessam ao eu. Os primeiros signos de realidade que lhe interessam e cuja presença provocará a atenção, i.e. a superocupação perceptiva, são os signos de realidade que acompanham a percepção do neurônio α , aqueles presentes quando surge a fome. Quando surge a fome, então, o eu aproveita-se da facilitação entre π e ϕ e envia $Q\eta$ para a parte do complexo perceptivo que discorda do complexo desiderativo, envia $Q\eta$ para o neurônio c , super-ocupando-o.

O mecanismo da atenção, assim como as barreiras que possibilitam o armazenamento de Q , aumenta as perspectivas do eu de alcançar a satisfação:

*se estas duas barreiras forem respeitadas, e ele [o eu] voltar sua atenção para as novas percepções, tem-se a perspectiva de alcançar a satisfação procurada*¹⁶⁵.

Também, o mecanismo da atenção, assim como a constituição das barreiras, é condição para o eu agir em direção à satisfação de forma eficiente. A justificativa da atenção é sua vantagem biológica, i.e., por ser condição de um acesso mais favorável à satisfação, o mecanismo da atenção é selecionado biologicamente.

*Esse seria o mecanismo da atenção psíquica. Tenho dificuldade em explicar sua origem mecânica (automática). Por isso creio que ele seja condicionado biologicamente, isto é, ele seja o que restou no decurso do desenvolvimento psíquico porque todo outro comportamento de ψ teria sido excluído por desenvolver desprazer*¹⁶⁶.

A atenção, a superocupação perceptiva, no entanto, não basta para o aparelho psíquico alcançar uma vantagem biológica; ela é, apenas, condição para isso. Será ainda necessário o pensar e a inervação das imagens de movimento encontradas nesse último processo.

7ª fase:

A percepção de c , mesmo sendo intensificada pela Q do eu, pode dispersar-se pelo aparelho psíquico, assim como as Qs perceptivas desprovidas de atenção:

¹⁶⁵ Id., p. 84.

¹⁶⁶ Id., p. 75.

Mas se P recebeu sua ocupação de atenção, podem acontecer muitas coisas ... o neurônio perceptivo é superocupado, a quantidade composta de Q e Q₁ dispersa-se de acordo com as melhores facilitações e subjugará, de acordo com a resistência e a quantidade, algumas barreiras de contato e ocupará novos neurônios associados e não subjugará outras barreiras porque a fração que lhes coube está abaixo do limiar. Certamente são ocupados agora mais neurônios e mais afastados do que no processo puramente associativo sem atenção. Finalmente a corrente também aqui terminará em certas ocupações terminais ou em uma só. O êxito da atenção será que no lugar da percepção surgirão uma ou várias (ligadas por associação com o neurônio de partida) ocupações de recordação¹⁶⁷.

Intensificada a ocupação perceptiva (pelo mecanismo da atenção), é necessário dirigi-la para algum lugar. Para que a migração, da atenção até uma recordação, represente uma vantagem biológica ao organismo (ou melhor, represente uma condição para se alcançar uma vantagem biológica), ela deverá conduzir a ocupação perceptiva até a ocupação de recordação da imagem desiderativa. Em outras palavras, só há ganho biológico se a ocupação da percepção *c*, intensificada pela Q do eu, dirigir-se até a recordação *b*.

o trabalho do eu segue as ligações desse neurônio c e faz surgir, por meio da corrente de Q₁ ao longo dessas ligações, novas ocupações até encontrar um acesso para o neurônio faltante b¹⁶⁸.

O neurônio faltante na percepção deve servir como meta da migração da ocupação perceptiva:

Não há dúvida de que seja a Q₁ dada pelo eu ocupado a que se submete a estas migrações ao longo dos neurônios facilitados, e de que esta migração não seja dominada pelas facilitações, mas por uma meta. Qual é esta meta, e como ela é atingida? A meta é retornar ao neurônio faltante b e provocar a sensação de identidade, ou seja, o momento no qual apenas o neurônio b é ocupado, no qual a ocupação migratória desemboca no neurônio b¹⁶⁹.

O neurônio *b*, ou melhor, o complexo de neurônios *b* atua como meta da migração porque ele, apesar de variável (*wechselnden*), é constantemente ocupado pelo eu, assim como o neurônio *a*. A imagem desiderativa, diferentemente da imagem de movimento da vivência de satisfação (correspondente ao sugar), não deve estar não-ocupada, mas ocupada

¹⁶⁷ Id., p. 78.

¹⁶⁸ Id., p. 42.

¹⁶⁹ Id., p. 42/3.

de forma inibida, de modo que, por um lado, não produza a alucinação (não ocupe os signos de realidade) e, por outro lado, sirva de meta à migração da Q perceptiva:

*Que dirige esta migração? O fato da representação de desejo [da] re[cordação] [isto é, do neurônio b] manter-se ocupada enquanto se persegue a associação a partir do neurônio c. Sabemos que, através de tal ocupação do neurônio b, todas as suas ligações eventuais tornam-se elas próprias facilitadas e acessíveis*¹⁷⁰.

Com a ocupação constante do neurônio *b* e suas ligações facilitadas e acessíveis (ocupações laterais), o eu consegue modificar as facilitações predeterminadas pela arquitetura do sistema, que seriam percorridas pela Q:

*Seja R+ a representação de desejo que se mantém especialmente ocupada, e P a percepção que é preciso perseguir, então o efeito da ocupação de atenção a partir de P será, em primeiro lugar, que Q correrá para o neurônio a melhor facilitado; a partir daí, seguirá de novo para a melhor facilitação e assim por diante. Mas esta tendência de ir na direção da melhor facilitação será perturbada pela existência de ocupações laterais. Se a partir de a partirem três caminhos na ordem b, c e d, segundo sua facilitação, e d estiver na vizinhança da ocupação de desejo +R, o êxito poderá ser que a Q, apesar das facilitações, não corra para c e b, mas para d, e dali para R+; e, assim, descobrir-se-á P-a-d-+R como o caminho procurado. Aqui age o princípio, há muito reconhecido por nós, de que a ocupação pode deslocar a facilitação e, portanto, opor-se a ela; com isto, a ocupação lateral modifica o curso de Q. Visto que as ocupações são alteráveis [veränderlich], está à discrição do eu modificar o curso desde P até uma ocupação de meta qualquer*¹⁷¹.

A ocupação lateral, o neurônio *d*, consegue modificar a facilitação existente anteriormente, porque, devido a sua simultaneidade com a ocupação perceptiva, funciona como uma facilitação temporária das barreiras de contato:

*Se um neurônio adjacente for simultaneamente ocupado, ele age como uma facilitação temporária das barreiras de contato localizadas entre ambos e modificará o curso que, caso contrário, ter-se-ia dirigido para alguma barreira de contato facilitada*¹⁷².

A ocupação simultânea atrai a Q que está migrando, conduzindo-a à meta desejada. A ocupação lateral corresponde a uma ocupação adjacente à ocupação desiderativa, que é facilitada com esta, também, devido a simultaneidade. Como a imagem

¹⁷⁰ Id., p. 43.

¹⁷¹ Id., p. 91.

desiderativa está constantemente ocupada, ela cede sua Q para os neurônios adjacentes com ela facilitados. A imagem desiderativa, no entanto, deve ter um nível limitado de ocupação para que não ocorra a alucinação. Para tanto, devemos pensar em um nível ótimo, aprendido pela experiência biológica, que impede a ocupação dos sinais de realidade, mas ocupa outros neurônios adjacentes.

Podemos então imaginar todo esse processo da seguinte forma. O neurônio da imagem desiderativa¹⁷³, que serve de meta à percepção, é constantemente ocupado (ele faz parte do eu, é um predicado do eu). Por estar constantemente ocupado (já que não pode seguir seu curso para a imagem de movimento), ocupa também seus neurônios adjacentes. As ocupações dos neurônios adjacentes, por sua vez, agem como facilitações temporárias entre os neurônios adjacentes e os neurônios ocupados pelas Qs perceptivas. Em seguida a ocupação da imagem desiderativa também age como facilitação entre o neurônio adjacente e a imagem desiderativa. Assim, a Q migra de ϕ até a imagem desiderativa.

Esse é o mecanismo do pensar, na sua forma mais originária; busca a identidade entre uma percepção e a representação desiderativa,

A diferença entre R e a p[ercepção] vinda dá, então, ocasião para o pensar, que chega ao seu fim quando as ocupações de p[ercepção] excedentes são transladadas, por meio de um caminho encontrado, para ocupações de R[representação] e, então é alcançada a identidade

¹⁷⁴

O pensar pressupõe as cinco fases anteriores do desenvolvimento do eu: a ocupação do caminho facilitado pela vivência de satisfação (segunda fase), as duas barreiras que impedem a eliminação de Q (terceira e quarta fase), a decomposição do complexo desiderativo (quinta fase) e a atenção à percepção que difere do objeto desiderativo (sexta fase). Consideramos o pensar a sétima fase do desenvolvimento do eu.

Até aqui ainda não encontramos nenhuma vantagem biológica, pois conduzir Q perceptiva à imagem desiderativa não provoca melhor adaptação do organismo ao meio. No entanto, estão dadas todas as condições para o ganho biológico, a razão prática da preservação dos mecanismos anteriormente analisados.

¹⁷² Id., p 37.

¹⁷³ A imagem desiderativa é a imagem do objeto de satisfação e não todo o complexo desiderativo. Deste faz parte não só a imagem desiderativa, mas também os neurônios do núcleo (predicado mais coisa do eu).

¹⁷⁴ Id., p. 76.

8ª fase:

Há um ganho biológico quando a identidade entre percepção e imagem desiderativa é acompanhada do signo de realidade da imagem desiderativa.

*O pensar recordativo tem, portanto, um objetivo prático e um final fixado biologicamente, ou seja, reconduzir, a partir de uma percepção excedente, uma Q que migra para a ocupação neuronal faltante. Então se alcança identidade e direito de eliminação se surgir ainda o signo de realidade do neurônio b*¹⁷⁵.

Isto significa que, quando se atingiu a meta da migração (além da ocupação de *c* ter encontrado a ocupação *b*), o neurônio-meta foi ocupado a partir da percepção; significa que o encontro da meta foi acompanhado de seus signos de realidade. Mas, devemos nos perguntar, como um simples processo de pensamento, uma migração de *Q* no interior do aparelho psíquico, pode provocar uma ocupação perceptiva (e não alucinada) do objeto desiderativo? Isto ocorre quando, nessa migração, é ocupada uma imagem de movimento e essa ocupação provoca efetivamente um movimento:

*Em geral, resulta em uma imagem de movimento que se intercala entre neurônio *c* e neurônio *b*, e com a reanimação desta imagem, por um movimento efetivamente realizado, é produzida a percepção do neurônio *b* e, com isso, a identidade¹⁷⁶ procurada. Por exemplo, seja a imagem recordativa desejada a imagem do busto materno e seu mamilo em visão completa, e a primeira percepção uma visão lateral deste objeto sem o mamilo. Na recordação da criança encontra-se uma experiência ocorrida por acaso na amamentação, onde um determinado movimento de cabeça que – uma tentativa mostra –, tem de ser executado ao contrário, e chega-se à percepção da visão completa*¹⁷⁷.

¹⁷⁵ Id., p. 43.

¹⁷⁶ Tem-se a impressão de que o estado de identidade é produzido apenas quando surge a percepção do neurônio *b* (ocupação + sinal de realidade) e não quando o neurônio *b* é encontrado no simples processo de pensar, como consideramos acima. A citação seguinte refuta, no entanto, esta impressão: *Então se alcança identidade e direito de eliminação se surgir ainda o signo de realidade do neurônio *b*. Mas o processo pode tornar-se independente da última meta [do direito de eliminação] e só ambicionar a identidade. Então está-se diante de um ato de pensar puro, mas que em todo caso, poderá ser mais tarde aproveitado praticamente.* p. 43/4.

Deve-se observar, no entanto, que invertemos a lógica da exposição de Freud. Segundo ele, primeiramente, tem-se a eliminação, ocorrida quando há o sinal de realidade de *b* (aquilo que consideraremos a sétima fase do eu), e, só depois da eliminação, o pensar puro se torna independente da mesma (aquilo que consideramos a sexta fase do eu). Essa inversão nos parece uma necessidade lógica da própria descrição do processo feita por Freud. A imagem de movimento que provoca, em geral (frequentemente), o aparecimento do sinal de realidade de *b* surge na busca de identidade, mas ela não é a meta da busca de identidade. A meta, como já

O movimento (fruto da ocupação da imagem de movimento) provoca uma alteração naquilo que é percebido. O complexo perceptivo, neurônio a + neurônio c, fome + busto lateral, transforma-se em neurônio a + neurônio b, fome + busto frontal. O movimento realizado caracteriza-se como uma ação que altera a realidade, transformando-a na realidade desejada (no caso, numa realidade que contenha o busto frontal):

*... não podemos representar a ação de outra maneira do que como a ocupação completa daquelas imagens de movimento que foram realçadas no processo de pensar*¹⁷⁸.

No entanto, encontramos, no exemplo do busto lateral e frontal, uma ação que transforma a realidade acidentalmente e não voluntariamente:

*... é um exemplo da possibilidade de chegar-se, por reprodução de ocupações a uma ação que pertence ao lado acidental da ação específica*¹⁷⁹.

A imagem de movimento da cabeça foi encontrada acidentalmente entre a imagem perceptiva do busto lateral e a imagem desejada do busto frontal. Assim como é acidental a presença da imagem de movimento intercalada entre a percepção e a imagem desiderativa, também é acidental a eficiência do movimento em produzir signos de realidade da imagem desiderativa. Mas, mesmo sendo acidental, a eficiência do movimento provocado pelas ocupações das imagens de movimento encontradas no processo de pensar é maior que a eficiência do movimento do sugar, cuja não-ocupação possibilitou a constituição do eu. Mesmo que toda a Q armazenada (armazenada devido à barreira contra a imagem de movimento do sugar) fosse eliminada através da ocupação da imagem de movimento encontrada no processo de pensar, antes mesmo que se tenha encontrado o signo de realidade da imagem desiderativa, ocupar essa imagem de movimento em vez da imagem do sugar é um ganho para o organismo, pois a probabilidade de aparecer em os signos de

analisamos acima, é a ocupação b. Se a meta é encontrar a ocupação b e o encontro de uma imagem de movimento é, por mais freqüente que seja, um acidente da migração até o neurônio b, parece-nos lógico que o mecanismo de encontrar a meta anteceda aquilo que é acidental, por mais valor que este tenha. Podemos dizer que o mecanismo de busca da identidade (o pensar puro) foi selecionado pela experiência biológica, porque freqüentemente provoca um movimento útil para o organismo. Mas isso não faz com que o mecanismo seja dependente do movimento (e só mais tarde torne-se independente, como sugere a citação de Freud). O mecanismo deve anteceder a vantagem biológica que provoca, mesmo que a justificativa de sua existência seja dada pela vantagem biológica que o sucede.

¹⁷⁷ Id., p. 42.

¹⁷⁸ Id., p. 101.

¹⁷⁹ Id., p. 42.

realidade no primeiro caso é bem maior (o movimento da cabeça é uma ação em direção ao objeto desiderativo e não um movimento reflexo como o sugar).

Entretanto, além da diferença na eficiência dos movimentos, devemos ainda supor que a imagem de movimento encontrada no pensar é ocupada de uma forma diferente da imagem de movimento do sugar. Em primeiro lugar, para aquela imagem participar do processo de pensamento, devemos considerá-la uma ocupação lateral, adjacente à imagem desiderativa. Portanto, antes de ser ocupada pela Q perceptiva, a imagem de movimento já estava pré-ocupada devido a sua proximidade com a ocupação desiderativa. Essa pré-ocupação funciona como facilitação temporária entre a imagem perceptiva e a imagem de movimento (imagem do busto lateral e do movimento do pescoço, respectivamente). Se essa idéia é correta, é necessário supor uma ocupação (pré-ocupação) da imagem de movimento que não provoque movimento. Talvez isso possa ser explicado através do estado de ligação, no qual a ocupação de um neurônio influi sobre a ocupação do outro:

... chega-se à suposição de um estado, por assim dizer, ligado no neurônio ... Esta suposição pode tornar-se plausível se se pensar que a corrente em um neurônio é evidentemente influenciada pelas ocupações que a cercam. Ora, o próprio eu é uma massa assim de neurônios, que retém sua ocupação, isto é, eles estão em um estado ligado, e isto só pode ocorrer através da influência que eles têm um sobre o outro¹⁸⁰.

Assim, podemos presumir, a ocupação da imagem desiderativa influencia a ocupação dos neurônios adjacentes. Essa influência possibilita a fixação¹⁸¹ da Q no neurônio. A Q fixa, por sua vez, não provoca o movimento.

Somente a ocupação da Q deslocável, provinda da percepção, provoca o movimento. Também, esse movimento não deve eliminar toda a Q (como o faz a ocupação da imagem do sugar), caso contrário a imagem desiderativa não seria alcançada. Se esse movimento eliminasse toda a Q, Freud não caracterizaria a ação como uma consequência

¹⁸⁰ Id., p. 83.

¹⁸¹ *Bindung* significa tanto ligação, vínculo, como fixação e aprisionamento. Segundo Luiz Hanns, no *Dicionário comentado do alemão de Freud*, o termo também evoca a imagem de fixação, aprisionamento, imobilização. Por exemplo, Marx utiliza o termo *Kapitalbindung* (fixação de capital) para investimentos em determinados bens que imobilizam, amarram, fixam o capital em máquinas, estoques, lojas etc., e o seu antônimo, *Kapitalentbindung* (liberação de capital), em processos que liberam, libertam, desatam o capital (quando o produto é vendido e transformado em capital monetário que pode circular livremente) (p. 294).

do pensamento, mas algo que o interrompe. Na verdade, trata-se de ocupar as imagens de movimento depois de encontrada a identidade com a imagem desiderativa:

*A meta do pensar prático é a identidade, a desembocadura de ocupação de Q₁ deslocada na ocupação de desejo, entretantes retida. Cabe tomar-se em sentido puramente biológico que ϕ com isso cessa a necessidade de pensar, e, em compensação, é permitida a inervação completa das imagens de movimento, tocadas pelo caminho, e que elas apresentam, justificadas pelas circunstâncias, um pedaço acessório da ação específica*¹⁸².

A imagem de movimento quando foi tocada (ocupada) no pensar também não provocou o movimento. Como justificativa a essa ocupação que não provoca movimento, podemos acrescentar ao estado ligado a diminuta quantidade que ocupa a imagem. No entanto, aqui, diferentemente da pré-ocupação devido à proximidade da imagem desiderativa, devemos supor algum movimento, algum gasto motor. Caso contrário, o eu não saberia quais imagens inervar depois de encontrada a imagem desiderativa. Em outras palavras, o eu precisa de um signo para saber quais são as imagens de movimento dentre as imagens ocupadas no processo de pensar. Vejamos que signos são esses. Segundo Freud, pensar numa imagem de movimento é só quantitativamente diferente de movimentar-se:

*... efetivamente não se move, ao representar-se uma imagem de movimento. Mas o representar e o mover são apenas quantitativamente distintos*¹⁸³.

Isso quer dizer que no pensar há, como no mover-se, um gasto motor, no entanto, um gasto motor mínimo¹⁸⁴. Gasto que não interrompe o processo de pensar mas provoca percepções. Como já vimos:

*... todo movimento, através de suas conseqüências colaterais, dá lugar a novas excitações sensoriais (da pele e dos músculos)*¹⁸⁵.

A fraca ocupação da imagem de movimento no pensamento, produz um fraco movimento que, por sua vez, produz também fracos, pouco impressionantes, signos de qualidades:

¹⁸² Id., p. 92/3.

¹⁸³ Id., p. 82.

¹⁸⁴ Aqui estamos supondo que há gasto motor (diminuto) quando a imagem de movimento é ocupada por uma Q deslocável e não pela Q fixa, ligada, como vimos anteriormente.

¹⁸⁵ Id., p. 32.

*As imagens de movimento são percepções e têm naturalmente enquanto tais qualidade e despertam consciência. ... contudo suas qualidades são pouco impressionantes, provavelmente não tão variadas como as do mundo externo ... Todavia não derivam de órgãos dos sentidos altamente organizados, sua qualidade é, sem dúvida, monótona*¹⁸⁶.

O que é importante, no entanto, é que as imagens de movimento fornecem signos de qualidade que podem ser aproveitados pelo eu. O eu, então, conduz as ocupações para as imagens acompanhadas de signo de qualidade:

*Como os neurônios ψ no eu saberiam ... para onde conduzir a ocupação? ... Ora, pode ocorrer que durante o curso de Q_1 ... seja ocupado um neurônio motor que, então, eliminaria Q_1 e forneceria um signo de qualidade*¹⁸⁷.

Devemos, portanto, supor uma eliminação tão pequena que provoca uma Q (perceptiva) mais útil ao psiquismo – pois é um signo diferente que pode ser utilizado pelo eu –, que aquela que estava armazenada e foi eliminada. Com a suposição de um gasto motor diminuto, a imagem motora acaba cumprindo um papel contrário àquele que lhe reservou o princípio da inércia: fornece Q ao invés de eliminá-la (também elimina Q, no entanto, isso é menos importante).

Ocupada a imagem de movimento, depois de encontrada a imagem desiderativa, o movimento é executado, porém, ainda nesse caso, o gasto motor não deve consumir toda a Q. Será ainda necessário reservar Q para que, depois do aparecimento do signos de realidade do objeto desiderativo, ela seja enviada para a imagem de movimento do sugar, completando a ação específica.

Devemos notar que o ganho biológico provocado pelo movimento da cabeça é bem pequeno, mas ele existe e é o protótipo de toda ação do eu que visa a transformar a realidade percebida na realidade desejada. Esse movimento, podemos dizer, tem como meta não o neurônio *b*, mas o sinal de realidade do neurônio *b*. Nesse sentido, o signo de qualidade do objeto desiderativo serve de meta (faltante) para a Q percebida, pois o objeto percebido deve transformar-se no objeto desejado.

¹⁸⁶ Id., p. 102.

Esse processo é, ainda, mais bem exemplificado com a imagem de movimento do grito. Acompanhemos sua análise. A imagem de movimento do grito participa da primeira fase do eu, quando a vivência de satisfação ainda não facilitou o caminho preferido de eliminação e a fome é eliminada por movimentos reflexos e descoordenados:

A inervação lingüística é originalmente uma via de eliminação que age como um tipo de válvula para ψ , a fim de regular as oscilações de Q_1 , um fragmento da via para alteração interna, que apresenta a única eliminação enquanto a ação específica não for encontrada¹⁸⁷.

Quando, na vivência de satisfação (segunda fase do eu), o outro executa a ação específica e o caminho da alucinação é facilitado (escolhido), a imagem de movimento do gritar torna-se secundária para a eliminação da fome (provavelmente ela é ocupada somente quando a fome é muito intensa). No entanto, no processo de pensar que visa à identidade de uma percepção com o objeto desiderativo, a imagem de movimento do gritar readquire sua importância. Ela se associa ao sinal de realidade do objeto desiderativo, já que, quando ocupada, o provoca (quando ocupada a ponto de produzir o movimento). A imagem de movimento do gritar, assim como a imagem do movimento da cabeça, intercala-se entre a percepção e a imagem desiderativa. O grito ocupa uma posição entre a imagem perceptiva e a imagem desiderativa porque é eficiente para transformar a primeira na segunda. Suponhamos que a imagem perceptiva seja a voz da mãe. Se essa imagem não for inteiramente nova e encontrar uma associação com uma imagem desiderativa, por exemplo, com a imagem da visão da mãe, nessa associação pode ser encontrada a imagem de movimento do grito. Quando novamente surgir a percepção da voz da mãe, será inervada a imagem motora do grito, a criança gritará e a voz da mãe provavelmente transformar-se-á de novo na visão da mãe. O grito, diferentemente do movimento da cabeça, não está intercalado entre P e R+ devido a sua reversibilidade (a cabeça movimentada para um lado transforma busto frontal em lateral; para outro, transforma o busto lateral em frontal), mas devido a sua constância em transformar P em R+ (freqüentemente o grito transforma uma impressão longínqua da mãe na sua percepção completa). A eficiência em atrair o objeto desiderativo faz com que o grito participe do processo do pensamento:

¹⁸⁷ Id., p. 79.

¹⁸⁸ Id., p. 80.

Essa via ganha uma função secundária, na medida em que chama a atenção do indivíduo prestativo (geralmente o próprio objeto de desejo) para o estado de apetite e necessidade da criança¹⁸⁹.

O gritar, assim, ganha a função de comunicação. Ele transforma a realidade percebida na realidade desejada, porque chama o próprio objeto desejado.

Imaginemos que o grito mais eficiente para chamar o objeto é um grito cujo som assemelha-se à palavra mãe. Esse grito, ao mesmo tempo que se torna mais eficiente para aproximar o objeto desiderativo, provoca menos gasto motor, reservando mais Q para completar a ação específica (para esperar os sinais de qualidade da imagem desiderativa e ocupar a imagem de movimento reflexo). Nesse caso, é evidente o auxílio que o signo lingüístico presta ao eu, já que é capaz de alterar a realidade (fazer o objeto desiderativo aproximar-se), com um pequeno gasto motor. No entanto, não nos parece que os signos lingüísticos sejam necessários para a suposição de que é possível pensar em imagens de movimento, como atesta a análise da imagem do movimento da cabeça tocada no pensar.

Podemos então considerar como a oitava fase do eu a fase na qual ele é capaz de agir modificando a realidade, conseguindo, através de algum movimento os signos de realidade desejados. A existência dessa fase, que consiste num ganho adaptativo do organismo, justifica a existência das cinco fases anteriores. (As duas primeiras fases do eu, anteriores às barreiras que armazenam Q – primeira, a eliminação ineficiente de Q endógena através de uma alteração interna e segunda, a eliminação ineficiente através do caminho facilitado pela vivência de satisfação – devem ser pensadas como frutos da própria estrutura do aparelho psíquico que a) elimina tudo que recebe e b) prefere os caminhos que alcançaram a satisfação¹⁹⁰. Só a partir da terceira fase é que Freud passa a justificar os mecanismos do eu através de explicações biológicas.)

O processo inteiro seria o seguinte: 1) ocupação do complexo desiderativo (neurônios a e b; a ocupação deve ser inibida para não ser alucinada); 2) percepção da falta da imagem desiderativa no complexo perceptivo; 3) atenção à percepção (atenção ao neurônio c); 4) condução da percepção até a parte da imagem desiderativa faltante, através

¹⁸⁹ Id., p. 80.

de ocupações laterais que inibem uma condução mecânica e sem objetivo (busca de identidade entre b e c); 5) ocupação da imagem de movimento encontrada, que provoca um movimento que, por sua vez, provoca o aparecimento da notícia de realidade da parte faltante da imagem desiderativa (movimento da cabeça, ou do grito, que provoca os signos de realidade do neurônio b); 6) ocupação da imagem de movimento reflexa da vivência de satisfação, que provoca o movimento (o sugar); 7) eliminação eficiente da Q endógena (a fome cessa por um determinado período de tempo).

A impossibilidade do organismo humano de executar originalmente uma ação capaz de aproximar os alimentos e a necessidade de uma ajuda externa (ajuda cuja imagem toma o lugar de uma ação) começam a render seus frutos no que diz respeito à adaptação. Se o eu conseguir armazenar Q (constituir barreiras) e enviar Q às percepções (através da atenção), poderá, mediante a orientação dada pela imagem da ajuda externa, executar ações que, além de auxiliar a aproximação dos alimentos, também transformam a realidade percebida numa realidade mais satisfatória. A ação do eu não visa simplesmente à eliminação eficiente de Q, mas à construção de um mundo externo semelhante ao mundo interno, ao mundo desejado; ela visa a um signo de realidade diferente do atual; no exemplo de Freud, ela visa a signos de realidade do neurônio *b*, do busto frontal. Nesse sentido, a importância do movimento da cabeça ou do grito não está só em aproximar o alimento (coisa que também eles fazem e nisso está sua razão prática), mas também em transformar o mundo externo em algo semelhante ao mundo interno. Se essas ações inicialmente correspondem a um ganho biológico, porque auxiliam, mesmo que minimamente, a satisfação dos instintos, em um organismo anteriormente incapaz de executar qualquer ação no sentido da satisfação, não reside nisso sua maior importância adaptativa. Sua maior importância é ser o protótipo de uma ação que visa a transformar a realidade, que visa a construir uma nova realidade.

O valor biológico da oitava fase do eu, no entanto, é que nela ele age auxiliando a satisfação. Por mais insignificante que seja essa ação, ela tem um valor adaptativo, pois

¹⁹⁰ O caminho preferido é aquele no qual houve uma eliminação eficiente, porém, a eficiência não se deve à ocupação da imagem de movimento, mas à presença de outra pessoa que executa o movimento.

surge em um eu incapaz de executar uma ação que satisfaça o instinto e que, em vez de executá-la, alucina uma recordação.

9ª fase:

Na nona fase do desenvolvimento do eu, seus processos tornam-se independentes do estado de expectativa. Tanto a atenção como o pensar devem ser independentes da ocupação desiderativa¹⁹¹. Primeiramente, a atenção deve ser enviada para qualquer percepção e não somente para aquelas acompanhadas pela fome:

*O efeito da atenção psíquica é a ocupação dos mesmos neurônios que são portadores da ocupação perceptiva. ... A atenção consiste, então, em produzir a situação psíquica do estado de expectativa até para aquelas percepções que não coincidem parcialmente com ocupações de desejo. Tornou-se, de fato importante enviar uma ocupação de encontro a todas as percepções, pois entre elas poder-se-ia encontrar as desejadas*¹⁹².

Mesmo que o eu não se encontre pressionado pela fome, ele deve fazer-se atento às ocupações perceptivas. Encontrar um caminho entre qualquer ocupação perceptiva e a imagem desiderativa tem valor adaptativo, pois conhecendo esse caminho, quando novamente surgir a mesma percepção e simultaneamente surgir o estado de expectativa (a fome), o eu estará preparado para a ação.

*... a totalidade do processo de pensar pode tornar-se independente do processo de expectativa e da realidade e, de forma completamente inalterada, progredir até a identidade. Ele parte então de uma simples representação e não leva à ação nem depois de seu término, mas resulta em um conhecimento prático, aproveitável para o caso real vindouro. Comprova-se precisamente como é conveniente que o processo de pensar prático não tenha de funcionar só quando se precisa dele em vista da realidade, mas sim mantê-lo preparado de antemão*¹⁹³.

O pensar independente do estado de expectativa torna-se condição à premeditação, inegável vantagem do ponto de vista biológico: ganha-se tempo e não se é pressionado pela fome.

¹⁹¹ O pensar só se tornará efetivamente independente da ocupação desiderativa, não só da fome (do neurônio a) mas também da imagem desiderativa (do neurônio b), na 12ª fase do eu.

¹⁹² Id., p. 75/6.

¹⁹³ Id., p. 93.

É uma vantagem manifesta se a transladação de pensar, que ocorre no pensar prático, não acontecer só quando se dá o estado de expectativa, mas já tiver ocorrido porque: 1. Dessa maneira poupa-se tempo para a formação da ação específica; 2. O estado de expectativa não é de nenhuma maneira especialmente útil para o curso do pensar. O valor de prontidão do curto intervalo entre percepção e ação resulta da consideração de que as percepções mudam rapidamente. Se o processo de pensar durasse muito tempo, seu resultado tornar-se-ia inutilizável. Por isso se premedita¹⁹⁴.

O processo de pensamento que, inicialmente, no estado de expectativa, é condição da ação, ao tornar-se independente desse estado serve para premeditar a própria ação.

10ª fase:

Nem todas as percepções, no entanto, são passíveis de atenção. Existem percepções que o eu não consegue enviar ocupações (atenção) porque não produzem bons signos de qualidade. São as percepções do objeto hostil, pertencentes à vivência de dor ou de suas repetições, que não produzem signos de qualidade devido à associação com altas Qs (Q da dor ou do afeto):

... dada a dor, não se obtém bons signos de qualidade do objeto¹⁹⁵.

Nesse caso, também o eu, primeiramente, aprende a enviar ocupações de atenção para as imagens de movimento (assim como envia ocupações para a imagem do movimento da cabeça e para o grito). A atenção volta-se para as reações provocadas pela percepção do objeto hostil, isto é, volta-se para as expressões de afeto e defesa (devemos lembrar que a defesa é uma das expressões do afeto, a preferida, mas não a única, já que as outras imagens de movimento também são representadas em ψ).

Tais percepções [percepções que pertencem a uma vivência de dor e desenvolvem desprazer] atraem para si, de acordo com a experiência, uma atenção elevada, mas excita pouco seus próprios signos de qualidade em comparação com os da reação a que dão lugar; elas se associam com as próprias expressões do afeto e de defesa¹⁹⁶.

Podemos supor dois motivos que impedem os signos de qualidade da percepção do objeto hostil. O primeiro é que π só é capaz de reconhecer períodos numa zona de indiferença entre prazer e desprazer:

¹⁹⁴ Id., p. 98.

¹⁹⁵ Id., p. 81.

Com a sensação de prazer e desprazer desaparece a aptidão para perceber qualidades sensoriais que, por assim dizer, situam-se numa zona de indiferença entre prazer e desprazer. Caberia traduzir isto ao dizer que os neurónios π , no caso de uma certa ocupação [forte], revelam um ótimo para receber o período do movimento neural; que no caso de ocupação mais forte dão como resultado desprazer; no caso de mais fraca, prazer, até que a capacidade receptiva desapareça com a falta de ocupação¹⁹⁷.

Prazer significa ausência de ocupação, portanto, nesse caso, π não pode ser sensível aos períodos. Desprazer significa excesso de ocupação¹⁹⁸. Também aqui π não é sensível aos períodos e esse é o caso da dor e do afeto.

Mas, há também outro motivo para a ausência de bons signos de realidade da imagem perceptiva do objeto hostil. É a reação que essa percepção provoca: a defesa (fuga e repressão). Sempre que a percepção é ocupada, ela é, o mais rápido possível, desocupada. A fuga impossibilita a atenção aos signos de qualidade perceptivos.

Seja qual for o motivo, o que nos interessa é que não há bons signos de qualidade da percepção do objeto hostil e portanto não pode haver atenção à mesma. Essa situação, no entanto, é alterada se o eu fizer-se atento a outro signo de qualidade que não o signo de qualidade do movimento da defesa. Se o eu pré-ocupar outra expressão do afeto, outra imagem de movimento que não a fuga, conseguirá, mesmo com maus signos de qualidade provindos da percepção, enviar Q para a percepção do objeto hostil. Aqui, parece-nos, o crédito à eficiência dos processos do eu cabe à característica da imagem de movimento pré-ocupada, necessariamente um signo lingüístico, e não simplesmente ao estado de ligação, como no processo de pensar (processo que apesar de auxiliado pelo signo lingüístico, pode

¹⁹⁶ Id., p. 94/95.

¹⁹⁷ Id., p. 26.

¹⁹⁸ Devemos lembrar que, na repetição da vivência de satisfação, o excesso de excitação ψ , em vez de produzir desprazer, produz signos de qualidade (alucinação da imagem desiderativa). Podemos conciliar as duas hipóteses supondo que, até certa intensidade, a ocupação ψ produz signos de qualidade. Ultrapassada essa intensidade, a ocupação produz desprazer e este será o responsável pelo desenvolvimento posterior do eu (pelas barreiras, não-ocupações, que constituem o eu).

Também devemos lembrar que, quando há alucinação, signos de qualidade, há também sensações de prazer (há uma facilitação entre ambos). Mas, se só há signos de qualidade numa zona de indiferença entre prazer e desprazer, precisamos supor que a alucinação e o prazer não são simultâneos. Ocorre a alucinação e depois o prazer. Diferente do caso do desprazer que ocorre no lugar do signo de qualidade.

ocorrer independente do mesmo)¹⁹⁹. Assim, se o eu pré-ocupar a imagem motora do grito, sua reocupação a partir da percepção inibirá o escoamento de Q – da imagem hostil (P) ao movimento de fuga (M) – e produzirá um gasto motor menor que a ocupação da imagem motora da fuga. Assim, a Q provinda da percepção (da dor ou do afeto) não será toda eliminada, o trabalho do eu não será interrompido e alguma Q poderá ser enviada à percepção.

Completemos a primeira citação que apresentamos nessa fase.

Inicialmente se encontram objetos – percepções –, que fazem gritar porque excitam a dor, e ganha uma importância enorme esta associação de um som (que também incita imagens de movimento próprio) com uma percepção, aliás composta, que realça o objeto enquanto hostil e que serve para guiar a atenção para [a] p[ercepção]. Onde aliás dada a dor, não se obtém bons signos de qualidade do objeto, a própria notícia do grito serve como característica do objeto. Portanto esta associação é um meio para tornar as recordações que excitam desprazer conscientes e objeto de atenção: foi criada a primeira classe de recordações conscientes²⁰⁰

Assim, se o eu, em vez de conduzir a Q liberada pelo neurônio-chave à defesa, conduzi-la à imagem de movimento do grito, ele será capaz de tornar consciente imagens de desprazer. Isso significa que o eu será capaz de ter simultaneamente sensação de desprazer e sensação da qualidade do objeto externo (talvez, melhor que simultaneamente, seria pensar na seqüência imediata de uma à outra sensação). Podemos supor que isso é possível porque: primeiro, na medida em que o grito é uma eliminação motora, nele, o desprazer é diminuído, sem que, no entanto, toda Q seja eliminada e sejam interrompidos os processos do eu (eliminação com pequeno gasto motor). Segundo, na medida em que o grito substitui a fuga, é possível reocupar as ocupações perceptivas, em vez de desocupá-las. É necessário não fugir do objeto hostil para enviar-lhe ocupações de atenção.

11ª fase

¹⁹⁹ Parece-nos impossível pensar no movimento de fuga sem executá-lo, como foi possível pensar nas imagens de movimento tocadas na busca de identidade. Talvez a dificuldade esteja no fato de se tratar de altas Qs, e, por isso, faz-se necessário o signo lingüístico.

²⁰⁰ Id., p. 81.

Atento às percepções do objeto hostil, o eu está em condições de influenciar as facilitações provocadas pela vivência de dor. Influenciando essas facilitações, o eu se expande, conseguindo atingir seu objetivo – ceder suas ocupações pelo caminho de satisfação (i.e. atingir a identidade e os signos de qualidade do objeto desiderativo) – de forma mais eficiente.

Se o esforço deste eu tiver de ser o de ceder suas ocupações pelo caminho de satisfação, isso só poderá ocorrer na medida em que ele [o eu] influenciar a repetição de vivências de dor e de afetos e através do seguinte caminho que se designa em geral como da inibição²⁰¹.

Assim, se o eu estiver atento à imagem perceptiva do objeto hostil, será capaz de inibir a liberação afetiva através de ocupações laterais.

Agora se pode facilmente representar, com o auxílio de um mecanismo que chame a atenção do eu para a nova ocupação que chega da imagem recordativa hostil, que o eu possa conseguir inibir, através de ocupação lateral abundante que, segundo a necessidade, pode ser reforçada, o curso quantitativo entre recordação e liberação do desprazer.²⁰²

Mas quais são essas ocupações laterais? Certamente não são aquelas ocupações adjacentes à imagem desiderativa presentes no processo de pensar. Acompanhemos a continuação da citação acima:

E se supuser que a liberação de desprazer (\mathcal{Q}) inicial seja recebida pelo próprio eu, tem-se nela mesma a fonte para o gasto exigido do eu para a ocupação lateral inibidora²⁰³.

Parece-nos razoável pensar que a ocupação lateral inibidora é a própria imagem lingüística do grito. São as imagens do eu que recebem originalmente a liberação afetiva que servem de ocupação lateral inibidora. Vimos, na fase anterior, que a liberação de desprazer (o afeto), que não foi eliminada pela defesa, ocupou a imagem lingüística do grito (outra expressão do afeto que não a defesa). Isso significa que a liberação de desprazer foi recebida pela pré-ocupação da imagem lingüística do grito, imagem que faz parte do eu. Portanto, a pré-ocupação da imagem lingüística que recebe a liberação de desprazer é

²⁰¹ Id., p. 37.

²⁰² Id., p. 38.

²⁰³ Id., p. 38.

intensificada pela Q liberada e funciona como ocupação lateral inibidora de futuras liberações de desprazer.

Assim, se a imagem do grito receber a Q afetiva e esta for conduzida até a percepção, a imagem do grito serve também para inibir a liberação afetiva provocada por essa percepção (lembramos que a imagem do objeto hostil, sem ou com signos de qualidade, está otimamente facilitada com o neurônio-chave). A ocupação da imagem lingüística do grito é uma ocupação lateral similar às adjacentes à imagem desiderativa; mas enquanto estas servem para conduzir a Q a uma determinada ocupação (da imagem desiderativa), a ocupação lateral inibidora da liberação afetiva desvia a Q de uma determinada ocupação (do neurônio-chave). O processo é o seguinte:

uma Q_1 que de fora (ϕ) penetra em a e que não influenciada iria para o neurônio b, é influenciada de tal modo pela ocupação lateral em a, α , que ela cede apenas uma fração para b, e eventualmente nada atinge b. ... Mas essa inibição é uma vantagem decisiva para ψ . Suponhamos que a seja uma [imagem] re[cordativa] host[il], b um neurônio-chave para o desprazer, de modo que, primeiramente, no caso do despertar de a libertar-se-ia desprazer que talvez seja sem objetivo ou o que seria pelo menos em todo o seu montante. No caso do efeito inibitório de α , a liberação de desprazer será muito insignificante, e o sistema nervoso, sem outros prejuízos, poupado de desenvolvimento ... de Q^{204} .

Supomos, portanto, que α é a imagem lingüística do gritar (imagem que, à medida que vai caracterizando-se como uma marca do objeto hostil, pode associar-se a outras imagens lingüísticas; por exemplo, um simples grito de dor – “ai” – pode aos poucos tornar-se o seguinte juízo: “ai, determinada qualidade do objeto me causa desprazer”). A ocupação α desvia parte da ocupação perceptiva (agora dotada de signos de qualidade) do neurônio-chave, inibindo a liberação afetiva.

Não havendo inibição da liberação afetiva, ocorre a defesa primária:

A defesa primária será, portanto, tão mais forte, quanto mais forte for o desprazer ²⁰⁵.

Havendo inibição da liberação afetiva, a defesa também pode ser atenuada:

²⁰⁴ Id., p 37/38.

²⁰⁵ Id., p. 38.

*Se ψ conseguir realizar a inibição a tempo, não haverá liberação de desprazer, e com isso a defesa será mínima; no outro caso haverá enorme desprazer e defesa primária excessiva*²⁰⁶.

No entanto, devemos lembrar (como vimos no primeiro capítulo) que a defesa primária tem papel adaptativo importante: corresponde à função secundária de fuga. Também a liberação afetiva, como vimos, tem importante papel adaptativo que é induzir o organismo à fuga (à defesa). Se a liberação afetiva fosse totalmente inibida, o eu não só deixaria de ser fortificado com sua Q (a Q do afeto reforça e amplia ocupações laterais), como também o organismo deixaria de ser capaz de fugir do objeto hostil. Portanto, a liberação afetiva deve ocorrer, mas de forma discriminada (nem sempre o objeto hostil provoca dor) e não em todo seu montante. Um simples sinal é suficiente para provocar uma defesa menos excessiva e mais eficiente.

*Originalmente uma ocupação perceptiva, enquanto herdeira de uma vivência de dor, liberou desprazer e ficou reforçada pela Qn liberada e, agora, procedia à eliminação através dos caminhos de curso em parte previamente facilitados. De forma conhecida, desenvolveu-se, após a formação de um eu ocupado, a atenção contra novas ocupações perceptivas, e ela seguiria agora, a partir de ocupações laterais, o curso que parte de P. Através disso, ter-se-ia limitado quantitativamente a liberação de desprazer, e seu início foi justamente para o eu um sinal para realizar uma defesa normal; assim se teria evitado que se originassem, tão facilmente, novas vivências de dor com suas facilitações*²⁰⁷.

Trata-se da inibição dos processos primários facilitados na vivência de dor.

*... se junto com o signo de realidade ocorrer um aumento de desprazer, então ψ , através de ocupação lateral de magnitude apropriada, promove no lugar indicado uma defesa de magnitude normal; ... o total desenvolvimento do desprazer que traz consigo o gasto total da defesa, designamos como processos psíquicos primários*²⁰⁸.

Com a inibição da liberação afetiva, a função secundária de defesa deixa de ser regida pelo processo primário (facilitado pela vivência de dor) e passa a ser regida pelo processo secundário (pelo eu). A defesa de magnitude normal, i.e., a função secundária regida por processos secundários, provoca uma ação de defesa do organismo, ao mesmo

²⁰⁶ Id., p. 39.

²⁰⁷ Id., p. 70.

²⁰⁸ Id., p. 40.

tempo que expande o eu, pois possibilita maior armazenamento de Q (já que o gasto motor não é excessivo).

12ª fase:

Voltemos para as ocupações centrais do eu: as ocupações de desejo. A atenção a toda percepção, independentemente do estado de fome, produziu um estado de prontidão para a ação. Esse estado de prontidão ampliar-se-á se os processos de pensamento do eu ocorrerem também independentemente da meta desiderativa. Isto é, se as percepções externas puderem ser reconhecidas pelo eu independentemente das associações que elas possam ter com a imagem desiderativa:

Seguimos uma terceira possibilidade (...) uma percepção emergente não coincide com a imagem recordativa desejada (re+). Então se origina um interesse para reconhecer esta imagem perceptiva, para eventualmente encontrar a partir dela um caminho para re+. ... Se [a] [imagem] p[erceptual] não for absolutamente nova, ela agora recordará, despertará uma re ω com a qual coincida ao menos em parte. Repete-se agora com esta [imagem] re[cordativa], o processo de pensar anterior, só que de certo modo sem a meta que a representação de desejo ocupada oferecia antes²⁰⁹.

Se o eu conduzir a imagem perceptiva, que não coincide nem parcialmente com a imagem desiderativa, até uma recordação consciente (re ω), poderá posteriormente encontrar um caminho entre a imagem perceptiva e a imagem desiderativa. Mas, a que espécie de imagem recordativa consciente (re ω) Freud se refere? Uma imagem é consciente se ela é alucinada ou percebida. Nesse caso, as imagens não podem ser alucinadas, pois falsificariam as percepções. Também não podem ser meras percepções, as percepções são o ponto de partida da Q e, portanto, não podem ser a meta. Trata-se, novamente, de imagens de movimento, representações do eu que provocam novas percepções e despertam a consciência²¹⁰.

Diferentemente das outras recordações – visuais, auditivas, táteis ... – que não despertam qualidades (essas representações ψ só despertam qualidades se forem

²⁰⁹ Id., p. 44.

²¹⁰ Repetimos: As imagens de movimento são percepções e têm naturalmente enquanto tais qualidades e despertam consciência.

intensamente ocupadas, se forem alucinadas), as imagens de movimento – as imagens cinestésicas – as despertam. Provocam movimentos, estes provocam novas percepções e, assim, despertam a consciência.

Já vimos dois casos, nos quais o eu envia Q de atenção para imagens de movimento e com isso alcança alguma vantagem. O eu envia Q para as imagens de movimento tocadas no pensar, e com isso executa ações que freqüentemente transformam a percepção na imagem desiderativa (ações que provocam signos de realidade da última). No segundo caso, a atenção é enviada para as imagens de movimento que participam da vivência da dor ou de sua repetição: para a imagem de movimento de defesa (quando ainda não há vantagem para o eu) e para a imagem de movimento do grito, que possibilita a atenção aos objetos hostis, a inibição da liberação afetiva e a execução de uma defesa com menor gasto motor e mais eficiente.

O eu terá ainda mais uma vantagem se voltar sua atenção para todas as imagens ($\rho\omega$) de movimento, e não só para aquelas tocadas no processo de pensar ou provocadas pela dor ou afeto. Se o eu pré-ocupar todas as imagens de movimento, poderá utilizá-las como meta do pensamento. Esse processo, no entanto, se dá paulatinamente. Vejamos etapa por etapa.

Primeiro, podemos supor que as imagens de movimento tocadas no processo do pensar servem como meta intermediária de um outro pensamento. Se M estava entre P e R+, posteriormente P sempre despertará M:

... se resultou que o caminho de P para a identidade com a ocupação de desejo fosse conduzido por uma imagem de movimento M, está biologicamente assegurado que, após a realização da identidade, esta M seja completamente enervada. Através da simultaneidade da p[ercepção] e desta M origina-se uma intensa facilitação entre ambas, e, em uma próxima P, a M será despertada sem mais pelo curso associativo²¹¹.

Exemplifiquemos, mais uma vez, esse processo: se no caminho da imagem do busto lateral para a identidade com o busto frontal havia a imagem de movimento da cabeça, essa imagem foi completamente enervada e provocou o aparecimento da imagem do busto frontal na percepção. Criou-se então uma facilitação entre a imagem do busto

²¹¹ Id., p. 99.

lateral e a imagem do movimento da cabeça. Essa facilitação faz com que, numa próxima aparição do busto lateral, a imagem do movimento da cabeça seja logo ocupada, provocando rapidamente o movimento. Trata-se dos processos que analisamos na oitava fase do eu.

O eu pode, então, fixar sua atenção no complexo imagem perceptiva + imagem de movimento (busto lateral + movimento do pescoço):

O fragmento do curso de pensar que vai da percepção até a identidade por meio de uma M pode também se realçar e oferece um resultado semelhante se em seguida a atenção fixar a M e colocá-la em associação com a P que se tornou igualmente fixada²¹².

Fixado o complexo (M + P), ele pode servir de meta para novas percepções. Isto quer dizer: o eu procurará semelhanças não só com imagens do busto frontal, mas também com imagens do busto lateral, ampliando bastante seus processos. Mecanicamente, isso quer dizer que o complexo fixado (pré-ocupado) serve para atrair a Q perceptiva, como serve também a esse fim a ocupação da imagem desiderativa.

A ampliação dos processos do eu com essa meta intermediária é ainda mais evidente no exemplo do grito que chama o objeto desiderativo. Além de chamar o objeto desiderativo, o grito pode servir para os processos internos do eu, para caracterizar (ou melhor, nomear) o objeto percebido. Exemplifiquemos. Vimos que, se o movimento do grito transformar-se na emissão de um determinado som (mãe), ele reserva mais Q para os processos do eu (tem menor gasto motor), ao mesmo tempo em que se torna mais eficiente para atrair o objeto desiderativo. A emissão desse som (mãe) pode ainda ganhar mais uma função além de chamar o objeto desiderativo. Ganha a função de nomear a percepção. Se P é a voz da mãe (no exemplo em que RE + é a visão da mãe), podemos supor sua associação com a imagem lingüística mãe (complexo P + M). Fixado o complexo voz da mãe (P) + o nome mãe (M), ele pode servir de meta para outras percepções. Por exemplo, a percepção do barulho de uma porta, ou de uma luz que entra no quarto pode agora associar-se com a voz da mãe (que agora tem um nome), sem ter de conduzir-se até a imagem desiderativa (a imagem visual da mãe) em todas as ocasiões. Assim, associada a uma imagem motora (emissão do som mãe) a impressão da voz da mãe passa a integrar o eu da criança (torna-se

²¹² Id., p. 100.

um predicado do eu), servindo de meta para outras percepções ainda não integradas no eu. A emissão do som mãe serve não só para atrair a mãe real (comunicação), mas também para expandir o reconhecimento das percepções, por parte do eu. Evidentemente a imagem lingüística serve muito mais que as outras imagens de movimento para caracterizar o objeto percebido. A utilização do exemplo do movimento da cabeça para explicitar a fixação do complexo P + M teve função meramente retórica. Dificilmente o movimento da cabeça serviria tão bem para caracterizar o busto lateral, como a palavra mãe serve para caracterizar impressões da mãe. A fixação do complexo P + M, provavelmente, refere-se ao movimento de emissão verbal, de inervação das imagens lingüísticas, quando estas ganham a função de nomear.

No entanto, nos dois casos acima descritos – da fixação da imagem do movimento da cabeça e da fixação da imagem de movimento do gritar –, apesar da expansão dos processos do eu, a proximidade entre a imagem de movimento (M) e a ocupação desiderativa (RE +) mantém os processos de pensamento dependentes da imagem desiderativa. Fixar o complexo M + P é útil porque o mesmo está próximo da imagem desiderativa (RE+) e pode ser convertido na mesma. Assim, outras impressões são associadas à impressão do busto lateral ou da voz da mãe porque se associam, mesmo que indiretamente, com a impressão do busto frontal ou da visão da mãe. Nesse caso, foram expandidos os processos de pensamento mas os mesmos se mantêm dependentes da imagem desiderativa. O eu ainda precisa de outras imagens de movimento para constituir processos de pensamento independentes da imagem desiderativa. Vejamos que imagens são essas.

13 ° fase:

A fixação das imagens de movimentos produz, além da ampliação dos processos do eu, um outro efeito: o eu descobre uma coincidência entre um movimento de um objeto externo (percebido através de imagens visuais, auditivas ou táteis) e uma imagem de movimento próprio, isto é, uma notícia do próprio corpo:

*O começo dos processos desdobrados de pensar é a formação de juízo a que o eu chega através de uma descoberta em sua organização, através da ... coincidência parcial das ocupações de percepção com notícias do próprio corpo*²¹³.

Nos exemplos dados anteriormente, do movimento da cabeça e da emissão da palavra mãe, isso corresponderia à descoberta de que outros objetos também movem a cabeça e emitem o som mãe. Com essa nova descoberta, a notícia do próprio corpo, a imagem de movimento, passa a ser uma meta alternativa para a ocupação perceptiva, meta, agora sim, independente da imagem desiderativa. A associação da percepção de um movimento com uma imagem de movimento próprio é o processo de compreensão do outro:

*Suponhamos que o objeto que [a] p[ercepção] forneça seja semelhante ao sujeito, isto é, um próximo. ... p[ercepções] visuais, por exemplo, os movimentos de sua mão, coincidirão no sujeito com a r[ecordação] de impressões visuais próprias, bastante semelhantes do próprio corpo que estão associadas com re[cordações] de movimentos vividos por ele mesmo. Outras percepções do objeto ainda, por exemplo, quando ele grita, despertarão a recordação do próprio grito e com isso de vivências próprias de dor*²¹⁴. E, assim, o complexo do próximo [parte dele] é compreendido através do trabalho recordativo, ou seja, enquanto pode ser rastreado até uma notícia do próprio corpo²¹⁵.

Assim, o movimento não serve apenas para caracterizar uma percepção (12^a fase), mas é um fim buscado em si mesmo. Compreender uma percepção (do outro) não é encontrar uma identidade entre ela e a imagem desiderativa, mas identificar-se com ela, encontrar um movimento próprio que se identifique com o movimento dela. Primeiramente, no processo de compreensão (ou julgamento primário), quando a meta é alcançada (é ocupada a imagem de movimento) o movimento é executado e a Q eliminada. Facilita-se um caminho, mas a Q é totalmente consumida no gasto motor.

²¹³ Id. p. 98.

²¹⁴ Poderíamos supor que a pré-ocupação do grito de dor como meta alternativa à defesa só se constitui a partir da compreensão da dor alheia. Nesse caso, as fases 9 e 10 viriam depois da presente fase. Parece-nos que as duas ordens são possíveis e optar por uma ou outra não altera o essencial do mecanismo.

²¹⁵ Id., p. 45.

O julgar ... é, assim, originalmente um processo associativo entre ocupações vindas do exterior e ocupações provindas do próprio corpo, uma identificação entre notícias ou ocupações de ϕ e de dentro. Talvez não seja incorreto conjecturar que [o julgar] apresente simultaneamente um caminho de como Qs vindas de ϕ podem ser transladadas e eliminadas²¹⁶.

Podemos supor que aos poucos a imagem de movimento passa a provocar um menor gasto motor. A eliminação, então, deixa de interromper os processos do eu, e a Q provocada pela mesma (as percepções provocadas pelo movimento) é utilizada para novas associações (novamente a Q eliminada pela imagem de movimento torna-se insignificante diante daquela produzida pela mesma imagem).

A busca pela imagem de movimento no pensar (como um objetivo em si mesmo e não um objetivo intermediário) torna o processo de pensamento independente da imagem desiderativa. Ainda que, inicialmente, essa busca se justifique por suas vantagens práticas (alcançar de forma mais eficiente o objeto desiderativo), estão dadas as condições para um pensamento teórico, independente dos fins práticos. A compreensão do outro é condição para o surgimento de duas importantes faculdades do eu. Uma com imediatos frutos práticos – a imitação – e outra com frutos teóricos – a formação de juízos sobre os objetos externos. Analisemos separadamente cada uma delas.

14^a fase:

Podemos supor que, à medida que a compreensão do outro (a identidade entre o movimento do outro e o próprio) torna-se mais ativa, isto é, o eu, a partir de alguns movimentos primários, tenta identificar movimentos externos mais complexos, a compreensão torna-se imitação:

²¹⁶ Id., p. 47.

O julgar primário parece pressupor uma influência menor pelo eu ocupado Trata-se nesse caso de perseguir uma associação através de coincidência parcial, que não leva a nenhuma modificação. ... P corresponde a algo como um núcleo de objeto + uma imagem de movimento. Enquanto se percebe imita-se a própria imagem de movimento, ou seja, inerva-se a própria imagem de movimento, despertada pela discordância, tão fortemente que o movimento é executado. Daí poder falar-se de um valor de imitação de uma percepção ²¹⁷.

A imitação tem um importante valor prático, porque ensina movimentos que poderão ser utilizados na ação específica. Por exemplo, o movimento da cabeça necessário para alcançar o seio, o movimento das mãos para segurar a mamadeira, ou, ainda, a emissão do som mãe (movimentos que provocam signos de realidade do objeto desiderativo), se não foram executados acidentalmente, podem, agora, ser descobertos através da imitação.

A compreensão ainda pode ter outro fruto prático, a compaixão:

... a percepção desperta a imagem recordativa de uma sensação de dor própria, e então sente-se o desprazer correspondente e repete-se os movimentos de defesa que lhe pertencem. Este é o valor de compaixão de uma percepção ²¹⁸.

Podemos supor que o valor prático da compaixão é que a defesa executada com a ajuda de outra pessoa é bem mais eficiente, contra o objeto hostil, que uma defesa solitária.

15ª fase:

Vejamos agora o fruto teórico possibilitado pela compreensão. Tendo associado as ocupações perceptivas às imagens de movimento do próprio corpo, o eu é capaz de decompor o objeto perceptivo, assim como decompôs o complexo desiderativo, ou melhor, como separou sua coisa de seu predicado (quinta fase).

O começo dos processos desdobrados de pensar é a formação de juízo a que o eu chega através de uma descoberta em sua organização, através da já citada coincidência parcial das ocupações de percepção com notícias do próprio corpo. Por meio disso, os complexos perceptuais separam-se em uma parte constante, incompreensível, a coisa, e uma variável, compreensível, a propriedade ou movimento da coisa ²¹⁹.

²¹⁷ Id., p. 46.

²¹⁸ Id., p. 46.

²¹⁹ Id., p. 98.

Freud exemplifica o que seria a coisa, quando o objeto percebido é o próximo (trata-se do mesmo exemplo, citado acima, em que há compreensão dos movimentos da mão):

Então os complexos de percepção que decorrem deste próximo serão em parte novos e incomparáveis, suas feições no domínio visual. ... o complexo do próximo divide-se em dois elementos, um dos quais impressiona por uma estrutura constante e permanece reunido como coisa, enquanto que o outro é compreendido através do trabalho recordativo Esta decomposição de um complexo perceptivo chama-se reconhecê-lo, acarreta um juízo²²⁰.

Compreendido o movimento do objeto percebido, aquelas ocupações perceptivas que não conduziram a uma imagem de movimento e, portanto, não foram compreendidas, serão consideradas como coisa. A coisa corresponde, portanto, àquelas ocupações perceptivas que se dispersam pelo aparelho psíquico até um neurônio cuja resistência seja maior que elas, àquelas associações com imagens visuais, auditivas, táteis ... (no exemplo dado, uma imagem visual: as feições do próximo no domínio visual) e não cinestésicas. A coisa serão aquelas Qs externas (talvez intensificadas pela atenção) não eliminadas pela imagem motora e que, portanto, subtraem a apreciação:

O que nós chamamos de coisas são restos que se subtraem à apreciação²²¹.

Os componentes da percepção, não reconhecidos através de uma imagem de movimento próprio, serão considerados partes da coisa em si, da coisa do objeto (devemos notar que não se trata de algo além da percepção, algo que possibilita a percepção, mas de um componente da percepção que não é reconhecido através da associação com uma imagem de movimento). O predicado do objeto, ao contrário, é tudo aquilo que pode ser reconhecido e eliminado através de uma imagem de movimento próprio. É porque o predicado do objeto é reconhecido como parte do eu que:

... atividades predicados separam-se do complexo sujeito por meio de uma via frouxa²²².

Diríamos, ainda, que não se trata apenas de uma via frouxa, mas de uma identidade entre predicado do objeto e coisa do sujeito. A distinção entre coisa e predicado coincide com a distinção sujeito (eu) e objeto. O predicado do objeto coincide com a coisa

²²⁰ Id., p. 44/5.

²²¹ Id., p. 47.

do eu: tudo aquilo que é compreendido dos objetos externos. As imagens de movimento próprias ao eu correspondem ao núcleo do eu, a coisa do eu. A coisa do eu consiste nas representações ocupadas pela Q endógena – quais sejam, as necessidades (exemplificadas principalmente pela ocupação correspondente à fome) e o afeto de desprazer (a ocupação do neurônio-chave) – bem como nas representações de movimento.

Todas as outras imagens perceptivas do objeto: visuais (exemplificadas pela visão frontal do seio ou pelas feições do objeto), auditivas, táteis, que não são compreendidas pelo eu, serão consideradas predicado do eu e coisa do objeto. São elas as imagens desiderativas e todas as imagens provindas da percepção, associadas ou não à imagem desiderativa, associadas ou não a uma imagem de movimento (será coisa do objeto, inclusive aquelas percepções que se perdem em ψ devido a sua pequenez). As imagens correspondentes à coisa do objeto e ao predicado do eu localizam-se em ψ do manto.

O que ganha o eu julgando aquilo que ele não compreende como coisa do objeto? O complexo de coisa, ao ser associado ao complexo de predicados (de propriedades), pode ser utilizado pelo eu, em vez de caracterizar-se por neurônios nos quais terminam a migração de Q e que nada acrescentam ao eu. Ligado ao complexo de propriedades, o complexo coisa pode servir ao processo de pensar e à busca de identidade com o objeto desiderativo.

Na medida em que o complexo de coisa retorna ligado com muitos complexos de propriedades, e estes retornam em ligação com diversos complexos de coisa, resulta numa possibilidade de elaborar os caminhos de pensar que levam desses dois tipos de complexo para o estado de coisa desejado de uma maneira, por assim dizer, geralmente válida e que nunca leva em conta a percepção real. O trabalho de pensar com juízos, no lugar de pensar com complexos perceptuais singulares não ordenados, é, portanto, uma grande poupança²²³.

O juízo, ao associar percepções (complexo coisa) a imagens de movimento (complexo de propriedades) permite que as imagens perceptivas sejam metas de futuras percepções. Trata-se de um processo semelhante ao que vimos na 12ª fase, quando o movimento da cabeça serviu para caracterizar o busto lateral, a emissão da palavra mãe

²²² Id., p. 45.

²²³ Id., p. 98.

para caracterizar a voz da mãe e tais complexos passaram a servir de metas intermediárias. No entanto, a percepção, aqui associada à imagem de movimento, não tem qualquer relação com a imagem desiderativa (pode vir a ter futuramente, e é bom que tenha; no entanto, ela é meta independente dessa associação). Podemos exemplificar. Suponhamos que uma pessoa faça um movimento com as mãos (por exemplo, bater palmas) e a criança a imite. Esse movimento (predicado do objeto) passa a caracterizar, para a criança, a pessoa que lhe ensina (coisa do objeto), e essa pessoa passa a ser meta de outras percepções, mesmo que nunca venha a associar-se com uma imagem desiderativa.

Devemos observar que a própria concepção da coisa, como aquilo que é constante na percepção em oposição à propriedade, que é inconstante²²⁴, só surge quando o complexo coisa associar-se ao complexo predicado. Associado, ele pode ser comparado com outros complexos perceptivos e sua constância pode então ser verificada; caso contrário, sua Q sempre se perderia e o eu não teria meios de julgar sua constância na percepção (no nosso exemplo, a criança só perceberá uma constância na imagem da pessoa que lhe ensina a bater palma, depois que tiver associado essa imagem ao movimento, inconstante, das palmas).

16ª fase:

Assim como, na 12ª fase, a imagem lingüística mostrou-se muito mais eficiente que o movimento (da cabeça) para caracterizar a percepção, também, o será para caracterizar os objetos submetidos ao juízo. Na 16ª fase de desenvolvimento do eu, as imagens perceptivas (as coisas dos objetos) ampliarão suas associações com imagens de movimento próprio (com predicados dos objetos). Devemos imaginar que, inicialmente, poucas imagens perceptivas vêm acompanhadas de um movimento que pode ser compreendido pelo eu ou imitado. As que vêm acompanhadas de movimento são julgadas e, posteriormente, utilizadas. Mas devemos supor que grande parte das percepções, mesmo que intensificadas pela atenção, não vêm acompanhadas de uma imagem de movimento e se perdem em ψ , terminando em uma imagem visual, acústica, tátil ..., de nada servindo ao

²²⁴ ... os complexos perceptuais separam-se em uma parte constante, incompreensível, a coisa, e uma variável, compreensível, a propriedade ou movimento da coisa. p. 98.

eu. No entanto, se essas imagens forem associadas às imagens de movimento lingüísticas, deixarão de perder-se em ψ e poderão ser utilizadas pelo eu. Vejamos como isso ocorre.

O eu, através do pensamento observador, tem o propósito de esgotar o conhecimento dos objetos perceptuais:

Ora, evidentemente, está no propósito do pensar observador travar conhecimento, no máximo de extensão possível, com os caminhos percorridos a partir de P; pois com isso se esgotará o conhecimento do objeto p[erceptual] ²²⁵.

Esse propósito justifica-se porque o objeto perceptual poderá futuramente transformar-se no objeto desejado. Subjetivamente, esse propósito manifesta-se assim:

... o pensar simplesmente observador ... corresponde aproximadamente ao estado do investigador que faz uma percepção e interroga-se: Que significa isto? Ao que isto conduz? ²²⁶.

As percepções que se associam com uma imagem de movimento próprio, como já vimos, são compreendidas e despertam a atenção do eu, mas isso não ocorre com todas as percepções:

Ora, pode ocorrer que durante o curso de $\Omega\eta$ também seja ocupado um neurônio motor que, então eliminaria $\Omega\eta$ e forneceria um signo de qualidade. Contudo se trata, nesse caso, de obter, de todas as ocupações, estas eliminações. Elas não são todas motoras, por conseguinte, para esse objetivo, elas têm de ser colocadas em uma facilitação segura com os neurônios motores ²²⁷.

Essa facilitação com um neurônio motor poderá expandir-se caso a imagem perceptiva esteja associada a uma imagem acústica, isto é, a um nome. A imagem acústica lingüística, por sua vez, associa-se à imagem de movimento de emissão do som:

²²⁵ Id., p. 78/9.

²²⁶ Id., p. 78.

²²⁷ Id., p. 79.

A associação lingüística realiza este objetivo [de colocar em uma facilitação as ocupações com neurônios motores]. Ela consiste na ligação de neurônios ψ com neurônios que servem às representações acústicas, e elas mesmas têm a associação mais íntima com imagens motoras lingüísticas. ... A partir da imagem acústica, a excitação chega, sem dúvida, à imagem de palavra e desta à eliminação. Portanto se as imagens de recordação forem tais que uma corrente parcial possa ir de uma delas para as imagens acústicas e para as imagens motoras da palavra, a ocupação das imagens de recordação é acompanhada de notícias de eliminação, os signos de qualidade que, com isso, são também signos de cons[ciência] da re[cordação] ²²⁸.

Portanto, se a percepção estiver associada a uma palavra, a um som que a nomeia, esse som, essa imagem acústica, estará associado a uma imagem de movimento de emissão do som. A percepção, então, poderá ser julgada, considerada complexo coisa, e, posteriormente, utilizada pelo eu transformando-se no objeto de desejo.

Mas, como se constitui a facilitação entre uma percepção, uma imagem acústica e uma imagem de movimento de emissão de um som? Já vimos os casos nos quais a emissão de um som associa-se à percepção do objeto de desejo (o nomeia) e do objeto hostil (o caracteriza como hostil). Em ambos os casos, a imagem acústica não teve muita importância. Ela ganhará, no entanto, importância, quando estiver instalada a tendência à imitação:

Há outros objetos que produzem constantemente certas fonias; portanto, um som desempenha um papel em seu complexo perceptivo. Em virtude da tendência de imitação, presente no julgar, pode encontrar-se para esta imagem sonora a notícia de movimento. Também esta classe de recordações pode tornar-se agora consciente ²²⁹.

Como os objetos externos falam, emitem sons, o eu os compreende imitando suas emissões de som. Mas não só o objeto será compreendido através da imitação da emissão de som; estes sons, estas imagens acústicas, devem servir para que sejam compreendidas também outras percepções:

Todavia resta ainda associar sons deliberados com as percepções ²³⁰.

²²⁸ Id., p. 79/80.

²²⁹ Id., p.81.

²³⁰ Id., p. 81.

Assim, se as imagens acústicas vierem acompanhadas de outras percepções, por exemplo uma imagem visual, esta última também poderá ser compreendida. Dito de outra forma: se o objeto que emite o som, o associa a outras percepções, por exemplo nomeando uma determinada forma ou cor, a imitação desse som servirá para reconhecer a percepção nomeada.

Assim, podemos pensar, o eu amplia de forma considerável as percepções passíveis de julgamento. Ele poderá considerar complexo coisa não só as percepções acompanhadas de movimento, mas todas aquelas acompanhadas de um nome. Um número muito maior de objetos podem ser conhecidos pelo pensar observador.

Por sua vez, também com os signos lingüísticos correspondentes a imagens de movimento do próprio corpo, o eu amplia bastante a extensão de seu núcleo.

A ampliação da ocupação do eu, pelos signos lingüísticos, garante que a percepção será conhecida independentemente de sua proximidade da imagem desiderativa, garante um conhecimento mais verdadeiro dos objetos, que aquele determinado pela meta desiderativa.

O eu tem quase sempre ocupações de meta ou de desejo, cuja existência durante o investigar influi, como veremos, sobre o curso associativo, e resulta, portanto, em um falso conhecimento de P. Ora, não há nenhuma proteção melhor contra este falseamento do pensar do que se dirigir ao eu uma Q₁ de outro modo deslocável, para uma região que não pode expressar um tal desvio de curso. Há apenas um recurso assim, ou seja, quando a atenção dirige-se para os signos de qualidade que não são representações de meta²³¹, cuja ocupação, ao contrário, realça mais fortemente o curso associativo por meio de contribuições para a quantidade de ocupação.

O pensar com ocupação dos signos de realidade do pensar ou signos lingüísticos é, portanto, a forma mais elevada, mais segura, do processo de pensar recognitivo²³².

Além de possibilitar um conhecimento mais verdadeiro dos objetos externos, as imagens lingüísticas, devido a sua pequena eliminação motora, não interrompem os processos de pensamento do eu, ao contrário, contribuem (já que despertam novas percepções) para a quantidade de ocupações. Assim constitui-se uma pequena corrente de Q (constantemente alimentada pelas percepções produzidas pelos signos lingüísticos), que se desloca sobre ocupações fortes do eu (não há eliminações que consumam a Q do eu):

²³¹ Trata-se, na verdade, de uma meta alternativa.

*Tem-se aparentemente duas exigências opostas: ocupação forte e deslocamento fraco. Se se quiser unificar as duas, chega-se à suposição de um estado, por assim dizer, ligado no neurônio que, apesar da ocupação elevada, permitiria apenas uma corrente pequena. ... Através deste estado ligado que une ocupação elevada com corrente pequena, caracterizar-se-ia, portanto, mecanicamente o processo de pensar*²³³.

Os signos lingüísticos despertam a consciência assim como a despertam as percepções:

*... os signos de descarga lingüística ... equiparam os processos do pensar aos processos perceptivos, proporcionam a eles uma realidade e possibilitam sua memória*²³⁴.

Por esse motivo (despertar a consciência), já vimos, os signos lingüísticos podem ser pré-ocupados pelo eu e servir de meta para as percepções. Essa propriedade, no entanto, atrelada ao processo de pensamento, produz o pensamento consciente:

*Retornemos agora à descrição do processo de pensar observador ou recognitivo Neste caso, portanto, o eu é chamado à atenção pelos primeiros signos de realidade para o domínio da percepção que cabe ocupar. O curso de associação de Q compartilhada realiza-se sobre neurônios previamente ocupados, e a Q deslocada torna-se, a cada vez, fluente de novo. Durante esse curso, originam-se os signos de qualidade (lingüísticos), em consequência dos quais o curso de associação torna-se consciente e reproduzível*²³⁵.

Na medida em que os signos de qualidade lingüísticos provocam uma eliminação, podem ser conscientes; na medida em que provocam uma nova Q fluente, não interrompem a associação, não interrompem a circulação de Q, ao contrário, a intensificam. O pensar, que se caracteriza pela circulação de Q e não pela eliminação, pode então ser consciente. Devemos lembrar que o pensamento e a consciência eram características opostas. O primeiro fruto da circulação e a segunda da eliminação. A circulação, que se constitui à custa da inibição (não-ocupação) de uma eliminação (a eliminação reflexa), associada aos signos lingüísticos ganha uma eliminação e torna-se consciente. Consciente o pensar pode ser reproduzido e, portanto, objeto de memória.

²³² Id., p. 88.

²³³ Id., p. 82/3.

²³⁴ Id., p. 80.

²³⁵ Id., p. 87.

17ª fase:

Existem, ainda, imagens recordativas, em ψ do manto, que não são ocupadas pelo eu. São as imagens recordativas do objeto hostil que, enquanto herdeiras da vivência de dor, são repudiadas:

*... da vivência de dor resulta uma repulsa, uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa hostil*²³⁶.

Trata-se do mecanismo da repressão, já visto no primeiro capítulo, que auxilia a fuga física, mas que se torna independente da mesma. Caracterizamos esse mecanismo como uma fuga psíquica, no entanto, melhor seria caracterizá-lo como uma aversão à ocupação psíquica. Não há no aparelho psíquico, originalmente, nenhuma inclinação a ocupar a imagem do objeto hostil, ao contrário, existe um repúdio a ocupá-la.

Vimos que o expediente do aparelho psíquico ante a percepção do objeto hostil é sempre de fuga: ele foge diante da dor, foge antecipando-se, através do afeto, à dor, ou foge, ainda, de forma mais eficiente, antecipando-se, através da atenção, à liberação afetiva. No entanto, por mais que o aparelho se antecipe a essa percepção, muitas vezes conseguindo evitá-la, ela independe de seus processos; depende, sim, da presença do objeto na realidade externa. Já a ocupação recordativa do objeto hostil depende exclusivamente dos processos internos do aparelho psíquico. O repúdio e a aversão à imagem do objeto hostil (a repressão), nesse caso, não se manifesta como fuga (como desocupação), mas como não-ocupação²³⁷.

A repressão, a não-ocupação no entanto, deve ser atenuada, em prol dos processos de pensamento do eu. O eu deve ter disponível, ocupadas, a maior quantidade de representações possível.

Diferente das outras recordações do manto de ψ , a ocupação da recordação do objeto hostil, se ainda não teve seus processos inibidos a partir da percepção, libera afeto de desprazer. Assim como a percepção do objeto hostil libera afeto de desprazer devido à facilitação com os neurônios-chave, também o faz a recordação do mesmo. Portanto, também no caso da recordação, a facilitação entre a imagem e o neurônio-chave tem de ser

²³⁶ Id., p. 35.

²³⁷ Supor essa inclinação primária parece-nos essencial para compreendermos a repressão patológica, que será analisada no próximo capítulo.

inibida pelas ocupações laterais do eu. Caso contrário, aquilo que o eu ganha ao ocupar essas representações perde diante da liberação afetiva que interrompe o processo de pensamento:

Sigamos o caso do pensar prático com ocupações de meta que conduz à liberação de desprazer. A experiência mais comum mostra que esta ocorrência resulta em um impedimento para o andamento do pensar. Antes de mais nada, como isto pôde ocorrer? Se uma recordação, através de sua ocupação, desenvolver desprazer, ela terá sua razão mais geral no fato da percepção correspondente ter desenvolvido desprazer na sua época, portanto, ter pertencido a uma vivência de dor²³⁸.

Por que os processos de pensamento são interrompidos? Porque o afeto de desprazer também induz à repressão, à desocupação da imagem do objeto hostil. Se o eu não inibir a liberação afetiva, trocará uma não-ocupação por uma desocupação, trocará o não pensar pela interrupção do pensamento, nada ganhando com isso. A tarefa do eu será, então, inibir a liberação afetiva, através das ocupações laterais. Tarefa semelhante à executada com as imagens do objeto hostil que foram reocupadas a partir da percepção (11ª fase). No caso da ocupação perceptiva, o eu utilizou-se da atenção para antecipar-se à liberação afetiva e através das ocupações laterais inibi-la. No caso da ocupação recordativa não há signos de qualidade que possam ser utilizados pelo eu, para ele antecipar-se a liberação afetiva e inibi-la. No entanto, nesse caso, os signos de qualidade (que possibilitam a atenção) não são necessários, pois é o próprio eu que ocupa a imagem recordativa do objeto hostil. Isso significa que, se o eu for capaz de ocupar a recordação do objeto hostil com cuidado, com controle, ele poderá, através de suas próprias ocupações, inibir a liberação afetiva.

²³⁸ Id., p. 94/5.

*Contudo também acontecem ... ocasiões em que as recordações liberam desprazer. Com certeza o caso é totalmente normal em recordações recentes. ... numa época em que, todavia, já há um eu, acontece uma liberação de desprazer, mas, ao mesmo tempo, o eu também está em atividade para criar ocupações laterais. Se a ocupação de recordação repetir-se, também se repete o desprazer; contudo também as facilitações do eu já existentes. A experiência mostra que numa segunda vez a liberação precipitada é menor, até que, numa repetição posterior, a intensidade reduz-se a um sinal aceitável para o eu*²³⁹.

O processo de inibição da liberação afetiva de uma recordação foi chamado por Freud e Breuer na *Comunicação Preliminar* de desgaste. Vale a pena citar esse texto, para compreendermos como a inibição afetiva manifesta-se subjetivamente. Para os autores, as recordações das vivências – com exceção das vivências patológicas – normalmente sofrem o processo de desgaste afetivo:

*... a recordação [da vivência patológica] não deve sucumbir ao desgaste, no qual, afinal, vamos cair todas nossas recordações*²⁴⁰.

Esse processo ocorre através das associações do eu²⁴¹:

²³⁹ Id., p. 71.

²⁴⁰ Ob. cit., p. 32. ... daß die Erinnerung an sie nicht der Usur unterliegen sollen, der wir doch alle unsere Erinnerungen verfallen sehen. .

²⁴¹ Na verdade, os autores colocam a associação como o terceiro fator do desgaste. Os dois primeiros seriam: reação adequada à vivência e abreação através da linguagem. Consideramos como o verdadeiro mecanismo de desgaste apenas o terceiro fator, porque ele pode substituir os outros na ausência deles. Mesmo assim, vale a pena apontarmos algumas semelhanças entre a teoria da *Comunicação preliminar* e o *Projeto*. O primeiro fator que provoca o desgaste, segundo os autores da *Comunicação preliminar*, é uma reação à vivência: *se se reagiu energeticamente ou não ao acontecimento que o afeta. (ob auf das affizierende Ereignis energisch reagiert wurde oder nicht. Id., p.32)*. A reação mais benigna é a reação adequada:

A reação do prejudicado ao trauma só tem um efeito propriamente catártico, quando ela for uma reação adequada; como a vingança. (Die Reaktion des Geschädigten auf das Trauma hat eigentlich nur dann eine völlig kathartische Wirkung, wenn sie eine adäquate Reaktion ist; wie die Rache. Id., p 32). Na teoria do *Projeto*, poderíamos classificar como reação adequada a fuga e, principalmente, a repressão normal (a evitação de ocupar sua recordação). Como veremos a seguir, a vivência patológica se caracteriza justamente por ser uma representação liberadora de afeto que o eu ocupa ao invés de evitá-la, como faz normalmente com suas representações liberadoras de afeto. Nesse caso, portanto, também falta à representação patológica, no *Projeto*, a reação adequada, isto é, sua evitação.

O segundo fator, exposto na *Comunicação preliminar*, capaz de provocar o desgaste é a abreação, quando a fala substitui a ação: *Mas na linguagem o homem encontra um substituto para a ação, com sua ajuda o afeto pode ser abreagido quase do mesmo modo. (Aber in der Sprache findet der Mensch ein Surrogat für die Tat, mit dessen Hilfe der Affekt nahezu ebenso abreagiert werden kann. Id., p. 32)*. O papel da linguagem perante uma vivência de dor também é ressaltado no *Projeto*, através da análise do grito que, como analisamos, serve para ressaltar a hostilidade do objeto e guiar a atenção à percepção, provocando liberação afetiva e fuga mais adequadas. O fato de o grito ressaltar o objeto como hostil pode nos indicar que na ausência da reação adequada, durante a vivência, o grito e, portanto, também a linguagem possibilitam, posteriormente, que a representação da vivência traumática seja reconhecida como vivência de dor. Aqui, então, encontramos o papel terapêutico da linguagem, capaz de reconhecer posteriormente uma vivência como traumática e

A recordação ... entra no grande complexo de associações, posiciona-se perto de outras, talvez de vivências contrárias a ela, e sofre uma correção pelas outras representações. Depois de um acidente, por exemplo, associa-se à recordação do perigo e à repetição (atenuada) do susto a recordação do curso posterior, o salvamento, a consciência da segurança atual. A recordação de uma humilhação é corrigida pela retificação do fato, pela consideração da própria dignidade, e assim por diante, e consegue-se então, nas pessoas normais, através dos trabalhos de associação, levar ao desaparecimento do afeto que a acompanha²⁴².

As associações, que possibilitam o desgaste da recordação afetiva, são representadas no *Projeto* pelas ocupações laterais. Os afetos (liberação de Q pelos neurônios-chave) de medo do perigo, susto, humilhação são inibidos quando associados com outras representações (o salvamento, a representação da própria dignidade). As ocupações laterais, ao mesmo tempo em que inibem a liberação afetiva, estão bem facilitadas (associadas) com todas as outras ocupações (representações) do eu.

Quando o processo de desgaste chega ao fim e a recordação é ocupada sem provocar liberação afetiva de desprazer, o eu pode ocupá-la, como ocupa a representação de todos os objetos submetidos ao juízo, e, eventualmente, encontrar associações entre essa representação e as representações desiderativas (objetivo último do pensar). Esse processo, no entanto, não se dá de uma só vez. Quanto maior a facilitação da recordação com o neurônio secretor, mais demorado é o trabalho do eu:

conseqüentemente desgastá-la (dominar, progressivamente, sua liberação afetiva). Neste sentido, no *Projeto*, o grito pode substituir a reação (a repressão normal) que não ocorreu na ocasião da vivência, assim como na *Comunicação Preliminar* a linguagem substitui a ação (a reação adequada).

²⁴² Id., p. 32/33. *Die Erinnerung daran tritt, auch wenn sie nicht abreagiert wurde, in den großen Komplex der Assoziation ein, sie rangiert dann neben anderen, vielleicht ihr widersprechenden Erlebnissen, erleidet eine Korrektur durch andere Vorstellungen. Nach einem Unfälle z.B. gesellt sich zu der Erinnerung an die Gefahr und zu der (abgeschwächten) Wiederholung des Schreckens die Erinnerung des weiteren Verlaufes, der Rettung, das Bewußtsein der jetzigen Sicherheit. Die Erinnerung an eine Kränkung wird korrigiert durch Richtigstellung der Tatsachen, durch Erwägungen der eigenen Würde u.dgl., und so gelingt es dem normalen Menschen, durch Leistungen der Assoziation den begleitenden Affekt zum Verschwinden zu bringen.*

Porém o que acontece com as recordações capazes de afeto até que elas sejam domadas? ... Sem dúvida algo deve passar-se no tempo, nas repetições que se encarregam dessa sujeição, e isto não pode ser outra coisa que uma referência ao eu ou ao poder que as ocupações do eu obtenham sobre a recordação. Se isto aqui leva mais tempo do que de costume, é preciso descobrir uma razão especial para tanto, e, na verdade, (ela estará) na origem desta recordação com capacidade de afeto. Enquanto traços de vivências de dor, elas (de acordo com nossa suposição sobre a dor) foram ocupadas a partir de Q_h supergrandes e adquiriram uma facilitação superforte para a liberação de desprazer e afeto. É preciso uma ligação repetida e especialmente grande, a partir do eu, até que seja equilibrada essa facilitação para o desprazer²⁴³.

Nesse caso, o processo deve ter etapas intermediárias. Como já foi apontado, o repúdio à ocupação (a não-ocupação) torna-se desocupação, para só depois tornar-se ocupação pelo pensamento. Na primeira etapa do trabalho do eu, quando a recordação hostil é ocupada mas imediatamente desocupada, interrompendo o pensamento, quando a recordação ainda não está domada, ela apresenta uma característica que vale a pena ser analisada: ela é alucinada.

Se o curso de pensar choca-se com tal imagem de recordação ainda indomada, originam-se seus signos de qualidade, freqüentemente de tipo sensorio, sensação de desprazer e inclinação para eliminação, cuja combinação distingue um determinado afeto, e o curso do pensar é interrompido. ...

Que a recordação mostre durante tanto tempo caracter alucinatório também exige sua explicação Aqui é sugestivo supor que essa capacidade alucinatória como a capacidade de afeto sejam indicações de que a ocupação do eu ainda não tinha nenhuma influência sobre a recordação, que nele predominavam as direções primárias do fluxo e o processo completo ou primário²⁴⁴.

Essa característica – a alucinação – da recordação indomada é surpreendente, porque, como já vimos, a percepção do objeto hostil tem fracos sinais de qualidade. A nona fase mostra todo esforço necessário para o eu enviar ocupações à percepção do objeto hostil (é necessário inibir a imagem motora da defesa, manter-se atento às expressões linguísticas do afeto e só então enviar Q para a percepção). Vemos agora que a mesma imagem que, quando percebida, desperta fracos signos de qualidade, quando recordada os desperta de

²⁴³ Id., p. 95/6.

²⁴⁴ Id., p. 95/6.

forma intensa²⁴⁵. Além disso, é surpreendente que uma mesma recordação provoque alucinação, isto é ocupação intensa, e defesa, isto é desocupação²⁴⁶. Podemos nos perguntar, o aparelho psíquico alucina ou abandona a recordação hostil, não a pensa e por isso interrompe o curso do pensamento? Parece que ocorrem as duas coisas. Primeiro há a alucinação e depois a repressão. Evidentemente, esse fenômeno requer uma explicação.

A nosso ver essa questão não é muito bem solucionada por Freud. A alucinação do objeto hostil, parece-nos, muito mais, remeter a um fenômeno clínico (explicado de forma inteiramente satisfatória por Breuer, que dispensa a repressão como condição da patologia) que a um fruto da teoria do aparelho psíquico de Freud. Em outras palavras, achamos que a alucinação do objeto hostil encaixa-se mal na teoria exposta no *Projeto*. Tanto é, que Freud não a menciona na primeira parte do *Projeto*, onde são apresentados os pressupostos teóricos do funcionamento do aparelho psíquico. Na primeira parte do *Projeto*, como já foi visto, a alucinação é consequência da facilitação provocada pela vivência de satisfação, enquanto que a repressão é consequência da facilitação provocada pela vivência de dor. Esses fenômenos (alucinação e repressão) apresentam-se como frutos de motivações opostas; o primeiro, de uma atração de desejo primária e o segundo de uma aversão da defesa primária²⁴⁷. A alucinação do objeto de satisfação é uma suposição teórica necessária para toda a construção do eu, proposta por Freud. O mesmo não parece ocorrer com a alucinação do objeto hostil²⁴⁸.

²⁴⁵ É de notar-se que, no mesmo parágrafo, Freud alude as duas características: *Tais percepções ... excitam pouco seus próprios signos de qualidade ... Se se seguir o destino de tais percepções, enquanto imagens de recordação, nota-se que ... No início, elas retinham o caráter de qualidades sensíveis* (p. 95).

²⁴⁶ Na repetição da vivência de satisfação, também há alucinação e depois defesa (não ocupação da imagem motora reflexa, do sugar e inibição da ocupação da imagem desiderativa). Mas nesse caso as defesas caracterizam o trabalho do eu (a constituição do eu), em oposição ao processo primário determinante da alucinação. No caso da recordação do objeto hostil, ambas inclinações, alucinação e defesa, caracterizam o processo primário, mas, devemos notar, ambos acontecem no interior do eu, que ocupa a recordação, porém é ainda incapaz de domar a liberação afetiva.

²⁴⁷ *Os dois estados são da maior importância para o curso [de quantidades] em ψ , pois deixam atrás de si motivos do tipo compulsivo. Do estado de desejo segue-se diretamente uma atração pelo objeto de desejo, ou melhor, pela sua imagem recordativa; da vivência de dor resulta uma repulsa, uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa hostil. Elas são a atração de desejo primária e a defesa primária.* (p. 35).

²⁴⁸ Acreditamos que a alucinação do objeto hostil só será integrada no corpo teórico psicanalítico com a formulação do conceito de pulsão de morte. Depois do Projeto, com o abandono da teoria da vivência de dor, Freud deixa de lado também qualquer tentativa de explicar a alucinação do objeto hostil, já que todos os fenômenos patológicos terão sua constituição num núcleo semelhante ao da vivência de satisfação (considerando a sexualidade participante desse núcleo). Ao introduzir o conceito de narcisismo, no entanto, Freud resgata para sua concepção de sexualidade a relação entre mundo externo/dor/fuga. Porém, ao fazer

Feitas essas observações, tentemos acompanhar a explicação da alucinação do objeto hostil.

Somos coagidos a ver no alucinar-se uma corrente em retrogradação de Q para ϕ , e, com isso, para ω , portanto não caberia para um neurônio ligado tal corrente em retrogradação. Pergunta-se ... que possibilita a corrente em retrogradação. ... Na repetição temos apenas de lidar com uma ocupação habitualmente forte de re[cordação] que, contudo, leva a cabo alucinação e desprazer; só podemos supor que devido a uma facilitação incomumente forte²⁴⁹.

Ocorre a alucinação quando a Q do neurônio não está ligada, isto é, quando a recordação ainda não está domada. No entanto, mesmo não domada, de acordo com nossas suposições, trata-se de uma ocupação do eu, nos seus processos de pensamento. Se a alucinação supõe uma intensa facilitação entre ϕ e ω (para que haja a retrogradação), pergunta-se: como se constituiu essa facilitação? Na vivência de dor não foi, pois a dor impede bons signos de qualidade, isto é, impede uma boa facilitação entre ϕ e ω . Mas, se para ocupar a imagem hostil já há um eu, há também signos lingüísticos capazes de enviar Q para ϕ e para ω , assim como é feito ante a percepção do objeto hostil. Nesse caso, a facilitação seria provocada pelo eu que enviaria Q do signo lingüístico, do grito, para ϕ e para ω , alucinando aquilo que o fez gritar. O mesmo grito que possibilita a atenção ao objeto hostil, possibilita sua alucinação. Alucinar seria, nesse sentido, a primeira forma do eu de pensar em objetos hostis com grande carga afetiva.

A alucinação do objeto hostil, diferentemente da alucinação do objeto de satisfação, não tem nenhuma conseqüência. Ela só aponta a falta de domínio do eu sobre a recordação, sem necessitar do mesmo para ser interrompida. O próprio processo de defesa a interrompe, pois desocupa a recordação. Ela não ocupa nenhum papel no funcionamento do aparelho psíquico.

isso, depara-se com os mesmos problemas com que se deparou no *Projeto*, i.e, como justificar a alucinação do objeto hostil e da vivência de dor. Acreditamos que é desse ponto que Freud parte em *Além do princípio do prazer*, quando se pergunta porque os neuróticos traumáticos sonham constantemente com o trauma, pergunta que nos termos do *Projeto* seria: se existe uma tendência a abandonar a imagem do objeto hostil, seja ela perceptiva ou representativa, porque há uma atração por ela, assim como há pelos objetos de desejo causadores de prazer? E a solução de Freud já sabemos qual será: a formulação da pulsão de morte, que se opõe a qualquer forma de vida (vida que primeiramente é pensada como a capacidade de se defender e, conseqüentemente, diferenciar-se do mundo externo).

²⁴⁹ Id., p. 96.

A recordação hostil será domada pelo eu através das ocupações laterais (facilitações do pensar) que impedem a alucinação e, sobretudo, a liberação excessiva de desprazer:

Então finalmente terá êxito que a recordação de dor seja de tal forma ocupada que ela não possa exteriorizar nenhuma corrente em retrogradação e só possa liberar um desprazer mínimo; ela é então domada; na verdade através de uma facilitação de pensar tão forte que exteriorize esse efeito permanente, e em toda repetição posterior de re[cordação] haja de novo um efeito inibidor²⁵⁰.

No entanto, não termina aqui o trabalho do eu sobre a recordação hostil. Trata-se de uma etapa intermediária, pois o eu ainda não pode pensar na recordação hostil. Nessa etapa, quando a recordação é ocupada o pensamento não é interrompido, mas é liberado desprazer (mínimo) e a recordação é desocupada. É uma etapa na qual o eu, ainda não conseguindo inibir totalmente a liberação afetiva, consegue utilizar-se da mesma nos seus processos de pensamento:

Pode-se ocorrer que através dessa migração a Q1 choque-se com uma recordação que está referida a uma vivência de dor, e, assim, dê a oportunidade para liberação de desprazer. Dado que isto é uma indicação segura de que o neurônio b⁵¹ não pode ser alcançado por este caminho, a corrente imediatamente se desvia da ocupação encontrada. Mas as vias de desprazer guardam seu alto valor de dirigir a corrente reprodutiva²⁵².

Nesse caso, a liberação afetiva é usada para que o eu se desvie da recordação hostil. Trata-se de um mecanismo de desocupação (como a interrupção do pensamento), porém sob o controle do eu. É a defesa de pensar primária, que inibe o curso do pensar, mas é útil ao pensar prático:

²⁵⁰ Id., p. 96.

²⁵¹ Neurônio que corresponde à imagem desiderativa.

²⁵² Id., p. 43.

*Dado que, inicialmente com a animação de recordação e despertar do desprazer, o curso de pensar era sempre perturbado, resulta uma tendência que também inibe agora o curso de pensar tão logo a recordação domada desenvolva seu traço de desprazer. Essa tendência é muito útil para o pensar prático, pois uma articulação intermediária que conduza ao desprazer não se pode situar no caminho procurado para a identidade com a ocupação de desejo. Portanto se origina a defesa de pensar primária, que, no pensar prático, toma a liberação de desprazer como sinal para abandonar um certo caminho, isto é, para dirigir a ocupação de atenção para outro lugar*²⁵³.

O controle total do eu sobre a recordação hostil só será realmente estabelecido quando ele for capaz de inibir totalmente a liberação afetiva, a ponto de poder pensar no objeto hostil como pensa nas suas outras representações. Nessa etapa, a ausência de afeto faz com que a defesa do pensar não seja necessária e o eu possa dar livre curso ao pensar teórico.

*É interessante ver como o pensamento prático deixa conduzir-se pela regra biológica de defesa. No [pensar] teórico (recongnitivo e constataivo) a regra não é mais observada. Compreensivelmente, visto que no caso do pensar de meta trata-se de um caminho qualquer e, assim, podem ser excluídos os acometidos de desprazer, enquanto que no caso do teórico todos os caminhos devem ser reconhecidos*²⁵⁴.

Está constituído, então, o pensar teórico, capaz de percorrer todas as ocupações, associando-as, sem ser atraído pela imagem desiderativa, nem atrapalhado por liberações afetivas. A imparcialidade do pensar teórico, no entanto, tem como objetivo servir de antecipação ao pensar prático, para com isso torná-lo mais eficiente.

18ª fase:

Resta ainda o pensar crítico, quando o pensar teórico é utilizado não como antecipação ao pensar prático mas como corretor do mesmo. O pensar crítico surge quando o pensar prático não provocou a satisfação esperada. Seu objeto é o próprio pensar prático:

²⁵³ Id., p. 97.

²⁵⁴ Id., p. 97.

Temos ainda de considerar um tipo de pensar, o crítico ou verificador. Ele é ocasionado quando, apesar de observar-se todas as regras, o processo de expectativa com a ação específica que lhe segue leva, no lugar da satisfação, ao desprazer. O pensar crítico procura, sem meta prática, em ócio, e sob o despertar de todos os signos de qualidade, repetir a totalidade do curso de Q para comprovar uma falha de pensar ou um defeito psicológico. É um pensamento recognitivo com objeto dado, ou seja, uma série de pensar²⁵⁵.

É um pensar que percorre em direção inversa o pensar prático, tornando conscientes (isto é, associando a um signo lingüístico) as representações, até então, inconscientes:

Ao lado do pensar recognitivo e do prático tem de ser diferenciado um pensar reprodutivo, recordativo, que, em parte, encontra-se no prático, mas não o esgota. Este recordar é a condição prévia de todo exame do pensar crítico; persegue um processo dado de pensar em direção inversa, para trás, até talvez uma percepção, mas de novo sem objetivo em comparação com o pensar prático, e serve-se, para tanto, em grande extensão, dos signos de qualidade. No caso, desta perseguição para trás, o processo choca-se com articulações intermediárias que até então eram inconscientes, não tinham deixado atrás de si nenhum signo de qualidade, mas que resultam posteriormente em signos de qualidade²⁵⁶.

Podemos atribuir a esse pensar também a correção do movimento na própria ação específica:

... durante a ação tem de ser feita uma nova comparação entre as notícias de movimento que chegam e os (movimentos) ocupados previamente; tem de existir uma excitação de inervações corretoras até que se alcance a identidade²⁵⁷.

Com o pensar crítico será possível executar ações específicas voluntárias e conscientes. Ações que, agora sim, transformam intencionalmente a realidade percebida na realidade desejada. Ações que, quando não cumprem seus objetivos, são verificadas pelo pensamento crítico e retificadas.

²⁵⁵ Id., p. 100/1.

²⁵⁶ Id., p. 94.

²⁵⁷ Id., p. 102.

Apresentamos, a seguir, um quadro com as diversas fases do desenvolvimento do eu que, a nosso ver, dão conta dos processos psíquicos normais descritos no *Projeto*.

Fases	Ocupações do eu
1ª	Ocupação do neurônio do núcleo (fome) + ocupação dos neurônios que provocam eliminações reflexas (imagens de movimento)
2ª	Ocupação do neurônio do núcleo + ocupação da imagem do objeto desiderativo + ocupação da eliminação reflexa (sugar) [ocupação desiderativa]
3ª	Ocupação do neurônio do núcleo + imagem desiderativa + não-ocupação da eliminação reflexa [1ª barreira do eu]
4ª	Ocupação do neurônio do núcleo + limitada ocupação da imagem desiderativa [2ª barreira]
5ª	Decomposição do eu em coisa (ocupação do neurônio do núcleo, fome) e predicado (ocupação do manto, imagem desiderativa) [juízo do eu]
6ª	Ocupação da percepção que acompanha a ocupação do núcleo do eu (que acompanha a fome) [atenção]
7ª	Associação entre ocupação perceptiva e ocupação da imagem desiderativa [pensar]
8ª	Intensificação da ocupação de imagem de movimento intercalada entre percepção e imagem desiderativa, provocando o movimento [ação específica]
9ª	Ocupação de todas as percepções [atenção independente da fome]
10ª	Ocupação da imagem motora do grito como expressão do afeto de desprazer e ocupação da percepção dos objetos hostis [atenção aos objetos hostis, possibilitada pela ocupação do signo lingüístico]
11ª	Ocupações laterais ao caminho facilitado na vivência de dor, capazes de inibir a liberação afetiva e a defesa excessiva [submissão do caminho facilitado na vivência de dor ao eu]
12ª	Intensificação das imagens de movimento intercaladas entre a percepção e a imagem desiderativa, associando-as com novas percepções [utilização das imagens de movimento como metas intermediárias]
13ª	Associação das imagens de movimento próprio com movimentos dos objetos externos

	[metas de pensamento independentes da imagem desiderativa – compreensão do objeto externo]
14 ^a	Ampliação das ocupações das imagens de movimento, através da associação dos movimentos dos objetos externos e os próprios movimentos [imitação]
15 ^a	Associação entre imagem perceptiva de movimento do objeto compreendida, o predicado, e outras imagens perceptivas do objeto, a coisa [julgamento dos objetos]
16 ^a	Associação de percepções com signos lingüísticos [pensamento teórico e consciente]
17 ^a	Ocupações laterais à recordação do objeto hostil, capazes de inibir a liberação afetiva, a ponto de a recordação poder ser ocupada [desgaste da recordação afetiva e ocupação da mesma no pensamento teórico]
18 ^a	Ocupações corretoras do pensar prático [pensamento crítico e ação específica voluntária e consciente]

Capítulo 4: A repressão patológica

Conforme vimos, até a 17ª fase de desenvolvimento do eu, as recordações dos objetos hostis não são ocupadas. Essa não-ocupação é um processo regular do aparelho psíquico determinado por sua tendência original de afastar-se daquilo que lhe provoca afeto de desprazer²⁵⁸. Antes de o eu começar a domar as recordações hostis, não há qualquer inclinação no aparelho psíquico para ocupá-las. No primeiro capítulo, denominamos essa tendência (ou melhor, essa ausência de inclinação) de repressão²⁵⁹.

Essa repressão (não-ocupação) original e regular do aparelho psíquico, apesar de não ser executada pelo eu, resulta em um auxílio para o mesmo. Assim indica a primeira elaboração teórica de Freud sobre o conflito psíquico, apresentada em 1892 no texto *Um caso de cura hipnótica*. Nesse texto, as representações reprimidas não são de vivências traumáticas ou de dor, no entanto, são representações afetivas (desprazerosas) vinculadas a representações de vivências perigosas. Analisemos essas representações.

Segundo Freud, nas pessoas saudáveis, histéricas e neurastênicas, existem representações contrastantes penosas, de expectativa e de intenção:

²⁵⁸ Repetimos a citação de *Interpretação dos sonhos*: “aqui não restará nenhuma inclinação para ocupar novamente a percepção da fonte de dor alucinatoriamente ou de qualquer outro modo ... Este afastamento do processo psíquico da recordação do outrora penoso, realizado sem esforço e regularmente oferece-nos o protótipo e o primeiro exemplo da repressão psíquica”.

²⁵⁹ Podemos, depois de exposto o desenvolvimento do eu, diferenciar três mecanismos da repressão: 1º) o mecanismo que auxilia a fuga da percepção do objeto hostil, indicando para onde a ocupação deve-se conduzir; 2º) a não-ocupação da recordação do objeto hostil (veremos que esse mecanismo auxilia o eu a executar suas intenções, pois evita fugas desnecessárias); 3º) a defesa do pensamento, quando o eu, no processo de domar a recordação do objeto hostil, a ocupa e, em seguida, a desocupa, interrompendo o pensamento ou dirigindo-o a outro lugar.

Existem representações às quais um afeto de expectativa está ligado, e que são na verdade de dois tipos, representações de que eu farei isto ou aquilo, denominadas intenções, e representações de que isto ou aquilo acontecerá comigo, expectativas propriamente ditas. ... A incerteza subjetiva, a contra-expectativa, apresenta-se como uma soma de representações, as quais nós pretendemos designar como representações contrastantes penosas. Para os casos de intenção, essas representações contrastantes soam assim: não conseguirei executar minha intenção, pois isso ou aquilo é muito difícil para mim, eu sou incapaz para isso; também eu sei que isso foi igualmente fracassado por outras pessoas determinadas em situações semelhantes. O outro caso, o de expectativa, sem mais, é claro: a contra-expectativa baseia-se na consideração de todas as outras possibilidades que podem me suceder, até basear-se em uma que eu desejo²⁶⁰.

As representações penosas de expectativa podem ser caracterizadas como representações antecipatórias de vivências perigosas, representações de que no futuro ocorrerão vivências de dor. Nesse sentido, podemos relacioná-las com os complexos, apresentados no *Projeto*, formados, através da facilitação, pela representação do objeto hostil e pelo neurônio-chave (liberador de afeto de desprazer). A facilitação da representação do objeto hostil com o neurônio-chave serve também para antecipar uma possível dor provinda do objeto hostil. Poderíamos, então, também supor que as representações contrastantes penosas de expectativa, assim como a facilitação da representação do objeto hostil com o neurônio-chave, são herdeiras de vivências de dor. Talvez a representação penosa de expectativa corresponda a uma noção de perigo herdada pela espécie e transmitida pelo afeto penoso. Nesse caso, o afeto penoso decorreria de uma ou várias vivências dos antepassados, nas quais houve prejuízos para o organismo (isto é, vivências de dor) e, por isso, teriam suas representações facilitadas com os neurônios secretores. Como já afirmamos anteriormente, parece-nos não haver na teoria de Freud uma

²⁶⁰ Ein Fall von hypnotischer Heilung. Gesammelte Werke, Bd. I, p. 8/9. *Es gibt Vorstellungen, mit denen ein Erwartungsaffekt verbunden ist, und zwar sind dieselben von zweierlei Art, Vorstellungen, daß ich dies oder jenes tun werde, sogenannte Vorsätze und Vorstellungen, daß dies oder jenes mit mir geschehen wird, eigentlich Erwartungen. (...) Die subjektive Unsicherheit, die Gegenerwartung, wird selbst durch eine Summe von Vorstellungen dargestellt, welche wir als 'peinliche Kontrastvorstellungen bezeichnen wollen. Für den Fall des Vorsatzes lauten diese Kontrastvorstellungen so: Es wird mir nicht gelingen, meinen Vorsatz auszuführen, weil dies oder jenes für mich zu schwer ist, ich dafür ungeeignet bin; auch weiß ich, daß es bestimmten anderen Personen in ähnlicher Lage gleichfalls mißlungen ist. Der andere Fall, der der Erwartung, ist ohnweiters klar; die Gegenerwartung beruht auf der Erwägung aller anderen Möglichkeiten, die mir zustoßen können, bis auf die eine, die ich wünsche.*

oposição à universalização dos afetos concebida por Darwin, já que com o recurso da filogênese Freud pode, ao mesmo tempo, conceber o afeto como produto de uma vivência e universalizá-lo²⁶¹.

Portanto, consideremos as representações contrastantes penosas de expectativa representações percebidas como perigosas, devido às vivências de dor, do indivíduo ou da espécie. O afeto de desprazer liberado por essas representações serve para antecipar o perigo de novas vivências semelhantes.

Mas e as representações contrastantes penosas de intenção? São também antecipatórias de uma vivência perigosa? Parece-nos que sim, pois elas antecipam vivências penosas provocadas pelas ações que visam a satisfazer a intenção. *Não conseguirei executar minha intenção* porque antecipo as vivências perigosas que a execução de minhas intenções provocará. A relação entre a antecipação de vivências dolorosas e a representação penosa de intenção é explicitada por Freud, na descrição da neurastenia. A representação contrastante penosa de intenção analisada é de não conseguir amamentar o próprio filho. Na neurastenia essa representação é consciente (assim como a intenção contrária) e apresenta-se como medo em face dos possíveis incidentes e perigos provocados pela amamentação:

*No caso de uma mãe que é impedida de amamentar, por sua dificuldade nervosa, uma neurastênica teria comportado-se mais ou menos assim: Ela temeria, conscientemente, a tarefa colocada a ela. Ter-se-ia ocupado com os possíveis incidentes e perigos e depois de muitas hesitações, sob receios e dúvidas, teria então executado o ato de amamentar sem dificuldades, ou se a representação contrastante tivesse levado a melhor, abster-se-ia da amamentação, pois ela não confiaria em si para isso*²⁶².

²⁶¹ Para Darwin, além de universais, as disposições (aquilo que é herdado, no caso, os afetos) devem corresponder a alterações que foram preservadas na espécie pela seleção natural. Essas alterações por sua vez são aleatórias e não produzidas por vivências (como em Lamarck). Para conciliarmos então Freud e Darwin, poderíamos supor que a facilitação entre uma representação e o neurônio secretor (a liberação afetiva) ocorreu aleatoriamente nos antepassados, mas foi preservada devido a sua utilidade nas situações perigosas, i.e., devido ao fato dos indivíduos que a possuíam terem sobrevivido em determinadas vivências sofridas pela espécie, transmitindo, assim, esta facilitação para seus descendentes. Neste caso, portanto, a vivência não teria provocado a facilitação, mas sim a preservado. Idéia que não nos parece inconciliável com a de Freud já que o importante é o papel de tal facilitação - ou mesmo do próprio neurônio secretor -, para prever outras vivências deste tipo, o papel adaptativo do afeto; se ele provém da vivência ou surge aleatoriamente e é preservado pela vivência, é o menos importante.

²⁶² Id., p. 10/1. *In unserem Falle einer Mutter, die durch nervöse Schwierigkeit am Säugeschäft verhindert wird, hätte sich eine Neurasthenica etwa so benommen: Sie hätte sich mit Bewußtsein vor der ihr gestellten Aufgabe gefürchtet, sich viel mit den möglichen Zwischenfällen und Gefahren beschäftigt und nach vielem*

Não confiar em si ou *sentir-se incapaz de executar a própria intenção* remetem ao temor de que as próprias ações provoquem perigos e incidentes, isto é, provoquem vivências penosas. O conflito psíquico pode ser expresso, nos termos do *Projeto*, como distintas facilitações de uma mesma imagem de movimento (representação da ação). Por um lado, a ação remete à satisfação de uma intenção – nos termos do *Projeto*, encontra-se entre uma percepção e uma imagem desiderativa –; por outro lado, essa mesma ação vincula-se a uma vivência de dor e a um afeto de desprazer. Quando a representação da vivência de dor é ocupada e é liberado afeto de desprazer, a tendência do aparelho psíquico é não executar a ação. Essa tendência manifesta-se como uma contravontade, que se opõe à vontade de alcançar a identidade perceptiva.

Mas, se o conflito psíquico é algo freqüente – já que as representações contrastantes penosas de intenção existem ao menos nos saudáveis, neuróticos e neurastênicos –, a tendência à repressão regular, à não-ocupação das representações das vivências de dor, torna-o inofensivo nas pessoas sãs. A não-ocupação das representações das vivências de dor, nas pessoas sãs, torna suas ações menos conflitantes e mais eficazes:

O que faz então uma vida representacional sã com as representações contrastantes opostas à intenção? Suprime-as e inibe-as, segundo a possibilidade, conforme à poderosa autoconsciência da saúde, que as exclui da associação ²⁶³.

Os saudáveis, os normais, excluem as representações contrastantes penosas de suas associações, mantendo-as não-ocupadas, isto é, reprimidas. Nesse caso, o processo de repressão auxilia o eu na busca da identidade de percepção (na transformação da percepção na imagem desiderativa). Auxilia porque evita fugas desnecessárias que ocorreriam caso a recordação da vivência de dor fosse ocupada e que impediriam a execução das ações que transformam percepções em imagens desiderativas. Assim, não pensar nos perigos é salutar

Zaudern unter Bangen und Zweifeln doch das Säugen ohne Schwierigkeit durchgeführt, oder wenn die Kontrastvorstellung die Oberhand behalten hätte, es unterlassen, weil sie sich dessen nicht getraut.

²⁶³ *Id.*, p. 9. *Was tun nun ein gesundes Vorstellungslieben mit den Kontrastvorstellungen gegen den Vorsatz? Es unterdrückt und hemmt dieselben nach Möglichkeit, wie es dem kräftigen Selbstbewußtsein der Gesundheit entspricht, schließt sie von der Assoziation aus.*

porque fortalece (ao menos não enfraquece) as ações do eu. A não-ocupação regular da representações do objeto hostil (a repressão) evita conflitos e fugas desnecessárias²⁶⁴.

O que ocorre na repressão patológica? A representação penosa de intenção, como na repressão normal, não é ocupada, permanece excluída dos processos associativos. No entanto, diferentemente do que ocorre na repressão normal, na repressão patológica a representação penosa de intenção reprimida atua determinando o impedimento da ação. A repressão patológica não evita uma fuga desnecessária, facilitando a ação do eu, como o faz a repressão normal. Ao contrário, seu resultado é a fuga, mediante o impedimento da ação do eu. Assim Freud descreve o mecanismo histérico:

Conforme a tendência da histeria para a dissociação da consciência, a representação contrastante penosa que aparentemente está inibida é levada para fora da associação com a intenção e perdura, freqüentemente inconsciente pelo próprio doente, como representação separada. Esquisitice histérica é então que esta representação contrastante inibida, quando deve conduzir a realização da intenção, objetiva-se, através das inervações corporais, com aquela mesma facilidade que no estado normal objetiva-se a representação da vontade. A representação contrastante estabelece-se, por assim dizer, como contravontade, enquanto o doente é consciente, com espanto, de uma vontade determinada porém impotente²⁶⁵.

A repressão (ou melhor a dissociação da consciência) não serve aos propósitos do eu; ao contrário, serve aos propósitos da memória da vivência de dor que se opõe aos propósitos do eu. Nesse caso, a repressão patológica assemelha-se mais à repressão que

²⁶⁴ Parece-nos que aqui surge um problema para a delimitação entre o que é saudável e o que não é. As pessoas sãs não devem pensar nas representações de perigo (de dor); no entanto, não devem perder sua capacidade de perceber um perigo real (ou de sentir uma dor real). Mas, pensemos um pouco no perigo envolvido na tarefa exemplificada, na amamentação. Suponhamos que o perigo seja de o bebê machucar o seio da mãe. Antecipar-se através do pensamento a esse perigo impede a execução da própria ação. No entanto, devemos nos perguntar: as pessoas normais devem apenas não pensar nesses perigos ou devem também minimizar sua percepção? Para conseguir amamentar basta não antecipar-se à dor ou é também necessário deixar de senti-la (percebê-la) no momento em que a criança abocanha o seio? Nesse caso, então, o limite entre a não-ocupação da recordação e a não-ocupação da percepção se desvanece. Para amamentar é necessário sentir a dor, não percebê-la, ou melhor, é necessário aluciná-la negativamente. Aqui, o limite entre a normalidade e a psicose também se desvanece.

²⁶⁵ Id., p. 10. *Wie es der Neigung der Hysterie zur Dissoziation des Bewußtseins entspricht, wird die peinliche Kontrastvorstellung, die anscheinend gehemmt ist, außer Assoziation mit dem Vorsatz gebracht und besteht, oft dem Kranken selbst unbewußt, als abgesonderte Vorstellung weiter. Exquisit hysterisch ist es nun, daß sich diese gehemmte Kontrastvorstellung, wenn es zur Ausführung des Vorsatzes kommen soll, mit derselben Leichtigkeit durch Innervation des Körpers objektiviert wie im normalen Zustande die Willensvorstellung. Die Kontrastvorstellung etabliert sich sozusagen als Gegenwille, während sich der Kranke mit Erstaunen eines entschiedenen aber machtlosen Willens bewußt ist.*

auxilia a fuga de uma percepção, mecanismo que analisamos no primeiro capítulo²⁶⁶, que à repressão que evita a fuga desnecessária de uma representação. Levemos adiante a hipótese de que a repressão patológica auxilia a fuga²⁶⁷. Evidentemente, ela não o faz indicando o caminho para o qual a ocupação perceptiva deve-se conduzir. No entanto, não é descabido pensar que ela auxilia a fuga de outra forma. Vejamos como.

A histérica evita os perigos provocados pela amamentação (foge desses perigos) não amamentando. Também o exemplo de repressão patológica analisado no *Projeto* aparentemente concorda com essa hipótese. Emma teme e evita entrar em lojas sozinha:

*Emma está atualmente sob a compulsão de não poder ir sozinha a uma loja. Como fundamentação da mesma há uma recordação ... Foi a uma loja comprar algo. Viu os dois balconistas ... rindo entre si, e fugiu tomada de certo afeto de terror*²⁶⁸.

Há, nesse caso, uma repressão que torna incompreensível o afeto de terror e sua conseqüência, a fuga, pois a risada dos balconistas não corresponde efetivamente a um perigo. No entanto, o perigo, a fuga e a repressão correspondem a uma vivência de perigo real, um atentado sexual:

*Quando criança ... foi duas vezes sozinha na loja de um merceiro para comprar gulodices. A nobre figura beliscou-a nos genitais por sobre o vestido*²⁶⁹.

Com essa recordação o afeto e a compulsão são compreendidos:

*A conclusão a que se chega - não ficar sozinha em uma loja devido ao medo de um atentado - é formada de modo totalmente correto, tendo em vista todos os fragmentos do processo associativo*²⁷⁰.

Emma foge da situação perigosa evitando a ação que a acarretaria, evitando entrar na loja, assim como a mãe histérica foge dos perigos acarretados pela amamentação, evitando amamentar. Assim como fogem da situação perigosa, ambas as neuróticas também

²⁶⁶ Vimos que a repressão auxilia a fuga de uma percepção porque indica para onde deve conduzir-se a ocupação. A Q que desocupa a representação do objeto hostil, ocupa uma representação que coincide com a ausência do objeto hostil (a representação de um objeto que assinala a cessação da dor). A ocupação do objeto que faz cessar a dor aponta para onde a Q perceptiva deve se conduzir. Repetimos a citação analisada no primeiro capítulo: *O surgimento de um outro objeto no lugar do hostil foi um sinal de que a vivência de dor terminara, e o sistema ψ procura, instruído biologicamente, reproduzir em ψ o estado que assinalou a cessação de dor.*

Apesar de a representação patológica não indicar o caminho para o qual deve-se conduzir a ocupação, ela auxilia a fuga.

²⁶⁷ Antes de recusarmos essa hipótese, iremos analisá-la.

²⁶⁸ Ob.cit., p. 65.

²⁶⁹ Id., p. 66.

reprimem recordações, excluindo-as de suas associações. As recordações reprimidas, em ambos os casos, são recordações de vivências perigosas (já vividas ou antecipadas) associadas a uma contravontade (não amamentar e não entrar nas lojas). Nesses casos, a repressão não auxilia a fuga indicando para onde a percepção deve se dirigir, mas, de forma alguma, se opõe a fuga. No mínimo, a repressão está em consonância com a fuga.

Avançando ainda mais na mesma hipótese, podemos supor que a repressão auxilia a fuga, uma vez que a contravontade inconsciente é mais potente que a contravontade consciente. A neurastênica, que tem consciência tanto de sua vontade de amamentar como da contravontade (tem conhecimento dos perigos), tem mais chances de amamentar que a histérica, pois sua contravontade perde a força ao contrapor-se a sua vontade. Quando consciente, a contravontade pode ser contestada pela vontade, enfraquecendo-se. A repressão serve então à memória da vivência de dor (e não ao eu, como a repressão normal), porque provoca a fuga até em situações que o eu, buscando a satisfação, tenderia a não fugir (nas situações de conflito). Também, no caso de Emma, o fato de a recordação estar reprimida impede que a vontade de fugir contraponha-se à vontade de permanecer na loja, determinada pela atração que Emma sentiu por um dos balconistas.

*Isso [a risada dos balconistas] despertou pensamentos ... de que um deles lhe agradara sexualmente*²⁷¹.

Podemos também supor que a memória da vivência de dor será ainda mais eficiente se, além das vivências perigosas, além da contravontade, também a vontade estiver reprimida. É o caso da sexualidade. Elisabeth, por exemplo, deseja seu cunhado. As vivências perigosas reprimidas correspondem à rejeição que ela sofreria (pela irmã, quando viva, ou pela família) se fosse concretizado seu desejo. Nesse caso, as exigências morais que se contrapõem às exigências sexuais correspondem aos perigos acarretados pelas ações que buscam satisfazer um desejo sexual²⁷². Além da vivência perigosa, é reprimida a contravontade, no caso, o repúdio ao cunhado. Além disso, também é reprimida a própria vontade, isto é, o desejo sexual pelo cunhado (ou melhor, a imagem da ação que satisfaria

²⁷⁰ Id., p. 66/7.

²⁷¹ Id., p. 65.

²⁷² No *Projeto* a relação entre a sexualidade e os neurônios-chave, liberadores do afeto de desprazer, é explícita: *Um apoio para essa suposição estranha [a existência de neurônios secretores], embora indispensável, é dado pelo comportamento da liberação sexual.* p. 35.

esse desejo e todos os pensamentos a ela associados). Na repressão patológica, vencem as exigências morais sem que se tenha conhecimento delas (se houvesse o conhecimento das mesmas talvez elas não vencessem com tanta facilidade).

Também o caso de Miss Lucy R. aparentemente concorda com essa hipótese. Acompanhemos sua análise. Determinada vivência fez com que seu patrão se tornasse seu objeto de amor:

*Um dia, contudo, o senhor sério, superocupado e, aliás, sempre com ela reservado começou uma conversa sobre as necessidades da educação das crianças. Ele tornou-se mais maleável e cordial que o habitual, disse-lhe que contava muito com ela nos cuidados de suas crianças órfãs [a mãe das crianças havia falecido] e, nessa ocasião, olhou-a de modo especial ... Nesse momento ela começou a amá-lo e a ocupar-se, prazerosamente, com a agradável esperança que tirou daquela conversa*²⁷³.

Constituiu-se aqui um desejo pelo senhor, associado, podemos supor, a ações que visavam a transformar as percepções do senhor na imagem desiderativa (na imagem do senhor com aquele olhar especial). No entanto, ocorre outra vivência na qual a representação do senhor associa-se a afetos de desprazer, e essa será a primeira recordação reprimida:

²⁷³ Ob. cit. p. 136/7. *Einmal aber begann der ernste, überbeschäftigte, sonst immer gegen sie reservierte Herr ein Gespräch mit ihr über die Erfordernisse der Kindererziehung. Er wurde weicher und herzlicher als gewöhnlich, sagte ihr, wie sehr er bei der Pflege seiner verwaisten Kinder auf sie rechne, und blickte sie dabei besonders an ... In diesen Momente begann sie ihn zu lieben und beschäftigte sich selbst gerne mit der erfreulichen Hoffnung, die sie aus jenem Gespräche geschöpft hatte.*

E então reapareceu ... a recordação de uma cena ... que era o trauma realmente eficaz Acontecera, alguns meses antes, que uma dama amiga que viera para uma visita, na despedida, beijou ambas as crianças na boca. O pai, que estava presente, conteve-se bem para não dizer nada à dama, porém, depois de sua partida, rompeu sua fúria sobre a infeliz educadora. Ele a esclareceu que a responsabilizava se alguém beijasse as crianças na boca, que era seu dever [de Lucy] não tolerar isto e que estaria esquecendo de seus deveres se o admitisse. Se isso acontecesse mais uma vez, ele confiaria a educação de suas crianças a outras mãos. Isso foi na época na qual ela ainda acreditava-se amada e aguardava por uma repetição daquela primeira conversa amistosa. Essa cena destruiu suas esperanças. Ela disse a si mesma: 'Se ele, por causa de uma coisa tão pequena e, além disso, da qual sou inteiramente inocente, pôde me repreender e me fazer ameaças, então me enganei, ele nunca teve um sentimento caloroso por mim' ²⁷⁴.

Se não houvesse a repressão desse trauma, constituir-se-ia um conflito psíquico, já que, em oposição ao desejo pelo senhor, surgiu um repúdio ao mesmo. Podemos supor que se trata daquela repressão normal, na qual o eu não ocupa as representações hostis. Repressão que fortalece o desejo. Isso poderia ser formulado assim: para alcançarmos nossos objetos amorosos é saudável reprimir os aspectos negativos desses objetos, seus defeitos e os perigos relacionados a estes.

Essa repressão, que aparentemente auxilia o eu, age, no entanto, em sentido contrário, auxiliando a fuga. Existe uma outra vivência²⁷⁵ (originalmente também reprimida) produtora de sintoma (alucinações olfativas), na qual são conscientes o afeto de desprazer e seu motivo; aparentemente, o conflito psíquico é consciente. No entanto, o conflito consciente, motivador do afeto, não corresponde ao conflito real. Nesse caso, portanto, o afeto de desprazer é falsamente compreendido, porque o conflito entre o repúdio

²⁷⁴ Id., p. 139. *Und nun taucht wieder unter dem Drucke meiner Hand die Erinnerung na eine noch ältere Szene auf, die das eigentlich wirksame Trauma war... . Es hatte sich wieder einige Monate vorher zugetragen, daß eine befreundete Dame auf Besuch kam, die beim Abschiede beide Kinder auf den Mund küßte. Der Vater, der dabeistand, überwand sich wohl, der Dame nichts zu sagen, aber nach ihrem Fortgehen brach sein Zorn über die unglückliche Erzieherin los. Er erklärte ihr, er mache sie dafür verantwortlich, wenn jemand die Kinder auf den Mund küsse, es sei ihre Pflicht, es nicht zu dulden, und sie sei pflichtvergessen, wenn sie es zulasse. Wenn es noch einmal geschähe, würde er die Erziehung seiner Kinder anderen Händen anvertrauen. Es war die Zeit, als sie sich noch geliebt glaubte und auf eine Wiederholung jenes ersten freundlichen Gespräches wartete. Diese Szene knickte ihre Hoffnungen. Sie sagte sich: Wenn er wegen einer so geringen Sache, und wo ich überdies ganz unschuldig bin, so auf mich losfahren kann, mir solche Drohungen sagen kann, so habe ich mich geirrt, so hat er nie eine wärmere Empfindung für mich gehabt.*

pelo senhor e o desejo pelo mesmo (contravontade e vontade) estavam reprimidos. O desejo pelo senhor aparece na consciência como afeição pelos seus filhos, e o repúdio como intenção de abandonar o emprego devido à desconsideração das pessoas da casa:

*Não agüentava ficar mais na casa. A governanta, a cozinheira e a francesa parecem ter pensado que eu me excedi em minhas funções. Uniram-se em uma pequena intriga contra mim e me denunciaram ao avô (das crianças). Não encontrei de ambos os senhores o apoio que esperava quando me queixei a eles. Depois disso, apresentei ao senhor diretor (o pai das crianças) minha demissão*²⁷⁶.

Apesar de Lucy não saber realmente do que foge (ela pensa fugir das intrigas das empregadas e da desconsideração dos senhores), o conflito remete a sua intenção de fugir do objeto hostil (abandonar a casa do senhor). Assim, portanto, a repressão patológica estaria, também aqui, a serviço da memória da vivência de dor, pois sem recordar-se dos desejos amorosos, mais fácil seria abandonar o objeto amado.

Mas, se essa explicação da repressão patológica, de que ela auxilia a fuga, pode ser aplicada à terceira vivência reprimida, analisada acima, não o pode ser à segunda vivência reprimida. Entre a primeira vivência reprimida (ataque de fúria do senhor) e a terceira (conflito entre permanecer ou não na casa do senhor), ocorre outra vivência que é reprimida e produz pela primeira vez o sintoma (perda da percepção olfativa e alucinação de sensações olfativas desprazerosas, no caso, de fumaça de charuto). Trata-se de uma percepção que recorda a fúria do senhor (o senhor, através do afeto de desprazer, é novamente identificado como um objeto perigoso) e o repúdio ao mesmo:

*Estamos todos sentados em volta da mesa ... Quando as crianças se despedem, o contador-chefe quer beijá-las. O senhor irrita-se e grita diretamente com ele 'Não beije as crianças'. Com isso, produz-se em mim uma punhalada no coração e como os senhores fumam, permanece em minha memória a fumaça dos charutos*²⁷⁷.

²⁷⁵ Essa é cronologicamente a terceira vivência reprimida de Lucy. Em seguida, analisaremos a segunda vivência reprimida.

²⁷⁶ Id., p. 133. *Es war im Hause nicht mehr auszuhalten. Die Haushälterin, die Köchin und die Französin scheinen geglaubt zu haben, daß ich mich in meiner Stellung überhebe, haben sich zu einer kleinen Intrige gegen mich vereinigt, dem Großpapa (der Kinder) alles mögliche über mich hinterbracht, und ich fand an den beiden Herren nicht die Stütze, die ich erwartet hatte, als ich bei ihnen Klage führte. Darauf habe ich dem Herrn Direktor (dem Vater der Kinder) meine Demission angeboten.*

²⁷⁷ Id., p. 138. *Jetzt sitzen wir alle um den Tisch herum ... Wie die Kinder sich verabschieden, will der Oberbuchhalter sie küssen. Der Herr fährt auf und schreit ihn geradezu na. 'Nicht die Kinder küssen.' Dabei gibt es mir einen Stich ins Herz, und da die Herren schon rauchen, bleibt mir der Zigarrenrauch im Gedächtnis.*

Nessa vivência Miss Lucy sente um afeto de desprazer, uma punhalada no coração, mas não sabe porque, pois, como a outra vivência está reprimida, não sabe identificar o objeto perigoso correspondente ao afeto de desprazer. Também nessa vivência Lucy não tem consciência nem do repúdio ao objeto hostil (contravontade), nem mesmo do desejo pelo objeto (vontade). Apenas o sintoma é consciente, mas esse nada tem a ver com a fuga. Devemos nos perguntar: a que serve essa repressão? Ela não auxilia a fuga (ela não provoca em Lucy o desejo de abandonar a casa do senhor). O sintoma, uma alucinação olfativa similar a uma conversão, não guarda nenhuma relação com qualquer tipo de fuga, evitação ou contravontade. A repressão também não evita uma fuga desnecessária, fortalecendo as intenções (no caso, eróticas) do eu (como talvez a primeira repressão o faça). Seu único efeito é tornar o afeto de desprazer e o sintoma incompreendidos. Nesse caso, é o sintoma que serve à repressão, já que é o mecanismo que permite que a idéia permaneça reprimida, e não a repressão que serve ao sintoma (como vínhamos analisando a respeito da contravontade e da compulsão de fuga). A repressão não auxilia a fuga mas está no lugar da fuga, é a própria fuga. Trata-se de um mecanismo similar à defesa do pensamento (analisada na 17ª fase do eu, quando o pensamento é interrompido), utilizado pelo eu quando a recordação está em processo de ser domada. É a forma como se foge de uma recordação e não de uma percepção.

Podemos agora corrigir nossa interpretação anterior e utilizar o mesmo raciocínio para todos os sintomas, mesmo para aqueles que coincidem com uma contravontade ou compulsão à fuga. A repressão patológica não auxilia a contravontade ou a fuga, ela só torna ambas incompreensíveis. Na repressão patológica, o perigo não é percebido e, por isso, não se sabe o que se teme e do que se foge. A mãe histérica, diferente da neurastênica, não percebe nem teme os perigos da amamentação. Ela não foge de forma mais eficiente dos perigos provocados pela amamentação que a mãe neurastênica. O que difere sua atitude da neurastênica é que não compreende sua própria atitude:

A histérica comporta-se neste caso de outra forma. ela talvez não esteja consciente de seu temor, tem a firme intenção de executar a tarefa e conduz-se para isso sem hesitação. Porém ela comporta-se então como se não tivesse, de modo algum, a vontade de amamentar a criança. ... Em contraste à fraqueza da vontade da neurastênica existe a perversão da vontade da histérica, e em contraste à resignada irresolução daquela, há espanto e irritação sobre a discrepância, incompreendida pela paciente histérica ²⁷⁸.

Na medida em que a neurastênica tem consciência dos perigos, podemos supor, é capaz de defender-se dos mesmos de forma mais eficiente que a histérica. A repressão não está a serviço da contravontade. A expressão da contravontade é apenas uma consequência da repressão. Também no caso de Emma, sua compulsão a fugir das lojas não é a razão de ser da repressão. Emma não reprime sua vivência traumática para fugir de forma mais eficiente do perigo. Emma foge compulsivamente de lojas porque guarda recordações traumáticas reprimidas. A repressão, assim como causa a compulsão à fuga, poderia também causar conversão ou alucinação. Podemos dizer que a fuga não é eficiente porque não se sabe do que se foge. Foge-se do objeto errado. A neurótica acredita que foge de uma percepção liberadora de afeto de desprazer (no caso de Emma, ela foge das lojas, no caso de Lucy, das empregadas), mas na verdade foge, através da repressão, de uma recordação liberadora desse afeto:

... não é nenhuma percepção, mas uma recordação que libera inesperadamente desprazer ²⁷⁹.

A repressão patológica, portanto, nem auxilia a fuga, nem evita fugas desnecessárias, fortalecendo as ações do eu. Ela se comporta como a defesa de pensamento que o interrompe, um tipo de fuga, que acontece no processo de desgaste da recordação.

No entanto, diferentemente do que ocorre na defesa que interrompe o pensamento, na repressão patológica não ocorre o desgaste afetivo da recordação. Trata-se de um processo primário que não é atenuado pelos processos do eu. A recordação reprimida não sofre a atenuação de sua capacidade de liberar afeto e, por isso, o aparelho psíquico reage

²⁷⁸ Ob. cit., p. 11. *Die Hysterica benimmt sich dabei anders, sie ist sich ihrer Furcht vielleicht nicht bewußt, hat den festen Vorsatz es durchzuführen und geht ohne Zögern daran. Dann aber bennimt sie sich so, als ob sie den Willen hätte, das Kind aufkeinen Fall zu säugen ... Im Gegensatz zur Willensschwäche der Neurasthenie besteht hier Willensperversion, und im Gegensatz zur resignierten Unentschlossenheit dort, hier Staunen und Erbitterung über den der Kranken unverständlichen Zwiespalt.*

²⁷⁹ Ob. cit., p. 70.

sempre da mesma forma, através de uma defesa excessiva que faz com que a recordação permaneça excluída dos processos de pensamento, permaneça inconsciente.

Mas por que o eu não consegue inibir a liberação afetiva da recordação patológica? Porque os meios que o eu tem para inibir a liberação afetiva não servem para a representação patológica. Seus meios são dois: 1) fazer-se atento à percepção do objeto hostil para, quando a mesma surgir, inibir sua facilitação com os neurônios-chave liberadores de afeto; e 2) desgastar a recordação afetiva, isto é, fortalecer as ocupações laterais, inibidoras do afeto, simultaneamente à ocupação da recordação. O primeiro meio, a atenção, é ineficiente para inibir a liberação afetiva da representação patológica pois, como já vimos, ela não provém da percepção:

*... para o eu trata-se de não permitir nenhuma liberação de afeto, dado que, neste caso, permitiria um processo primário. Sua melhor ferramenta para tanto é o mecanismo de atenção. Se uma ocupação que libera desprazer pudesse escapar a este, o eu chegaria contra ela demasiadamente tarde. Ora, trata-se justamente deste caso na próton pseudos histérica. A atenção é regulada para percepções que, de costume, dão lugar a liberação de desprazer. Aqui não é nenhuma percepção, mas uma recordação que libera inesperadamente desprazer, e o eu toma conhecimento disso demasiadamente tarde: permitiu um processo primário porque não o esperava*²⁸⁰.

O afeto de desprazer não provém de uma percepção, mas das próprias representações do eu, da atividade de pensamento. Por isso, a atenção às percepções não impede sua atenuação. O segundo meio, o desgaste das recordações afetivas através das ocupações laterais, também não ocorre, porque, em vez de o eu ocupar a recordação liberadora de afeto quando for capaz de inibi-las (quando elas estiverem domadas ou no processo de serem domadas), o eu as ocupa inadvertidamente. Como o eu não espera a liberação afetiva, ele não se prepara, através de suas ocupações laterais, para a mesma:

*Portanto se trata apenas de que uma primeira liberação de desprazer não ocorra sem a inibição do eu, que o processo não decorra como uma vivência afetiva primária póstuma, e é justamente o que se realiza no caso da próton pseudos histérica, onde a recordação dá lugar pela primeira vez à liberação de desprazer*²⁸¹.

Como, normalmente, existe uma tendência do aparelho psíquico a evitar as recordações do objeto hostil (repressão normal), quando o eu as ocupa, numa tendência

²⁸⁰ Id., p. 70/1.

oposta a tendência original do aparelho psíquico, já consegue, mesmo que minimamente, inibir sua liberação afetiva. No caso da representação patológica, o eu a ocupa sem o cuidado de dominar sua liberação afetiva, porque desconhece sua capacidade para essa liberação; ele a desconhece porque não existe, por parte do aparelho psíquico, uma tendência a evitá-la. O eu a ocupa como se fosse uma representação de um objeto de satisfação, ou que conduzisse a esta, e se depara com um desprazer, um afeto, impossível de ser dominado e inibido.

As recordações dos objetos hostis são também ocupadas antes de serem totalmente dominadas, acarretando a defesa do pensamento (interrupção do mesmo), porém, já existe nessa ocupação uma inibição por parte do eu, que vai acentuando-se, possibilitando assim a atenuação da liberação afetiva. O que é importante, portanto, não é que a recordação esteja completamente domada, mas que esteja no processo de ser domada; existe um interesse do eu de domá-las, interesse que deve se opor à tendência original do aparelho psíquico que as evita.

Uma vez ocupada a representação patológica, ocorre a repressão (sua evitação), assim como são evitadas as representações recordativas do objeto hostil. A diferença é que, no caso da repressão patológica, a ocupação do eu precede a evitação e, no caso da repressão normal (evitação da recordação do objeto hostil), a evitação precede a ocupação²⁸² do eu. Isso faz com que a primeira perdure no tempo, não se desgaste, e a segunda seja temporária. Nesse sentido, encontramos, uma inversão da teoria do desgaste proposta na *Comunicação preliminar*. Nesta, a ausência do desgaste ocorre porque a representação está dissociada da consciência, do eu. No *Projeto*, ao contrário, a representação patológica não é desgastada, justamente porque o eu não a evita; se a evitasse conseguiria desgastá-la. A representação produz uma repressão patológica porque o eu não a isola e só a integra quando tiver domínio de sua liberação afetiva (ou em processo de). A ausência do desgaste deve-se portanto à ausência da evitação e à ausência do isolamento da representação afetiva, e não a sua evitação e a seu isolamento.

²⁸¹ Id., p. 71.

²⁸² Haverá também na repressão normal uma evitação posterior à ocupação, manifesta na interrupção do pensamento ou no desvio da recordação executado pela defesa do pensar. Mas o que é importante é que há uma evitação anterior à ocupação, que assinala ao eu a necessidade de cuidados na ocupação.

Tentemos então compreender como é possível existir representações cuja carga afetiva é desconhecida do eu, não é evitada e não sofre o processo de desgaste. No *Projeto*, o que provoca a repressão patológica é a representação de uma vivência sexual *precoce*. No caso Katharina, analisado nos *Estudos sobre histeria*, a precocidade sexual aparece também como determinante do processo patológico. Katharina, assim como as outras histéricas até então analisadas, tem representações excluídas da associação do eu normal:

*... um conteúdo de consciência foi produzido, o qual, expulso da atividade do pensamento do eu, permaneceu conservado*²⁸³.

Essas representações também são sexuais, porém, de modo diferente das representações das outras histéricas analisadas e de modo semelhante às de Emma, referem-se a vivências sexuais infantis, de um período pré-sexual. Essas representações, segundo a descrição do caso Katharina, não são intencionalmente repudiadas pelo eu, mas permaneceram isoladas devido à ignorância do eu que nada sabe fazer com elas.

*A causa do isolamento não é ... a vontade do eu, mas sim a ignorância do eu, que ainda nada sabe fazer com as experiências sexuais*²⁸⁴.

As vivências sexuais infantis, que ocorrem quando o eu não sabe o que fazer com elas, não provocam nenhum efeito: nem liberação afetiva (força traumática), nem repressão. No entanto, quando são compreendidas como sexuais ganham força traumática:

*... encontra-se na análise de toda histeria baseada em traumas sexuais, que as impressões do período pré-sexual, que permanecem sem efeito na criança, mais tarde como recordações conservam poder traumático, quando tornou-se acessível à moça ou à mulher a compreensão da vida sexual.*²⁸⁵

Podemos supor que as representações sexuais precoces, quando são compreendidas, associam-se a imagens de movimento facilitadas com representações de perigo (morais), provocam afeto de desprazer e são reprimidas. Assim Freud descreveu a experiência de compreensão e repúdio das representações sexuais infantis:

²⁸³ Ob. cit., p. 152. ... *ein Bewußtseinsinhalt geschaffen wurde, welcher, von der Denktätigkeit des Ich ausgeschlossen, aufbewahrt blieb.*

²⁸⁴ Id., p. 152. *Die Ursache der Isolierung ist nicht ... der Wille des Ich, sondern die Ignoranz des Ich, das mit sexuellen Erfahrungen noch nichts anzufangen weiß.*

²⁸⁵ Id., p. 52. ... *man findet bei der Analyse jeder auf sexuelle Traumen begründeten Hysterie, daß Eindrücke aus der vorsexuellen Zeit, die auf das Kind wirkungslos geblieben sind, später als Erinnerungen traumatische Gewalt erhalten, wenn sich der Jungfrau oder Frau das Verständnis des sexuellen Lebens erschlossen hat.*

*Ela levava então consigo duas séries de vivências [as vivências sexuais infantis] que ela recordava mas não compreendia, não aproveitava para um fim; na visão do casal copulando, ela estabeleceu imediatamente a ligação da nova impressão com aquelas duas séries de reminiscências, {que} começou a compreender e simultaneamente repelir*²⁸⁶.

As impressões repelidas, no caso Katharina, são as mesmas que antes estavam isoladas do processo de pensamento do eu. Estavam isoladas porque não eram compreendidas como sexuais pelo eu. Voltam ao estado de isolamento porque provocam desprazer e repúdio. Existe, no entanto, uma dificuldade em representar no aparelho psíquico o isolamento original dessas representações. Se elas estão isoladas dos processos de pensamento do eu, como são recordadas? Sim, porque, como aponta a citação acima, elas são recordadas. No *Projeto* também a recordação patológica é recordada, mas isso se deve ao fato de ela não estar excluída do processo de pensamento, não estar isolada.

Deixemos de lado a idéia, do caso Katharina, de que a representação das vivências sexuais infantis permanecem dissociadas do eu, mas mantenhamos a idéia de que elas não são aproveitadas para um fim. O que significa que a vivência sexual infantil, quando recordada, não é compreendida e aproveitada para um fim? Seguindo as hipóteses do *Projeto*, podemos dizer que elas seriam aproveitadas para um fim se o eu conseguisse alcançar a identidade entre elas e a imagem desiderativa, no caso, o objeto sexual; ou, se despertassem afetos desprazerosos, fossem abandonadas.

Para compreender melhor esse processo, pensemos nas conseqüências das vivências sexuais na vida adulta. Assim como na vivência da fome, podemos supor que existem vivências de satisfação da excitação sexual que facilitam um caminho entre: 1) neurônios do núcleo que são ocupados com a excitação sexual; 2) objeto sexual desiderativo; e 3) imagem motora reflexa de eliminação da excitação, do coito. Quando surge a excitação sexual (os neurônios do núcleo são ocupados), o eu envia ocupações para as percepções de objetos (atenção), as conduz até a representação desiderativa (pensamento) e inerva as imagens de movimento que encontra no caminho. A inervação das

²⁸⁶ Id., p. 149/150. *Sie trug damals zwei Reihen von Erlebnissen mit sich, die sie erinnerte, aber nicht verstand, zu keinem Schlusse verwertete; beim Anblick des koitierenden Paares stellte sie sofort die Verbindung des neuen Eindrucks mit diesen beiden Reihen von Reminiszenzen her, begann zu verstehen und gleichzeitig abzuwehren.*

imagens de movimento provoca a ação específica que transforma o objeto percebido no objeto sexual desejado e provoca a eliminação eficiente²⁸⁷. Portanto, a vivência sexual, ou melhor, sua representação, é aproveitada para um fim quando serve para alcançar uma eliminação eficiente ou preparar facilitações para futuras eliminações eficientes.

Pode acontecer ainda outra situação; quando, na vivência sexual, a imagem motora que transforma o objeto percebido no objeto desejado é inervada, ela pode provocar liberação de afeto de desprazer, pois pode estar facilitada com neurônios-chave que assinalam seu perigo. Aos poucos, no entanto, como qualquer outra recordação afetiva, as imagens de movimento sexuais têm sua capacidade de liberação afetiva inibida (inibição que mecanicamente é possibilitada pelos caminhos laterais e subjetivamente pela associação com outras representações que possibilitam a resolução do conflito com a representações morais).

A vivência sexual infantil não é aproveitada em nenhum dos dois casos, pois, podemos supor, não existe um caminho facilitado que sirva de referência para ser reconhecido o objeto sexual, nem existe a imagem de movimento que possibilita a eliminação (não há a representação do coito). Muito menos existem as imagens de movimento da ação específica facilitadas com neurônios liberadores de afeto de desprazer (que indicam o perigo).

No entanto, mesmo sem ser aproveitada, ela faz parte das ocupações do eu, pois é recordada. A vivência sexual infantil, portanto, não corresponde àquelas impressões externas cuja Q se perde em ψ . Provavelmente ela corresponde àqueles complexos representativos possibilitados pelo juízo que substituem os complexos perceptuais no processo de pensar.

Se, para todos, as vivências sexuais infantis não são aproveitadas para um fim, mas são recordadas e, nessa recordação, podem provocar um afeto que não pode ser inibido pelo eu, a repressão patológica pode ocorrer em qualquer pessoa. No caso Katharina, Freud considera a existência de representações sexuais infantis um processo normal:

²⁸⁷ Essa suposição baseia-se também no diagrama esquemático da sexualidade apresentado no *Manuscrito G* enviado a Fliess.

*A separação de grupos psíquicos é, por assim dizer, um processo normal no desenvolvimento do adolescente e torna-se compreensível que sua admissão posterior no eu dê ocasião, aproveitada bastante freqüentemente, para perturbações psíquicas*²⁸⁸.

No Projeto, a normalidade daquilo que se tornará repressão patológica também é apontada:

*Embora na vida psíquica não exista habitualmente uma recordação que desperte um afeto que não trouxe consigo enquanto vivência, para a representação sexual, entretanto, isso é totalmente comum, justamente porque o retardo da puberdade é um caráter geral da organização*²⁸⁹.

Entretanto, nem todos os adolescentes apresentam o mecanismo da repressão patológica, nem todos se tornam neuróticos. Deve-se encontrar uma característica na repressão patológica que a limite ao pequeno número de pessoas que se tornam neuróticas:

*Ainda se necessitaria evidentemente de momentos cooperativos se se devesse limitar esta necessidade geral ao pequeno número de pessoas que efetivamente se tornam histéricas*²⁹⁰.

Poderíamos supor que nem todas as representações sexuais infantis provocam afeto, i.e., entram em conflito com outras representações do eu. Isso diferenciaria o mecanismo patológico do normal. Mas, ainda assim, seria muito extenso o universo da repressão patológica, pois pouquíssimas representações sexuais (mesmo que não sejam infantis) não despertam um afeto de desprazer que necessita ser inibido pelo eu. A solução de Freud para diferenciar a normalidade da histeria é outra. Para compreendê-la, voltemos ao caso Katharina. A representação sexual infantil que provoca desprazer e repressão é a sensação do corpo do tio:

*Agora já sei o que a senhora pensou naquela ocasião, quando olhou para dentro do quarto. A senhora pensou: agora ele faz com ela [com a prima] o que naquela noite e em outras vezes quis fazer comigo. Isso a repugnou, pois recordou-se da sensação de quando a senhora, na noite, foi acordada e sentiu o corpo dele*²⁹¹.

²⁸⁸ Id., p. 152. *Die Abspaltung psychischer Gruppen ist sozusagen ein normaler Vorgang in der Entwicklung der Adoleszenten, und es wird begreiflich, daß deren spätere Aufnahme in das Ich einen häufig genug ausgenützten Anlaß zu psychischen Störungen gibt.*

²⁸⁹ Ob. cit., p. 68.

²⁹⁰ Id., p. 68.

²⁹¹ Ob. cit., p. 150. *Jetzt weiß ich schon, was Sie sich damals gedacht haben, wie Sie ins Zimmer hineingeschaut haben. Sie haben sich gedacht: Jetzt tut er mit ihr, was er damals bei Nacht und die anderen Male mit mir hat tun wollen. Davor haben Sie sich geekelt, weil Sie sich an die Empfindung erinnert haben, wie Sie in der Nacht aufgewacht sind und seinen Körper gespürt haben.*

Podemos supor que se trata de uma impressão tátil. Segundo o *Projeto*, uma sensação, impressão, que não esteja facilitada com a imagem desiderativa ou com uma imagem de movimento, não forma um complexo coisa/predicado. Nesse caso, não serve para um fim, já que não se associa a uma imagem desiderativa, nem é julgada, pois não se associa a uma imagem de movimento. É isso que ocorre com as sensações presentes numa vivência sexual infantil:

Cabe ainda observar para o julgar que seu fundamento de existência está manifestamente nas próprias experiências corporais, sensações e imagens de movimento. Na medida em que estas (as imagens de movimento) faltam, a parte variável do complexo perceptivo permanecerá incompreendida, isto é, poderá ser reproduzida, mas não dará nenhuma direção para caminhos posteriores do pensar. Assim por exemplo ... todas as experiências sexuais não exteriorizarão nenhum efeito enquanto o indivíduo não conhecer sensação sexual, ou seja, em geral, até o começo da puberdade²⁹².

Como é possível reproduzir essa sensação, se ela não se inseriu em um complexo coisa/predicado e não se constituiu em um objeto de juízo? Provavelmente, ela só pode ser reproduzida, recordada, por meio da percepção, quando outra sensação tátil semelhante ocorrer. Trata-se daquelas representações indiferentes, cujas impressões dispersam-se no interior do aparelho psíquico de acordo com as facilitações originais presentes na arquitetura do sistema, e cuja passagem de Q no máximo intensifica as facilitações preexistentes. São representações que não se inserem num sistema de memória, nem na memória determinada pelo funcionamento de ψ , nem na memória determinada pelo funcionamento do eu. Essa situação, no entanto, não é aquela que acarreta a repressão patológica. Tanto no caso de Katharina, como no caso de Emma, não ocorreu nova sensação tátil para que a representação da vivência sexual infantil fosse recordada. Elas foram recordadas como um complexo que se associou a outro complexo perceptivo (a visão do tio com a prima, no caso de Katharina, e a entrada em outra loja, no caso de Emma). Será, então, necessário supor algo que funcione como a imagem motora no processo de julgar, para que a vivência sexual infantil faça parte de um complexo submetido ao juízo, e não se caracterize como impressões que se perdem em ψ . Cumprirá esse papel a liberação sexual precoce, presente apenas nos neuróticos:

²⁹² Ob. cit., p. 46. O que está entre chaves é nosso.

*a experiência leva-nos a conhecer os histéricos como pessoas de quem se sabe, em parte, que elas, através de excitação mecânica e de sentimentos (masturbação), tornaram-se sexualmente excitáveis precocemente, e de quem, em parte, pode-se supor que a liberação sexual precoce esteja presente em sua disposição*²⁹³.

Os histéricos, diferentemente dos normais, têm sensações sexuais na infância. A sensação sexual deve ser compreendida como impressões externas associadas a ocupações do núcleo do eu, determinadas pela liberação sexual. Talvez aqui o mais fácil seja supor que a liberação sexual provoca uma inervação dos genitais e portanto coincida com uma imagem de movimento própria²⁹⁴.

Devemos nos perguntar: a existência dessas sensações sexuais na infância faz com que a vivência seja conduzida a um fim sexual ou associe-se com representações de perigo? Certamente não. As vivências sexuais infantis não são aproveitadas para um fim, sejam elas acompanhadas de sensação (liberação) sexual ou não. Caso contrário, não teríamos nenhuma caracterização do período pré-sexual e não teria nenhuma importância a precocidade da liberação sexual. É a precocidade que faz da sensação sexual característica dos histéricos:

*Mas no que deve consistir o significado da precocidade na liberação sexual? Aqui todo peso recai na precocidade; pois de modo algum se sustenta que a liberação sexual em geral dá motivo a repressão; isto tornaria novamente a repressão em um processo de frequência normal*²⁹⁵.

Podemos então supor que a vivência sexual precoce acompanhada de sensação sexual é julgada, mas, como as vivências sexuais desacompanhadas de sensação sexual, ela não é aproveitada para um fim. Quando, na adolescência, for constituído um caminho de memória de eliminação eficiente da excitação sexual, a vivência sexual infantil julgada pelo eu será reconhecida como sexual, associar-se-á a representações de perigo, provocará afeto e repressão patológica. As vivências sexuais infantis desacompanhadas de liberação sexual só serão reconhecidas como sexuais se as mesmas sensações, na adolescência, novamente surgirem a partir da percepção. Nesse caso, no entanto, o eu poderá usar o mecanismo da

²⁹³ Id., p. 68.

²⁹⁴ Mas, também, podemos supor que a liberação sexual corresponde à ocupação de um neurônio do núcleo, como a fome, sem que este, no entanto, participe de um caminho de memória de eliminação, mas sirva só de referência para o julgamento das impressões da vivência.

²⁹⁵ Id., p. 69.

atenção para inibir a liberação afetiva e o mecanismo não se caracterizará como repressão patológica.

Com a hipótese de liberação sexual precoce, Freud pode explicar na totalidade a repressão patológica. Por ser *sexual*, associa-se com representações liberadoras de afeto de desprazer que provocam a repressão. O sexual dá o motivo para o mecanismo (repressivo). A *liberação* de excitações endógenas justifica a participação de sua representação nos processos do eu. A liberação faz com que a representação submeta-se ao juízo. A *precocidade* justifica a ausência original de repúdio a sua representação e, conseqüentemente, a incapacidade do eu de inibir a liberação afetiva de sua representação. A precocidade justifica a ausência do desgaste, o que faz a repressão tornar-se patológica.

Capítulo 5: O destino teórico da vivência de dor e da vivência de satisfação.

Encontramos no *Projeto* duas teorias, compatíveis mas distintas, do funcionamento psíquico: a teoria da vivência de dor e a teoria da vivência de satisfação.

A primeira baseia-se em um princípio biológico. A vivência de dor (a inserção de altas Qs externa no interior do aparelho psíquico) provoca uma associação entre o objeto fonte de dor e o desprazer que, por sua vez, provoca a repressão (fuga ou repúdio de sua recordação). A vivência de dor serve de referência ao afeto. O afeto de desprazer simula uma vivência de dor, possibilitando que o aparelho psíquico, mediante a percepção do objeto hostil, fuja, evitando assim outra incidência de altas Qs no interior do aparelho (isto é, a dor). O afeto sinaliza o perigo, antecipa-se à dor e a evita. O afeto tem uma finalidade biológica que é motivar a fuga e a repressão. A repressão é desencadeada pelo afeto e tem uma finalidade biológica: fugir da dor. Ela independe dos processos do eu. O afeto e a repressão consistem em heranças biológicas com valor adaptativo. O eu terá o papel de limitar a liberação afetiva (e não suprimi-la), tornando-a um sinal para uma defesa mais adequada que a fuga. À repressão patológica faltará o trabalho inibitório do eu.

A segunda teoria, a da vivência de satisfação, justifica o desejo e o desenvolvimento do eu. Ela não é determinada pela função biológica, mas por representações de vivências. Com a teoria da vivência de satisfação, supõe-se um aparelho psíquico determinado por representações internas e que age não apenas para satisfazer suas necessidades biológicas, mas para transformar o mundo externo num mundo semelhante ao mundo interno desejado.

Ainda que fundamentadas de formas distintas, as duas motivações humanas são determinadas pelas duas vivências originais: a vivência de satisfação determina a atração por objetos de satisfação, i.e., determina o desejo, e a vivência de dor determina o repúdio pelos objetos hostis e, com isso, determina a repressão.

Qual será o destino dessas vivências e suas respectivas motivações no desenvolvimento da teoria freudiana? A grosso modo, podemos dizer que Freud,

primeiramente, desenvolverá a idéia de que as vivências de satisfação provocam não só o desejo, mas também a repressão. Para isso Freud irá articular desejo e repressão.

Essa articulação entre desejo e repressão terá sua solução mais satisfatória na teoria da sexualidade formulada em 1905. Fará então parte do desenvolvimento sexual o repúdio às próprias praticas sexuais, o qual, em última instância, será determinado organicamente:

*Durante esse período total ou simplesmente parcial de latência são construídas as forças psíquicas que mais tarde se colocam no caminho da pulsão sexual como obstáculo e, assim como um dique, limitarão sua direção (a repugnância, o sentimento de vergonha, as exigências de ideal morais e estéticas). ... Na verdade, esse é um desenvolvimento condicionado organicamente, fixado de forma hereditaria e pode, ocasionalmente, estabelecer-se por completo sem ajuda da educação*²⁹⁶.

A justificativa desse desenvolvimento orgânico, por sua vez, tem muita semelhança com as formulações sobre a vivência de satisfação do *Projeto*. Trata-se da direção do desenvolvimento rumo à função biológica (reprodutiva) que – assim como a ação específica que satisfaz a fome, no *Projeto* – está postergada:

*Os movimentos sexuais da infância, por um lado, não seriam utilizáveis pois a função reprodutiva está adiada, o que constitui o caracter principal do período de latência. Por outro lado, eles seriam em si perversos, isto é, provindos das zonas erógenas e trazidos pelas pulsões que, de acordo com a direção do desenvolvimento do indivíduo, apenas poderiam provocar sensação de desprazer. Por isso, eles despertam contraforças psíquicas (movimentos de reação) que, para suprimir efetivamente tal desprazer, constroem os diques psíquicos mencionados: repugnância, vergonha e moral*²⁹⁷.

²⁹⁶ Drei Abhandlung zur Sexualtheorie, p. 85. Während dieser Periode totaler oder bloß partieller Latenz werden die seelischen Mächte aufgebaut, die später dem Sexualtrieb als Hemmnisse in den Weg treten und gleichwie Dämme seine Richtung beengen werden (der Ekel, das Schamgefühl, die ästhetischen und moralischen Idealanforderungen). Man gewinnt beim Kulturkinde den Eindruck, daß der Aufbau dieser Dämme ein Werk der Einziehung ist, und sicherlich tut die Erziehung viel dazu. In Wirklichkeit ist diese Entwicklung eine organisch bedingte, hereditär fixierte und kann sich gelegentlich ganz ohne Mithilfe der Erziehung herstellen.

²⁹⁷ Id., p. 86. Die sexuellen Regungen dieser Kinderjahre wären einerseits unverwendbar, da die Fortpflanzungsfunktionen aufgeschoben sind, was den Hauptcharakter der Latenzperiode ausmacht, andererseits wären sie an sich pervers, das heißt von erogenen Zonen ausgehend und von Trieben getragen, welche bei der Entwicklungsrichtung des Individuums nur Unlustempfindungen hervorrufen könnten. Sie rufen daher seelische Gegenkräfte (Reaktionsregungen) wach, die zur wirksamen Unterdrückung solcher Unlust die erwähnten psychischen Dämme: Ekel, Scham und Moral aufbauen.

O desenvolvimento sexual corresponderá à transformação de pulsões que visam somente ao prazer em uma pulsão que cumpre a função sexual biológica (o coito e a reprodução). É evidente a semelhança com a teoria da vivência de satisfação do *Projeto*, na qual a alucinação do objeto de satisfação deve ser inibida para que o organismo possa executar a ação específica referente à satisfação da fome. A repressão, na teoria da sexualidade, cumpre o papel da inibição da alucinação, no *Projeto*. Transferindo a constituição do desejo, da fome para a sexualidade, Freud consegue ampliar de forma considerável (no mínimo até a puberdade) o domínio do princípio do prazer e, com isso, reduz drasticamente o domínio de um eu realidade que cumpre funções biológicas. Assim é ampliado o domínio do inconsciente sobre o aparelho psíquico (e, portanto, o campo da psicanálise) em detrimento do domínio biológico.

Podemos dizer que, até 1914, predomina, nas elaborações teóricas de Freud, a teoria dos objetos de satisfação (no caso, sexuais). A própria dor, assim como a repressão, caracteriza-se, nos *Três ensaios*, como um destino (uma contraforça) da pulsão sexual (especificamente da pulsão sádico-masquista), sem nenhuma positividade como conceito. A teoria dos objetos hostis é abandonada junto com o abandono da teoria traumática. Na verdade, vimos que, no próprio *Projeto*, a teoria da vivência de dor, do trauma, não foi suficiente para explicar a repressão patológica na sua totalidade. Precisou-se acrescentar a característica de posterioridade a algumas liberações afetivas, para supor uma repressão que não sofresse o processo de desgaste. Não sendo suficiente para explicar a patologia, que será explicada pela teoria dos objetos de satisfação (vivências de satisfação), a teoria da vivência de dor desaparecerá da teoria psicanalítica.

No entanto, com as formulações sobre o narcisismo de 1914, vemos surgir nas formulações freudianas um princípio original defensivo muito próximo daquele determinante da teoria da vivência de dor. A sexualidade, que até então tinha como referência a função biológica (esta era a referência mesmo que teleológica), passa a ter como referência a dor (os genitais passam a caracterizar-se como órgãos doloridos, vinculados à fantasia de castração) e o repúdio ao mundo hostil. Parece-nos que a teoria do narcisismo, de alguma forma, reafirma a motivação original do organismo de fugir, de defender-se dos objetos hostis, sem utilizá-la, no entanto, como motivação da repressão.

Assim como a teoria do narcisismo reafirmará essa motivação original presente no *Projeto*, a noção de pulsão de morte contrapor-se-á à originalidade dessa motivação. A pulsão de morte opõe-se a qualquer defesa da vida; com ela é formulada a noção de masoquismo primário, de um desejo pela dor, que antecede o repúdio à mesma. O narcisismo passa, então, a ser considerado um movimento posterior capaz de estancar os efeitos da pulsão de morte.

Podemos dizer que Freud, com a noção de sexualidade (*Três ensaios*), concebe um repúdio às vivências de prazer e, com a noção de pulsão de morte, uma atração pelas vivências de dor; motivações exatamente opostas àquelas teorizadas originalmente no *Projeto*.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- ADLER, ALFRED. Estudios sobre la inferioridad de los organos. Barcelona, Ediciones Paidos, 1980.
- BREUER, JOSEPH/FREUD, SIGMUND. (1895). Studien über Hysterie. Fischer Taschenbuch Verlag. 1990. Gesammelte Werke, Band I, Frankfurt, S. Fischer, 1977. Estudos sobre a histeria. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Freud, R.J., Imago, vol II.
- CANEPPELE, ALESSANDRA. A angústia na formação da concepção freudiana de afeto. Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia da FFCHL da USP.
- DARWIN, CHARLES. (1859) Origem das espécies. B.H., Ed. Itatiaia, S.P., Ed. Universidade de São Paulo, 1985.
- (1871) A descendência do homem e a seleção sexual. R.J. Editora Marisa, 1933.
- (1873) La expresión de las emociones en el hombre y en los animales. Tomo I e II. Valencia, F. Sempere y C^a, Editores.
- DELEUZE, GILLES. Apresentação de Sacher-Masoch. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora, 1983.
- DELEUZE, G. / GUATTARI, FELIX. O anti-édipo – Capitalismo e Esquizofrenia. Lisboa, Assírio & Alvim, 1966.
- Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol I. R. J., Editora 34, 1995.
- FERENCZE, SANDOR (1913) Stages in the development of the sense of reality. Sex in Psychoanalysis. New York, Basic Books, inc. Publishers
- FORRESTER, JOHN. Seduções da Psicanálise: Freud, Lacan, Derrida. Campinas, Papyrus, 1990.
- FREUD, SIGMUND. (1891) A interpretação das afasias. Lisboa, Edições 70, 1977.
- (1892-93) Ein Fall von hypnotischer Heilung, nebst Bemerkung über die Entstehung hysterischer Symptome durch den ‘Gegenwillen’. Gesammelte Werke, Band I, Frankfurt, S. Fischer,. Um caso de cura pelo hipnotismo. Edição Standart Brasileira, R.J., Imago, vol I.
- (1893) Quelques Considérations pour une Étude Comparative des Paralysies Motrices Organiques et Hystériques. G.W., Band I. Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. E.S.B., vol I.
- (1895 [p. 1950]) Entwurf Einer Psychologie. G.W., Nachtragsband. Projeto de uma psicologia. Obras isoladas de Freud, tradução Osmyr Faria Gabbi Jr., 1995, R.J., Imago.
- (1894) Die Abwehr- Neuropsychosen. G.W., Band I. As neuro-psicoses de defesa. E.S.B., vol III.

- (1895) Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als "Angstneurose" abzutrennen. G.W., Band I. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada "neurose de angústia". E.S.B., vol III
- (1896) Zur Ätiologie der Hysterie. G.W., Band I. A etiologia da histeria. E.S.B., vol III.
- (1900) Die Traumdeutung. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, 1980. A interpretação de sonhos. E.S.B., vol IV e V.
- (1905) Drei Abhandlung zur Sexualtheorie. Studienausgabe, Frankfurt, S.Fischer Verlag, Band V (Sexualleben). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. E.S.B., vol VII.
- (1909) Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben. G.W. Band VII. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. E.S.B., vol X.
- (1909) Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose. Studienausgabe. Band VII (Zwang, Paranoia und Perversion). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. E.S.B., vol X.
- (1910) Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci. G.W., Band VIII. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. E.S.B., vol XI.
- (1911) Formulierung über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. Studienausgabe, Band III (Psychologie des Unbewußten). Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental. E.S.B., vol XII.
- (1911) Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides). Studienausgabe, Band VII. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides). E.S.B., vol XII.
- (1913) Totem und Tabu. G.W., Band IX. Totem e tabu. E.S.B., vol XIII.
- (1914) Zur Einführung des Narzißmus. Studienausgabe, Band III. Sobre o narcisismo: uma introdução. E.S.B., vol XIV.
- (1914 [p. 1918]) Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. G.W. Band XII. História de uma neurose infantil. E.S.B. vol XVII.
- (1915) Triebe und Tribschicksale. Studienausgabe, Band III. Os instintos e suas vicissitudes. E.S.B., vol XIV.
- (1915) Die Verdrängung. Studienausgabe, Band III. A repressão. E.S.B., vol XIV.
- (1915) Das Unbewußte. Studienausgabe, Band III. O inconsciente. E.S.B. vol XIV.
- (1915 [p.1917]) Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre. Studienausgabe. Band III. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. E.S.B., vol XIV.
- (1915 [1917]) Trauer und Melancholie. Studienausgabe. Band III. Luto e melancolia. vol XIV.

- (1915 [1985]) Übersicht der Übertragungsneurosen. Neuroses de Transferência: uma síntese (manuscrito recém-descoberto). Versão bilíngue, R.J., Imago, 1987.
- (1916 - 1917) Vorlesung zur Einführung in die Psychoanalyse - Dritter Teil: Allgemeine Neurosenlehre. Fischer Taschenbuch Verlag. 1991. Conferências introdutórias sobre psicanálise - parte III: teoria geral das neuroses. E.S.B., vol XVI.
- (1920) Jenseits des Lustprinzips. Studienausgabe, Band III. Além do princípio do prazer. E.S.B., vol XVIII.
- (1887 - 1904) Correspondência para Wilhelm Fliess, org. Masson, J.M.. R.J., Imago, 1986.
- GABBI JR., OSMYR FARIA. Freud: racionalidade, sentido e referência. Campinas, Unicamp, Coleção C.L.E., 1994
- Notas críticas sobre Entwurf einer Psychologie. Projeto de uma psicologia (Freud,S). R.J., Imago, 1995.
- Memória e Desejo. In: Prado Jr, Bento (org). Filosofia da psicanálise. S.P., Brasiliense, 1991.
- Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana. In: Prado Jr, Bento (org). Filosofia da psicanálise. S.P., Brasiliense, 1991.
- GARCIA-ROZA, LUIZ ALFREDO. Introdução à metapsicologia freudiana: Sobre as afásias – O Projeto de 1895. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1991.
- Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões. R.J., Jorge Zahar Ed., 1986.
- GAY, PETER. Freud, uma vida para nosso tempo. S.P., Companhia das Letras, 1989.
- GREEN, ANDRÉ. O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto. R. J., Francisco Alves, 1982.
- GRUBRICH-SIMITS, ILSE (1985) Metapsicologia e Metabiologia. Ensaio complementar a "Neuroses de Transferência:uma síntese" (Freud, S.). R.J., Imago.
- HANNS, LUIZ. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- JONES, ERNEST. Vida e obra de Sigmund Freud. R. J., Zahar Editores, 1979.
- LACAN, JACQUES. O Seminário. Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- O seminário. Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor , 1988.
- LAMARCK, J. B. (1809) Philosophie Zoologique. Paris, Schleicher Frères, Editeurs, 1907.
- LAPLANCHE, JEAN. Vida e morte em psicanálise. Porto Alegre, Artes médicas, 1985.

- LAPLANCHE, J. / PONTALIS, J. B. Fantasia originária, fantasias das oigens, origens da fantasia. R.J., Jorge Zahar Editor, 1988
- Vocabulário de Psicanálise. Santos, Martins Fontes, 1977.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE, O totemismo hoje. Lisboa, Edições 70, 1986.
- MEZAN, RENATO. Freud, a trama dos conceitos. S.P., Perspectiva, 1982.
- Freud – pensador da cultura. S. P., Brasiliense.
- MILIDONI, CARMEM BEATRIZ. Heurística do Projeto. Tese apresentada ao Departamento de Filosofia do IFCH da Unicamp.
- MONZANI, LUIZ ROBERTO. Freud: o movimento de um pensamento. Campinas, Editora da Unicamp, 1989
- A "fantasia" freudiana. In: Prado Jr, Bento (org). Filosofia da psicanálise. S.P., Brasiliense, 1991.
- Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In: Prado Jr, Bento (org). Filosofia da psicanálise. S.P., Brasiliense, 1991.
- PRADO JR., BENTO A narrativa na psicanálise, entre a história e a ficção. Narrativa: ficção e história, org. Dirce Côrtes Riedel. R.J., Imago, 1988.
- Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud. In: Filosofia da Psicanálise. Brasiliense. 1991
- PRIBRAM, KARL H. / GILL, MERTON M. O “Projeto” de Freud – uma reavaliação. S.P., Cultrix, 1976.
- RICOEUR, PAUL. Da interpretação: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- O conflito das interpretações. R.J., Imago.
- RITVO, LUCILLE B. A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências. R.J., Imago, 1992.
- SCHREBER, DANIEL P. Memória de um doente dos nervos. R.J., Graal, 1985.
- SIMANKE, RICHARD T. A formação da teoria freudiana das psicoses. R.J., Editora 34, 1994.
- SULLOWAY, FRANK J. Freud: Biologist of the mind. Fontana Paperbacks, 1979.
- WOLHEIM, RICHARD. Freud. S.P., Cultrix, 1972.